

A portrait of a man with dark hair, a mustache, and a goatee, wearing a dark suit jacket, a white shirt, and a dark tie. The portrait is framed by a white border with an orange outline. The background is a soft, out-of-focus orange and yellow.

Orientação para a Área de Estudo do Espiritismo

Federação Espírita Brasileira
Conselho Federativo Nacional



Orientação para a Área de Estudo do Espiritismo

**Introdução ao Estudo do Espiritismo (IEE)
Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE)
Estudo da Obra Básica (EOB)
Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE)
Outros Estudos**

Federação Espírita Brasileira

Orientação para a Área de Estudo do Espiritismo

Introdução ao Estudo do Espiritismo (IEE)
Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE)
Estudo da Obra Básica (EOB)
Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE)
Outros Estudos

Coordenação:
Área Nacional de Estudo do Espiritismo do
Conselho Federativo Nacional/FEB



Copyright © 2019 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 1ª impressão – 2/2019

ISBN 978-85-9466-260-6

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6155/6177 – comercialfeb@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

F293o Federação Espírita Brasileira. Conselho Federativo Nacional

Orientação para a área de estudo do espiritismo / Organizado pela equipe da área nacional de Estudo do Espiritismo do Conselho Federativo nacional da FEB; Carlos Roberto Campetti, responsável pela equipe – 1. ed. – 1. imp. – Brasília: FEB, 2019.

231 p.; 25 cm

Introdução ao estudo do Espiritismo (IEE). Estudo sistematizado da doutrina espírita (ESDE). Estudo da obra básica (EOB). Estudo aprofundado da doutrina espírita (EADE). Outros estudos.

ISBN 978-85-9466-260-6

1. Educação. I. Espiritismo. II. Federação Espírita Brasileira. III. Título.

CDD 133.9

CDU 133.7

CDE 60.00.00

AGRADECIMENTO

Aos trabalhadores voluntários que colaboraram para que esta *Orientação para a área de estudo do espiritismo* (OAEE) fosse concretizada, com a expectativa de sua utilidade a quem se dedique a facilitar a integração das pessoas nos estudos e nas atividades das casas espíritas em todo o Brasil.

SUMÁRIO

<i>Notas</i>	13
<i>Apresentação</i>	15
O que é esse documento	16
O que ele pretende	16
Como ele foi elaborado	16
A quem agradecemos	16
Em que princípios nos apoiamos.....	17
Premissas de Allan Kardec	17

PRIMEIRA PARTE

DIRETRIZES GERAIS PARA IMPLANTAÇÃO DOS ESTUDOS

Capítulo 1 – O que é a Área de Estudo do Espiritismo.....	23
1.1 Definição da AEE	23
1.2 Abrangência	23
1.3 Público a que se destina.....	24
1.4 Referenciais	24
1.5 Diretrizes da AEE	24
1.6 Finalidade	26
1.7 Objetivos.....	26
1.8 Ações propostas	27
1.8.1 O que propor	27
1.8.2 Por que propor.....	31
1.8.3 Como e quando propor	31
1.8.4 Quais os benefícios esperados	32

Capítulo 2 – Público a que se destinam os estudos	35
Capítulo 3 – Implantação da AEE.....	39
3.1 Criar a área e respectivos setores.....	39
3.2 Estruturar os estudos	40
3.3 Formar equipas de trabalho	40
3.4 Seleção de programas de estudo	42
3.4.1 Para escolher um programa de estudo	42
3.4.2 Para elaborar um programa de estudo	42
3.5 Espaço físico para cada estudo	42
3.6 Espaço para consulta bibliográfica	43
3.7 Como montar grupos de estudo.....	43
3.8 Como manter o participante no estudo.....	43
3.9 Planejamentos	45
3.9.1 Curto prazo	45
3.9.2 Médio prazo	45
3.9.3 Longo prazo	45
3.10 Divulgação e inscrição	46
3.11 Execução e avaliação das ações.....	47
3.12 Manutenção.....	48
3.12.1 Integração	49
3.12.2 Replanejamento.....	49
3.12.3 Construção contínua	50
Capítulo 4 – O trabalhador voluntário	51
4.1 Como formar facilitadores e multiplicadores.....	51
4.2 Perfil e atribuições dos colaboradores da AEE	52
4.2.1 Exemplo de perfil	52
4.2.2 Exemplos de atribuições.....	55
4.3 Especificidades de cada estudo	56

4.4 Termo de adesão ao trabalho voluntário.....	57
Capítulo 5 – Metodologia do estudo da Doutrina Espírita	59
5.1 Por que planejar o estudo?	61
5.2 O que planejar para o estudo?.....	62
5.3 Por que usar técnicas de estudo?	62
5.3.1 Por que estudar em grupo?	63
5.3.2 Por que incentivar o estudo individual?.....	64
5.3.3 Por que a pesquisa bibliográfica?	64
5.4 Avaliação.....	65
5.4.1 O que avaliar?	66
5.4.2 Quando avaliar?	66
Capítulo 6 – A integração dos participantes dos estudos nas demais atividades da Casa Espírita	69

SEGUNDA PARTE

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA IMPLANTAÇÃO DE CADA ESTUDO

Apresentação.....	73
Capítulo 7 – Introdução ao Estudo do Espiritismo (IEE)	75
7.1 Organização	75
7.2 Funcionamento	75
7.3 Público a que se destina.....	76
7.4 Objetivos gerais.....	77
7.5 Objetivos específicos	77
7.6 Proposta metodológica	77
7.7 Temas	78
Capítulo 8 – Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) ...	79
8.1 O que é estudar de forma sistematizada?	79
8.2 Quais são as consequências do ESDE?	79
8.3 Organização	80

8.4 Funcionamento	81
8.5 Público a que se destina	81
8.6 Objetivos	82
8.7 Metodologia do ESDE	82
8.8 Programa de estudo	83
Capítulo 9 – Estudo da Obra Básica (EOB).....	85
9.1 Organização	85
9.2 Funcionamento	85
9.3 Público a que se destina	86
9.4 Objetivos do EOB	86
9.5 Proposta metodológica	87
9.6 Avaliação	87
Capítulo 10 – Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE) .	89
10.1 Finalidade	89
10.2 Conceito	89
10.3 Funcionamento	90
10.4 Público a que se destina	90
10.5 Objetivo geral	90
10.6 Objetivos específicos	90
10.7 Proposta metodológica	91
10.8 Programa	91
Capítulo 11 – Outros Estudos	93
11.1 Apresentação	93
11.2 Público a que se destina	93
11.3 Objetivo geral	93
11.4 Objetivos específicos	93
11.5 Proposta metodológica	94
11.6 Funcionamento	94

11.7 Indicação/sugestão das obras subsidiárias	95
Conclusão	101
Apêndice A – Como surgiu a AEE – Breve histórico	103
Apêndice B – Exemplos simplificados de organograma conforme o tamanho da Instituição	107
Exemplo 1.....	107
Exemplo 2.....	108
Exemplo 3.....	109
Apêndice C – Exemplo de um plano de trabalho	111
1. Justificativa	111
2. Objetivos e ações	111
2.1 Objetivos específicos.....	111
2.2 Ações	112
3. Proposta de trabalho	113
3.1 Formação dos grupos	113
3.2 Planejamento das atividades dos grupos	114
3.3 Distribuição de facilitadores e estagiários	115
3.4 Formação de facilitadores e estagiários.....	115
4. Estrutura organizacional e competências	116
4.1 Estrutura organizacional para o funcionamento do estudo	116
4.2 Competências das equipes (somente a título de exemplo, pois deve ser adaptado a cada realidade) ..	117
4.3 Horários	122
5. Cronograma geral e funcionamento	122
6. Instrumentos de avaliação	122
7. Anexos	122
Apêndice D – Metodologia.....	127

Apêndice E – O que planejar para o estudo	137
Apêndice F – Exemplos de atividade contextualizada	141
Apêndice G – Estudo em grupo	145
Apêndice H – Avaliação	149
Apêndice I – Exemplos de instrumentos de avaliação	153
Apêndice J – Exemplo de ficha de inscrição.....	159
Apêndice K – Bibliografia utilizada pelo ESDE/FEB	161
Anexo A – O Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita nos seus 35 anos	221
Anexo B – Como organizar uma sala de consulta bibliográfica e apoio	223
Anexo C – Exemplo de termo de trabalho voluntário	233

NOTAS

1. Esta *Orientação para a área de estudo do espiritismo* (OAEE) é um trabalho coletivo da Área de Estudo do Espiritismo/Federação Espírita Brasileira/Conselho Federativo Nacional (AEE/FEB/CFN), elaborado entre 2016 e 2018 pela equipe coordenadora da AEE, com a contribuição de coordenadores da Área das Federativas Estaduais, participando em diversas reuniões virtuais, via *Hangouts* e/ou *Skype* e nas Comissões Regionais, tendo como culminância sua aprovação na Reunião do Conselho Federativo Nacional em novembro de 2018.
2. Informamos que o conteúdo do opúsculo *Orientação para o estudo sistematizado da doutrina espírita*¹ foi integralmente aproveitado nesta *Orientação para a área de estudo do espiritismo* com as adaptações necessárias.
3. Recomendamos o conhecimento deste documento antes da utilização dos programas Introdução ao Estudo do Espiritismo (IEE), Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), Estudo da Obra Básica (EOB), Estudo Aprofundado do Espiritismo (EADE) e quaisquer outros programas de estudo do Espiritismo nas instituições espíritas. Esta sequência indica a característica progressiva dos estudos, mas não necessariamente uma relação de pré-requisito para os participantes.

1 CAMPETTI, Carlos. (Org. e coord.). *Orientação para o estudo sistematizado da doutrina espírita – ESDE*. 2. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2015.

APRESENTAÇÃO

Cabe, pois, aos espíritas, responsáveis pelo Movimento Espírita, uma ampla tarefa de divulgação das obras básicas da Doutrina, promovendo um estudo sistemático das mesmas [sic], com chamada de atenção para os aspectos que estão colocados à margem, com graves prejuízos para a assimilação correta dos princípios e bases do Espiritismo e de sua missão.²

Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. – Paulo (1 Coríntios, 12:4)

Em todos os lugares e posições, cada qual pode revelar qualidades divinas para a edificação de quantos com ele convivem.

Aprender e ensinar constituem tarefas de cada hora, para que colaborem no engrandecimento do tesouro comum de sabedoria e de amor.³

Recentemente formaram-se alguns grupos especiais, cuja multiplicação jamais deixaríamos de encorajar: são os denominados *grupos de ensino*. Neles, ocupam-se pouco ou nada das manifestações, mas, sim, da leitura e da explicação de *O livro dos espíritos*, de *O livro dos médiuns* e de artigos da *Revista Espírita* [...].⁴

2 AGUAROD, Angel (trecho de mensagem psicografada por Cecília Rocha). FEB Conselho Federativo Nacional. In: *Reformador*. ano 102, n. 1.858, jan. 1984, p. 24(28).

3 XAVIER, Francisco C. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2015. cap. 4 – *Cada qual*.

4 KARDEC, Allan. *Viagem espírita em 1862*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. reimp. Brasília: FEB, 2011. *Instruções Particulares dadas aos Grupos em Resposta a algumas Questões Propostas*, it. X – Sobre a formação dos grupos e sociedades espíritas.

O que é esse documento

É a descrição do que é a Área de Estudo do Espiritismo (AEE), sua proposta para o Movimento Espírita e como implantá-la. Dessa forma, este documento busca auxiliar as instituições espíritas na implantação, acompanhamento e manutenção de estudos que promovam a unidade de princípios espíritas, sedimentados nas obras básicas à luz do Evangelho de Jesus.

O que ele pretende

Objetiva subsidiar as instituições espíritas na implantação, no acompanhamento e na manutenção da AEE e orientar seus trabalhadores voluntários nas diversas tarefas que envolvem cada grupo de estudo, incentivando o compartilhamento do saber e a vivência evangélica pautados na fraternidade e na solidariedade entre todos os envolvidos.

Não há a intenção de esgotar o assunto, portanto, esse documento é apenas instrumento de auxílio para reflexões necessárias acerca da organização do estudo da Doutrina Consoladora nas instituições espíritas.

Como ele foi elaborado

Esta *Orientação para a Área de Estudo do Espiritismo* é um trabalho coletivo do Movimento Espírita, elaborado pela equipe de coordenadores nacionais, regionais e das federativas, em diversas reuniões realizadas em Brasília, pela internet e nas Comissões Regionais do Conselho Federativo Nacional (CFN), tendo como culminância o encaminhamento do resultado para análise e aprovação pelo CFN. A redação final coube à equipe coordenadora, tendo sido o documento em elaboração encaminhado por três vezes para exame das Federativas Estaduais.

A quem agradecemos

À Doutrina Espírita que é o Cristianismo Redivivo, sol nas almas, o Paracleto anunciado por Jesus. Toda tarefa de estudo precisa iniciar-se pelo acolhimento, seguida do consolo, apoiada no esclarecimento que sedimenta o consolo e encaminha para a orientação, promovendo a formação do homem de bem.

Nossos agradecimentos também a todos os que, anonimamente, deram sua contribuição para que esta *Orientação para a Área de Estudo do Espiritismo* fosse possível, e a nossa expectativa de que ela seja utilizada por todos os trabalhadores da AEE em seus múltiplos grupos de estudo, que, nas instituições espíritas espalhadas por todo o Brasil, se dedicam a facilitar o conhecimento, a prática e a divulgação do Espiritismo.

Em que princípios nos apoiamos

Premissas de Allan Kardec

Em *O livro dos espíritos* encontramos a definição de estudo sério: “O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá [...]”.⁵

Kardec define também o que significa um estudo metódico:

[...] Quem deseje tornar-se versado numa ciência tem que a estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das ideias. [...]⁶

Em *O livro dos espíritos* Kardec conceitua, além disso, a educação:

[...] Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a *educação*, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na *arte de formar os caracteres*, à que *incute hábitos*, porquanto *a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*. [...]⁷

Tais ideias, aliás, estão mais desenvolvidas no capítulo 3, de *O livro dos médiuns*, intitulado *Do método*, em que Kardec afirma:

5 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 2. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. *Introdução ao estudo da Doutrina Espirita*. it. VIII.

6 _____. _____.
7 _____. _____. Pt. 3 – Das leis morais, cap. 3 – *Da lei do trabalho*, Limite do trabalho.

Repouso, comentário de Kardec à q. 685-a.

Forma-lhe, sem dúvida, a base a crença nos Espíritos, mas essa crença não basta para fazer de alguém um espírita esclarecido, como a crença em Deus não é suficiente para fazer de quem quer que seja um teólogo. Vejamos, então, de que maneira será melhor se ministre o ensino da Doutrina Espírita, para levar com mais segurança à convicção.⁸

Inicialmente, o Codificador apresenta o estudo sério, isto é, contínuo, como condição para o conhecimento da Doutrina Espírita.

Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia. Quem, pois, seriamente queira conhecê-lo deve, como primeira condição, dispor-se a um estudo sério [...].⁹

Define, ainda, a metodologia do ensino espírita:

Não se espantem os adeptos com esta palavra – ensino. Não constitui ensino unicamente o que é dado do púlpito ou da tribuna. Há também o da simples conversação. Ensina todo aquele que procura persuadir outro, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências [...].¹⁰

Kardec alerta, ao demais: “No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva, não constitui o ponto de partida [...]”.¹¹

Reitera e desenvolve, igualmente, a ideia de ensino metódico:

Todo ensino metódico deve partir do conhecido para o desconhecido. [...] Falar-lhe dos Espíritos, antes que esteja convencido de que tem uma alma, é começar por onde se deve acabar, porquanto não lhe será possível aceitar a conclusão, sem que admita as premissas. [...] Eis aí a regra. [...].¹²

Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos

8 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. Pt. 1, cap. 3 – *Do método*, it. 18.

9 _____. _____.
10 _____. _____.
11 _____. _____. it. 19.
12 _____. _____.
18

estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios [...]¹³

Kardec sugere, ainda, uma ordem sequenciada para os estudos espíritas:

Aos que quiserem adquirir essas noções preliminares [referindo-se ao estudo teórico] pela leitura de nossas obras, aconselhamos que as leiam nesta ordem:

1º. *O que é o espiritismo*. [...] um apanhado geral desta, permitindo ao leitor apreender-lhe o conjunto dentro de um quadro restrito. [...]

2º. *O livro dos espíritos*. Contém a doutrina completa, como a ditaram os próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas consequências morais [...].

3º. *O livro dos médiuns*. Destina-se a guiar os que queiram entregar-se à prática das manifestações [...].

4º. *A Revista Espírita*. Variada coletânea de fatos, de explicações teóricas e de trechos isolados [...], formando-lhes, de certo modo, a aplicação. [...]¹⁴

Kardec ressalta, por fim, a gratuidade do ensino espírita: “O nosso ensino teórico e prático é sempre gratuito”.¹⁵

Essas premissas, enquanto orientações diretas de Allan Kardec, devem nortear as instituições espíritas no planejamento, implantação, desenvolvimento e manutenção das atividades voltadas ao estudo doutrinário.

EQUIPE COORDENADORA DA AEE

13 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. Pt. 2, *Projeto* – 1868, it. Ensino espírita.

14 _____. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. Pt. 1, cap. 3 – *Do método*, it. 35.

15 _____. _____. it. 31, Nota de Allan Kardec.

PRIMEIRA PARTE

DIRETRIZES GERAIS PARA IMPLANTAÇÃO DOS ESTUDOS

O QUE É A ÁREA DE ESTUDO DO ESPIRITISMO

Um Centro Espírita é uma escola onde podemos aprender e ensinar, plantar o bem e recolher-lhe as graças, aprimorar-nos e aperfeiçoar os outros, na senda eterna.¹⁶

1.1 Definição da AEE

Área de orientação ao planejamento, implantação, integração e acompanhamento dos diversos estudos oferecidos pelas instituições espíritas (**Apêndice A – Como surgiu a AEE – Breve histórico**).

O trabalho da Área de Estudo do Espiritismo – daqui em diante denominada simplesmente AEE – é resultado de experiências exitosas colhidas dos diversos órgãos de unificação, analisadas, adaptadas e devolvidas ao Movimento Espírita em atendimento a demandas apresentadas.

1.2 Abrangência

A AEE tem por função identificar necessidades e possibilidades de melhoria e promover aperfeiçoamentos e estruturação de atividades que envolvam as diretrizes estabelecidas para sua atuação, nos âmbitos internacional, nacional e regional.

Nas instituições espíritas, tem a função de orientar a organização e o funcionamento de todos os estudos da Doutrina Espírita, cumprindo as diretrizes estabelecidas, e funcionando como agente motriz de atividades planejadas, integradoras

16 EMMANUEL. *O Centro Espírita* (mensagem psicografada por Francisco C. Xavier). In: *Reformador*. ano LXIX, jan. 1951. p. 5(9).

e incentivadoras das diversas áreas, para a atuação no acolhimento, no consolo, no esclarecimento e na orientação segundo os princípios espíritas.

1.3 Público a que se destina

A AEE atua diretamente com os trabalhadores espíritas, e, indiretamente com os frequentadores, por proporcionar diretrizes seguras de estudo e vivência do Espiritismo. Seu foco está, portanto, nos organizadores da Área, facilitadores e participantes de grupos de estudo do Espiritismo.

1.4 Referenciais

A AEE tem como referência doutrinária as obras codificadas por Allan Kardec, em especial o pentateuco, a *Revista Espírita*, *Obras póstumas*, *Viagem espírita em 1862*, *O que o espiritismo*, *O espiritismo na sua expressão mais simples* e obras de autores encarnados e desencarnados que guardam coerência com a Codificação Espírita e o opúsculo *Orientação ao centro espírita* (CFN/FEB), produzindo, como resultados, propostas de estudos como: Introdução ao Estudo do Espiritismo (IEE), Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), Estudo da Obra Básica (EOB), Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE), Estudo a Distância (EaD) Espiritismo e Outros Estudos.

1.5 Diretrizes da AEE

A AEE terá como diretrizes de sua atuação as mesmas estabelecidas no “Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro”.¹⁷

Todas as diretrizes visam a valorização dos variados estudos propostos pelas instituições espíritas com a finalidade de união e unificação dos espíritas em torno da Doutrina, iluminada pelos ensinamentos de Jesus, com vistas ao progresso da Humanidade.

A integração entre as diversas equipes que compõem os estudos é fator importante para a vivência da prática cristã, o fortalecimento e união dos trabalhadores.

17 PLANO DE TRABALHO PARA O MOVIMENTO ESPÍRITA BRASILEIRO (2013–2017). Brasília: FEB, 2012.

Estreitar esses laços é um dos desafios da Área. Outro grande desafio é a formação continuada dos trabalhadores para esse momento de convulsão social e de reajustamento dos valores ora distorcidos.

A AEE se propõe a ser a servidora das demais áreas nas instituições e no Movimento Espírita, cooperando da melhor forma para a integração e fortalecimento das atividades que lhes cabe desenvolver.

É um trabalho complexo, mas necessário, no Movimento Espírita, aprender a ouvir e saber fazer-se ouvir, considerar as necessidades e características próprias de cada Instituição, de cada região e promover o auxílio mútuo para que uns ajudem aos outros em suas dificuldades e necessidades específicas, para que o próprio Movimento se fortaleça para sua expansão e continuidade segura.

Para a execução de atividades que contemplem as diretrizes traçadas para a Área, é importante observar que sua difusão será melhor abordada pela vivência e prática dos preceitos estabelecidos pela Caridade.

A diretriz precípua, portanto, da AEE será *formar homens de bem*, abrangendo a proposta de orientar para conhecer, compreender e praticar o Espiritismo, o que implica no incentivo à vivência dos postulados cristãos por todos os participantes dos diferentes grupos de estudo. Essa diretriz está conforme com a definição de educação de Kardec – a arte de formar caracteres – e com o ensino exarado na questão 842 de *O livro dos espíritos*:

Por que indícios se poderá reconhecer, entre todas as doutrinas que alimentam a pretensão de ser a expressão única da verdade, a que tem o direito de se apresentar como tal?

“Será aquela que mais homens de bem e menos hipócritas fizer [...]”¹⁸

Vale registrar que as atividades da Área Nacional seguem Plano de Ação. Essas iniciaram com as reuniões nas Comissões Regionais que tiveram como primeiras ações: esclarecimentos sobre a implantação, propriedade e abrangência da Área; análise das avaliações de nova proposta para o ESDE; revisão do opúsculo *Orientação ao ESDE*; captação e organização do material para compor o Memorial do ESDE; implantação de Censo da AEE em nível nacional; primeiras propostas de programas para o EOB e para a IEE; propostas de Formação de trabalhadores para a AEE. Diante da complexidade das atividades que envolvem todo o Movimento

18 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 2. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. Pt. 3 – Das leis morais, cap. 10 – *Da lei de liberdade*, Liberdade de consciência, q. 842.

nacional, as atividades foram introduzidas no primeiro semestre de 2016 e seguem em implantação e execução.

1.6 Finalidade

A AEE tem como finalidade estimular, orientar, promover e desenvolver o estudo sério, consistente e permanente, fundamentado nas obras da Codificação da Doutrina Espírita, para os trabalhadores e frequentadores das instituições espíritas, por intermédio de trabalho conjunto da FEB e da coordenação nacional com as federativas e as coordenações regionais.

1.7 Objetivos

Para atender a essa finalidade, propõe os seguintes objetivos:

- a. Viabilizar meios institucionais, materiais e humanos para a implantação, a organização, capacitação e o funcionamento da AEE nas diversas instituições;
- b. Promover a unidade de princípios espíritas sedimentados nas obras básicas à luz do Evangelho;
- c. Incentivar e orientar o processo de implantação, organização e consolidação do estudo regular e sistematizado do Espiritismo por meio do conhecimento, compreensão e aplicação das obras básicas da Doutrina Espírita, dos clássicos do Espiritismo, das obras subsidiárias,¹⁹ conforme as possibilidades das instituições espíritas, bem como o incentivo à vivência prática dos postulados da Doutrina Espírita com Jesus e Kardec;
- d. Estimular e apoiar a realização de estudos e pesquisas pertinentes a AEE e propor a publicação e divulgação desses resultados;
- e. Promover eventos, debates e compartilhamento de experiências em encontros de caráter nacional e regional, voltados para a divulgação do

19 Obras subsidiárias: obras fidedignas à Codificação Espírita e que auxiliam o seu entendimento.

estudo continuado das obras básicas, obras clássicas e complementares da Doutrina Espírita;

- f. Identificar e agregar esforços e conhecimentos de autores espíritas e não espíritas que, efetivamente, contribuem para o estudo do Espiritismo;
- g. Fortalecer a articulação e a integração entre as áreas, núcleos e setores de atividades nas instituições espíritas;
- h. Manter e fortalecer os programas de estudos já existentes em âmbito nacional;
- i. Valorizar iniciativas de estudos efetivados pelas Entidades Federativas Estaduais condizentes com o Espiritismo codificado por Allan Kardec;
- j. Incentivar a prática, nos estudos, de metodologia dialógica, proporcionando momentos de reflexões e compartilhamentos de experiências e pesquisas.

1.8 Ações propostas

Seguindo as diretrizes do “Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro (2018–2022)” –PTMEB e as definições da Resolução CFN n. 2, de 11 de fevereiro de 2014, a AEE poderá desenvolver ações compatíveis com seu âmbito de atuação federativo nacional, regional e local. Para isso, é preciso identificar as necessidades e recursos disponíveis em cada nível, visando sempre o fortalecimento das instituições espíritas para sua atuação segura e comprometida com a Causa, considerando as manifestações dos envolvidos e planejando em conjunto.

1.8.1 O que propor

Considerando as diretrizes do PTMEB e alguns desdobramentos, visando a definição do que propor em termos de ações para a AEE:

DIRETRIZ 1 – Difusão da Doutrina Espírita

Difundir a Doutrina Espírita, por meio de estudo, divulgação e prática, colocando-a ao alcance e a serviço de todas as pessoas, indistintamente,

independentemente de sua condição social, cultural, econômica ou faixa etária, tendo como referencial as obras da Codificação Espírita e as de autores a elas coadunados.

Além dos estudos e palestras públicas, podem ser sugeridas atividades que envolvam os diversos estudos, por exemplo: cine-debates, teatro-debates, oficinas, seminários participativos, livros-debates, encontros e confraternizações, em que a convivência e a fraternidade serão incentivadas.

A difusão proporciona o atendimento aos anseios, fomentando o desejo de aprofundamento nos princípios e conceitos trazidos pelos Espíritos. Uma vez que o participante fora atendido no acolhimento e no estudo, inicia-se nova e natural etapa de divulgação e prática das reflexões que os estudos proporcionaram. Nesse momento, os participantes se encarregam de divulgar a Doutrina Consoladora e esclarecedora que estão conhecendo, seja por palavras ou por atos.

DIRETRIZ 2 – Preservação da unidade e universalidade dos princípios da Doutrina Espírita

Desenvolver todas as atividades espíritas com base nas obras básicas codificadas por Allan Kardec, assegurando a unidade e a universalidade dos princípios espíritas.

Diretriz fundamental para a AEE e que deve ser observada a cada desenvolvimento de materiais gerais ou específicos para cada estudo.

DIRETRIZ 3 – Transversalidade da comunicação social espírita

Promover a formação da mentalidade cristã.

Divulgar ações de estudo e prática do Espiritismo.

Promover a comunicação entre os agentes do Movimento Espírita.

Promover o intercâmbio de informações para garantir a unidade de pensamentos e propósitos no ideal da unificação espírita.

Promover a comunicação espírita, considerando as dimensões de: utilidade, beleza e fundamentação.

Divulgar as informações do Espiritismo e do Movimento Espírita em formato, estrutura e canais adequados aos públicos aos quais se destinam.

Hoje as mídias proporcionam diversas possibilidades de divulgação e interação com a população local e regional. É preciso explorá-las, ampliando a capacidade

de fazer chegar às pessoas o Consolador onde não há instituições espíritas que as possam acolher.

Neste aspecto, a AEE pode buscar a integração com a Área de Comunicação para juntas potencializarem as possibilidades de divulgação existentes e caminharem por novas vertentes que surgem pelo desenvolvimento das possibilidades de se comunicar.

DIRETRIZ 4 – Adequação dos centros espíritas para o atendimento às suas finalidades

Adequar os centros espíritas para a realização do seu trabalho de estudo, difusão e prática da Doutrina Espírita, desdobrado nas atividades doutrinárias, assistenciais, administrativas e de unificação.

A AEE pode contribuir para o cumprimento dessa diretriz, uma vez que ela é responsável pela orientação, planejamento e organização de todos os estudos do Espiritismo que se realizam nas instituições espíritas e, dessa forma, poderá colaborar com as demais áreas na execução segura de suas atividades.

DIRETRIZ 5 – Multiplicação de centros espíritas

Promover e auxiliar a implantação de novos centros espíritas, devidamente organizados e com a adequação doutrinária e assistencial, em locais onde se façam necessários, com a finalidade de atender à sociedade, descentralizando e interiorizando a ação espírita.

Ao contribuir para a formação de espíritas esclarecidos e de trabalhadores espíritas conscientes de seu papel em relação a si mesmos, à família e à sociedade, a AEE oferece significativa contribuição para a multiplicação de centros espíritas nas bases estabelecidas nesta diretriz.

DIRETRIZ 6 – União dos espíritas e unificação do Movimento Espírita

Desenvolver o trabalho de união dos espíritas e dos centros espíritas, assim como o de unificação do Movimento Espírita, como natural vivência dos ensinamentos espíritas e como atividade indispensável ao fortalecimento, à ampliação e ao aprimoramento do Movimento Espírita em todas as suas realizações.

Promover e realizar atividades que possibilitem o intercâmbio de informações e de experiências, a ajuda recíproca e o trabalho conjunto entre os centros espíritas, os órgãos de unificação e entre as Entidades Especializadas.

Oferecer condições para o conhecimento e a implementação das recomendações e campanhas aprovadas e lançadas pelo CFN/FEB, como *Família, Vida e Paz, Evangelho no lar*, entre outras.

Esta diretriz está presente em todos os materiais oferecidos ao Movimento Espírita, no entanto, precisa ser observada pelos facilitadores e responsáveis pela AEE e seus desdobramentos nas instituições sempre que oportuno nos encontros de estudo.

DIRETRIZ 7 – Formação continuada do trabalhador e das lideranças espíritas

Assegurar formação continuada dos trabalhadores e lideranças espíritas em todas as atividades doutrinárias, assistenciais, administrativas, de gestão e de unificação.

Elaborar plano de formação continuada do trabalhador espírita em todas as atividades desenvolvidas nos órgãos de unificação e nos centros espíritas.

Estimular o autoconhecimento e o relacionamento interpessoal dos trabalhadores espíritas, buscando a união e a convivência fraterna, indispensáveis à execução das tarefas.

A AEE promoverá a formação permanente de seus trabalhadores e, em suas finalidades e potencial, pode oferecer auxílio às demais áreas da Instituição Espírita no que diz respeito à formação de trabalhadores para as diversas tarefas a realizar. Cabem aos responsáveis nas instituições promover essa integração com o aproveitamento das possibilidades de cada Área para o auxílio a outras.

DIRETRIZ 8 – Promoção do livro espírita como elemento essencial ao cumprimento da missão do Espiritismo

Sensibilizar os trabalhadores espíritas para a relevância do livro em seus aspectos doutrinários, de unificação e como negócio de administração.

Orientar o Movimento Espírita para a leitura e divulgação das obras da Codificação e de livros doutrinariamente adequados aos princípios do Espiritismo.

Estimular a realização de ações e projetos em todas as áreas do Movimento Espírita para a difusão do Espiritismo por meio do livro.

A AEE promove frequentemente os livros espíritas, que são indicados em seus programas de estudo, e estimula a leitura das obras básicas e subsidiárias.

DIRETRIZ 9 – Participação do espírita na sociedade

Participar de forma mais efetiva junto à sociedade organizada e aos órgãos do poder público, contribuindo para o encaminhamento de assuntos de interesse social, sempre de forma compatível com os princípios espíritas.

Estimular o atendimento solidário a pessoas e comunidades em vulnerabilidade e risco social, respeitando-se a legislação vigente.

Desenvolver programas de atividades institucionais, doutrinárias e promocionais, utilizando a Arte, segundo os princípios e valores éticos e morais do Espiritismo.

Promover e participar de espaços de diálogo inter-religioso voltados à promoção do Bem e à Construção da paz.

Esta é a razão fundamental da existência da AEE: contribuir para que os postulados espíritas sejam balizadores das ações das instituições sociais, o que necessariamente ocorrerá pela melhoria dos indivíduos que as compõe e por elas se responsabilizam.

1.8.2 Por que propor

Como Área de orientação, planejamento e integração, seu papel fundamental é operacionalizar estratégias de ações funcionando como agente agregador de propostas de conformidade com a Codificação do Espiritismo, para que o conjunto encontre soluções e implementações nas situações que se apresentem no desenvolvimento das atividades de estudos, promovendo a harmonia dos grupos para melhor atendimento aos frequentadores.

1.8.3 Como e quando propor

Para que os trabalhos tenham suas atividades desenvolvidas a contento, é importante que haja um planejamento geral com estratégias de curto, médio e longo prazo.

É neste momento que as escolhas e ações que contemplam as diretrizes, poderão ser desenvolvidas e planejadas, atendendo as demandas atuais, bem como as previsíveis.

1.8.4 Quais os benefícios esperados

“[...] Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as ideias espíritas [...]”²⁰

Os benefícios são de caráter:

Pessoal

Porque favorece o progresso moral, intelectual e o exercício da fraternidade.

Institucional

Trabalhadores

Integração; capacitação; ambiente fraterno de convivência; maior responsabilidade dos envolvidos nas tarefas; integração entre as áreas; captação e formação continuadas de trabalhadores.

Frequentadores

Mais opções de estudos, acolhimento e esclarecimento fraternos; expansão e crescimento de ações cristãs; ambiente fraterno de convivência.

Atividades desenvolvidas

Maior responsabilidade dos envolvidos; integração entre as áreas; planejamento geral integrado, facilitando a organização e realização dos eventos; expansão e crescimento das atividades; divulgação e captação de trabalhadores.

Movimento Espírita

O Movimento Espírita ganha impulso com a participação unida de todos os envolvidos nessa Causa por efeito do diálogo estabelecido e mantido entre frequentadores e instituição; instituição e instituição; instituição e coordenações regionais; coordenações regionais e federativas e todos representados no CFN.

Social

Pela influência na formação de homens e mulheres de bem capazes de atuar em segmentos não espíritas, interagindo de forma consciente, pacífica, conciliadora, moralizadora e produtiva na sociedade.

20 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. Pt. 2, *Projeto* – 1868, it. Ensino espírita.

Diz Kardec, em *O livro dos espíritos*, na *Conclusão*, item V:

“Por meio do Espiritismo, a Humanidade tem que entrar numa nova fase, a do progresso moral que lhe é consequência inevitável [...]”²¹

André Luiz complementa em *Entre irmãos de outras terras*, na psicografia de Waldo Vieira:

O conhecimento espírita é orientação para a vida essencial e profunda do ser. Claro que a evolução é lei para todas as criaturas, mas o Espiritismo intervém no plano da consciência, ditando normas de comportamento suscetíveis de traçar caminhos retos à ascensão da alma, sem necessidade de aventuras nos labirintos da ilusão que correspondem a curvas aflitivas de sofrimento.²²

21 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 2. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. *Conclusão*, it. V.

22 XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. *Entre irmãos de outras terras*. Pelos Espíritos André Luiz e Emmanuel. 8. ed. 3. reimp. Brasília: FEB, 2010. cap. 5 – *Vinte assuntos com Willian James* (André Luiz).

PÚBLICO A QUE SE DESTINAM OS ESTUDOS

Ao examinar as premissas de Kardec citadas ao início deste documento, observa-se que ele aconselha uma ordem de estudo para o neófito, considerando os livros até então publicados. Não podemos ter a pretensão de fazer mais e melhor do que o Codificador, levando, inclusive em conta seu registro de que:

[...] o Espiritismo responde que não se impõe a pessoa alguma [...]

A liberdade de consciência é consequência da liberdade de pensar, que é um dos atributos do homem; e o Espiritismo, se não a respeitasse, estaria em contradição com os seus princípios de liberdade e tolerância.

[...]

O Espiritismo não se impõe, porque, como vo-lo disse – respeita a liberdade de consciência; ele sabe também que toda crença imposta é superficial e não desperta senão as aparências da fé; nunca, porém, a fé sincera. Ele expõe seus princípios aos olhos de todos, de modo a cada um poder formar opinião segura.²³

É incontestável o cuidado de Kardec em respeitar invariavelmente a liberdade de consciência e a de pensar, nos termos do que os Espíritos Superiores ditaram na questão 843:

Tem o homem o livre-arbítrio de seus atos?

“Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina.”²⁴

23 KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. Trad. da Redação de Reformador em 1884. 56. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2018. cap. 1 – *Pequena conferência espírita*, Terceiro diálogo – O padre.

24 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 2. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. Pt. 3 – Das leis morais, cap. 10 – *Da lei de liberdade*, Livre-arbítrio, q. 843.

Fica claro que o livre-arbítrio, atributo do Espírito, enseja a responsabilidade por seus atos. Logo, qualquer ato de imposição, em se referindo a ordem de estudo/leitura das obras básicas (ainda mais porque têm natureza de revelação espiritual), estaria ele, Kardec, infringindo tal Lei. Equivale dizer que o ser pensante tem o livre-arbítrio de escolher ler/estudar ou não, desta ou daquela maneira. Todavia, se o discernimento do Codificador, que nas palavras de Camille Flammarion era o bom senso encarnado, diz o que é aconselhado, é porque razões existem para tanto.

O assunto se desdobra em outros escritos de Kardec, evidenciando que o Codificador orienta para o estabelecimento de um ensino metódico da Doutrina Espírita, que passa por uma ordem necessária e sequenciada, voltada à construção e à aquisição do conhecimento. Este é, por sinal, o método adotado pelos próprios Espíritos Superiores:

Com extrema sabedoria procedem os Espíritos Superiores em suas revelações. Não atacam [abordam] as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência se mostra apta a compreender verdade de ordem mais elevada e quando as circunstâncias se revelam propícias à emissão de uma ideia nova. Por isso é que logo de princípio não disseram tudo, e tudo ainda hoje não disseram, jamais cedendo à impaciência dos muito afoitos, que querem os frutos antes de estarem maduros. Fora, pois, supérfluo pretender adiantar-se ao tempo que a Providência assinou para cada coisa, porque, então, os Espíritos verdadeiramente sérios negariam o seu concurso. [...] ²⁵

Allan Kardec sugere inicialmente, sem ânimo de imposição, começar pelo princípio e seguir o encadeamento e desenvolvimento das ideias, isto é, partindo do conhecido para o desconhecido.

Explica, ao demais, a conveniência de que, na primeira etapa dos estudos, o neófito receba uma visão geral da Doutrina, por meio da leitura do livro *O que é o espiritismo*, cuja aplicação, por sinal, fundamenta o projeto da Introdução ao Estudo do Espiritismo (IEE).

Kardec recomenda, na segunda etapa dos estudos, apresentar ao neófito a Doutrina completa, notadamente por meio da leitura de *O livro dos espíritos*. É lógico que não haja referência aos livros *O evangelho segundo o espiritismo*,

25 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017. *Introdução*, II – Autoridade da Doutrina Espírita. Controle universal do ensino dos Espíritos.

O céu e o inferno e *A gênese*, posto que não haviam sido ainda compilados à época da publicação de *O livro dos médiuns* (em que está inserida a sequência sugerida por Kardec).

Todo o estudo, nesta segunda etapa, aliás, deve começar pelo princípio, isto é, partindo das ideias mais básicas e simples, seguindo, progressivamente, para as ideias mais complexas e desconhecidas. A fala de Kardec, neste ponto, não deixa dúvidas:

[...] Falar-lhe dos Espíritos, antes que esteja convencido de que tem uma alma, é começar por onde se deve acabar, porquanto não lhe será possível aceitar a conclusão, sem que admita as premissas. [...] Eis aí a regra. [...] ²⁶

Somente na terceira etapa dos estudos, enfim, é que o neófito deve ser apresentado ao conteúdo teórico aprofundado sobre as manifestações mediúnicas, contido em *O livro dos médiuns*. A orientação de Kardec, neste ponto, é literal: “No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva, não constitui o ponto de partida. [...]” ²⁷

Ante o exposto, as orientações para o estudo das obras da Codificação Espírita em âmbito nacional, para que estejam alinhadas às ideias do Codificador, sem ânimo de estabelecer via única ou desejo de impor procedimentos, devem sugerir/propor uma sequência progressiva, iniciando pelos conceitos mais simples e conhecidos e partindo para os conceitos mais complexos e desconhecidos.

É, aliás, por demais conveniente que uma orientação nacional ao estudo do Espiritismo, partindo do CFN/FEB, apoie explicitamente os próprios conselhos de Allan Kardec, sem substituí-los desnecessariamente, em apoio a ideias supostamente novas ou melhores.

Afinal, desenvolvendo a ideia de Kardec, não há como tratar de reencarnação, sem falar de Justiça Divina, assim como não se pode falar de mediunidade, sem estudar o perispírito.

Sem dúvida, o curso de Introdução ao Estudo do Espiritismo (IEE) e o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), promovem uma base intelectual favorável ao Estudo da Obra Básica (EOB), consoante ao estudo metódico, descrito anteriormente neste capítulo, representando, inclusive, uma evolução

26 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. Pt. 1, cap. 3 – *Do método*, it. 19.

27 _____. _____.

natural dentro do Movimento Espírita no que diz respeito aos métodos de estudo do Espiritismo.

É digno de nota ressaltar que o ESDE é contributo essencial ao estudo metódico, de assimilação dos princípios e bases do Espiritismo, em atendimento à demanda da própria Espiritualidade que afirma, pela psicografia de Divaldo Franco, nas palavras de Bezerra de Menezes em mensagem recebida durante o CFN de novembro de 1983, ser o ESDE o programa da atualidade sob os auspícios do próprio Cristo.

Nota-se, indubitavelmente, e ainda que haja controvérsias sobre o assunto, a existência de um encadeamento lógico e compatível, sem prejuízo ao aconselhamento lúcido do Codificador, permeando a IEE, o ESDE, o EOB e o EADE. Outros cursos podem e devem ser desenvolvidos pelas instituições espíritas e terão maior profundidade e alcance se realizados com base nos conhecimentos proporcionados por eles.

No entanto, conscientes de que poderá haver casas espíritas que prefiram optar pelo estudo direto nas obras da Codificação, sugerimos que o estudo siga a sequência proposta pelo Codificador, iniciando sempre em *O livro dos espíritos*.

Vale destacar, ainda, que, nem todos os participantes de atividades nos centros espíritas são neófitos, cabendo à Instituição recebê-los e situá-los, seja em grupos de estudo ou outros, conforme as condições de cada um, respeitada a orientação de Allan Kardec²⁸ de que um grupo é efetivo e coeso sempre que desenvolva uma base comum de conhecimentos e cultive a homogeneidade de pensamentos, ideais, propósitos e sentimentos o que só é possível pela convivência ao longo do tempo.

28 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. Pt. 2 – Das manifestações espíritas, cap. 29 – *Das reuniões e das Sociedades Espíritas*, Das reuniões em geral, its. 330 a 332.

IMPLANTAÇÃO DA AEE

Implantar a Área de Estudos é implantar um espaço de planejamento dos estudos do Espiritismo, de convivência, conhecimento, integração com as demais atividades espíritas, ou seja, de planejamento geral.

A AEE tem a responsabilidade de integrar e ampliar as tarefas. Não é um mero setor de administração das demais áreas/setores/departamentos, nem um estrategista de atividades para serem executadas.

Com as funções de conhecer para compreender, integrar, ampliar e planejar, a Área se define como local de encontro, discussão e planejamento geral, no qual cada área/setor/departamento se faz presente, respeitadas as especificidades de cada uma.

Integrar “não é juntar todos em um momento para dar opiniões nas tarefas específicas do outro”; mas, criar estratégias de trabalho/estudos/vivências em que todos os envolvidos possam entender e respeitar as diversas atividades desenvolvidas no mesmo espaço, oferecendo oportunidade para que os frequentadores possam participar de muitas tarefas/estudos/vivências disponibilizadas pela Instituição.

Integrar o grupo é fortalecê-lo, é ampliar as atividades desenvolvidas e criar muitas outras. É dar a todos: áreas/setores/departamentos, a devida atenção, sem privilégios a nenhum, evitando a concorrência, o isolamento e a evidência de um em detrimento dos demais. *É, enfim, trabalhar todos unidos com Jesus, em seu nome, pois não existe nenhuma área mais importante que a sua mensagem.*

Todo bom trabalho requer planejamento em conjunto.

3.1 Criar a área e respectivos setores

Abaixo estão relacionadas as etapas necessárias à implantação da AEE ou equivalente. Caso não seja possível seguir todas as etapas, os estudos podem ser implantados de acordo com a realidade e as possibilidades de cada Instituição Espírita. Os estudos devem ser oferecidos conforme a necessidade e a demanda do

público que frequenta a Instituição, ou seja, somente as casas com maior número de participantes podem contar com todos os estudos referidos neste documento.

Se o Centro conta com pequeno número de participantes, os estudos podem ser implantados em associação com outras instituições espíritas da região que se encontrem na mesma situação.

3.2 Estruturar os estudos

Se o Centro é pequeno iniciará com a simples criação de um grupo de estudo, seja do ESDE, do EOB ou outro, com os participantes que se apresentarem. Conforme cresça, irá criando outros grupos de estudo, até a implantação dos vários estudos referidos neste documento.

Recomenda-se à Casa Espírita, que disponibiliza um ou mais estudos doutrinários (IEE, ESDE, EOB, EADE e outros), a criação da Área de Estudo do Espiritismo (AEE).

Algumas instituições preferem colocar todos os estudos, inclusive da Infância e Juventude e da Mediunidade, dentro da AEE ou equivalente. Também nesse caso cada estudo pode ser organizado como setor ou departamento a depender do seu tamanho e complexidade.

Aspectos da infraestrutura devem ser considerados, definindo-se espaço para as reuniões, quantidade de cadeiras necessárias, recursos materiais a serem utilizados, secretaria etc. (**Apêndice B – Exemplos de organograma**).

3.3 Formar equipes de trabalho

Uma vez criado os setores ou departamentos, definem-se as equipes que serão responsáveis pelo planejamento e execução do programa de estudo.

A equipe de trabalho deve ser constituída por pessoas com conhecimento doutrinário, experiência e que tenham sido preparadas para as tarefas, bem como para divulgar as Campanhas de estudo como “Comece pelo Começo” e “Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita” em conjunto com os órgãos unificadores, auxiliando na organização e manutenção de grupos de estudo.

Se o Centro tem um único grupo de estudo do ESDE, por exemplo, bastará contar com dois facilitadores. Se já tiver dois grupos, sugere-se contar com quatro facilitadores e um coordenador. Caso existam, além do ESDE, grupos do IEE e EOB, dois

facilitadores para cada grupo de estudo, um coordenador para cada estudo (ESDE e EOB) e um coordenador-geral para administrar todo o trabalho. O IEE pode ficar sob a responsabilidade de um dos coordenadores, conforme definição da administração.

Se a Casa optou por incluir todos os estudos na AEE ou, à medida que se multipliquem os grupos de estudo do IEE, ESDE, EOB, EADE e outros, a equipe contará com um coordenador-geral, coordenadores para cada um dos estudos e dois facilitadores/evangelizadores para cada grupo de estudo.

A(s) equipe(s) deve(m) ser preparada(s), por meio de formações específicas, para integrar de maneira eficiente e eficaz o quadro de trabalhadores da AEE (coordenação, secretaria, facilitadores e equipe pedagógica).

Nos centros espíritas em que o trabalho conte com poucos colaboradores, recomenda-se buscar a formação junto à Federativa do seu Estado e por meio de estudos e formações virtuais da Federativa Estadual ou da FEB e do compartilhamento de experiências com outras instituições espíritas.

Desde o início, o ideal de equipe para o desempenho das atividades da AEE é a constituição de um colegiado, sob uma coordenação geral.

No colegiado estariam representados (pelos coordenadores/encarregados) todos os trabalhadores voluntários (das áreas/setores/departamentos), a fim de definirem as diretrizes gerais das atividades da Instituição.

A coordenação geral seria a mediadora das atividades, promovendo os encontros e auxiliando na execução das tarefas definidas pelo colegiado.

Em visão mais ampla da Instituição Espírita, as áreas/setores/departamentos, sem a exclusão de nenhuma, devem participar do planejamento geral, pois integram o mesmo ambiente físico, partilham dos mesmos trabalhadores (em muitas instituições), compartilham de eventos abertos ao público, dentre outros. A não participação de uma área inviabiliza o trabalho conjunto e unificador, porque cria uma lacuna na integração com as demais. Como definir integração ou unificação, quando determinada Área permanece distante?

Sugerimos aqui a participação de todos os setores ou as áreas que a Instituição possua (infância, estudos, mediunidade, comunicação, eventos etc.). Conhecer os trabalhos é o primeiro passo para divulgá-los e fortalecê-los. Por exemplo, não basta uma área de comunicação isolada das demais, sozinha não será capaz de fazer boa divulgação. Divulgar informações/eventos é diferente de participar de planos e estratégias de trabalhos a serem divulgados.

Compreender o processo de integração é o elemento chave para o sucesso da união e do crescimento e fortalecimento das atividades.

3.4 Seleção de programas de estudo

A Instituição Espírita poderá escolher ou criar um programa, levando em consideração que o conteúdo programático esteja alicerçado nas obras básicas da Codificação Espírita e seja metódico, partindo do simples para o complexo.

3.4.1 Para escolher um programa de estudo

Observar se o programa está conforme à proposta da Codificação Espírita, contando, em seu conteúdo, com a participação de autores já consagrados e fieis aos postulados espíritas, sejam encarnados ou desencarnados.

Considerar se o programa atende às necessidades dos frequentadores da Instituição Espírita.

3.4.2 Para elaborar um programa de estudo

É fundamental constituir uma equipe com conhecimento do Espiritismo e domínio didático-pedagógico. É necessário considerar o público a que se destina o material, os objetivos e a metodologia de estudo, os recursos materiais e humanos e os instrumentos de acompanhamento da qualidade de todo o trabalho. É imprescindível exigibilidade no planejamento e na sua execução.

3.5 Espaço físico para cada estudo

Dependerá da disponibilidade da Casa Espírita. O ideal é que cada grupo de estudo conte com uma sala arejada e iluminada, com cadeiras móveis e com braço que facilitem apoiar papeis e livros, quadro e uma mesa para material de apoio e, na era da tecnologia, recursos multimídia para facilitar o aprendizado. No entanto, na ausência de espaço e até de recursos, a reunião de estudo poderá ser feita no jardim, na sala de costura, se o Centro tiver alguma, ou outro ambiente compartilhado com outras atividades em diferentes dias e horários. Aliás, os diferentes estudos podem compartilhar os mesmos espaços em dias e horários diferentes.

Será ideal destinar ambientes para a secretaria e as reuniões da coordenação e dos facilitadores.

3.6 Espaço para consulta bibliográfica

Podem ser propostas campanhas para a doação de obras espíritas e a formação de um espaço de consulta a ser disponibilizado para apoio bibliográfico às atividades dos facilitadores bem como o estudo e pesquisa dos participantes, contendo no mínimo as obras básicas. O espaço pode ser constituído com recursos, incluindo-se mídias, audiolivros, audionovelas, cursos em ambiente virtual, desde que compatíveis com a proposta espírita (**Anexo B – Como organizar uma sala de consulta e apoio**).

3.7 Como montar grupos de estudo

Formada e preparada a equipe de trabalho, podem ser formados os grupos de estudo. O tamanho de cada grupo vai depender da quantidade de inscritos e do estudo programado. Para a IEE, por exemplo, sugere-se grupos de 5 a 15 pessoas. No entanto, para os demais estudos, sugere-se que estes contem com 15 a 25 participantes, o que favorece o processo de aprendizagem. Nada impede que grupos menores ou maiores sejam constituídos, com adaptações das técnicas e recursos a serem utilizados. Número excessivo deve ser evitado, pois é uma das causas da evasão de participantes que não recebem atenção individualizada dos facilitadores.

O tempo de duração dos estudos pode variar de 90 a 120 minutos, levando-se em conta o conteúdo e as características do grupo.

A reunião é formada por participantes inscritos previamente, possibilitada a presença de eventuais visitantes (familiares ou convidados).

3.8 Como manter o participante no estudo

Os grupos de estudo, normalmente, são heterogêneos e apresentam diferentes interesses. A integração e permanência do participante dependem muito do acolhimento que ele recebe desde a sua inscrição e do esclarecimento acerca do curso, envolvendo metodologia, atividades, expectativa de participação etc.

Há evasão decorrente de fatores internos e externos ao grupo de estudo, tais como: falta de organização do trabalho, tipo de liderança exercida pelo coordenador ou pelo facilitador, inadequação do método ao público-alvo, falta

de incentivo aos participantes, escolarização dos processos do estudo sistematizado, horário do estudo incompatível com as atividades do participante, local do estudo inadequado, necessidades pessoais dos participantes (trabalho, estudo, mudanças, moradia longe do Centro, outros interesses concorrentes, saúde, necessidades familiares).

Cabe avaliar essas causas, procurando desenvolver estratégias para minimizá-las.

A seguir, algumas estratégias:

- a. Trabalhar as diferenças existentes entre os integrantes, valorizando-as como ferramentas que propiciem oportunidade de aprendizado;
- b. Estimular a união do grupo, ou seja, transformá-lo em um grupo coeso e harmonioso, o que permitirá que os participantes se sintam acolhidos e aceitos no ambiente coletivo, no qual tenham a oportunidade de expressar suas ideias;
- c. Acolher os participantes não assíduos que se sintam deslocados no grupo;
- d. Trabalhar a inclusão de integrantes novos, de modo a não afetar a continuidade e harmonia do grupo;
- e. Incentivar os participantes para que os objetivos doutrinários sejam efetivados;
- f. Buscar desenvolver o sentimento de “pertencimento ao grupo” por meio do acolhimento fraterno e da inclusão de pessoas nas demais atividades da Instituição Espírita.

Não existem soluções prontas para resolver o problema da evasão nos grupos de Estudo. Por essa razão, é importante ouvir companheiros mais experientes na tarefa nos centros espíritas, nas Federativas Estaduais e na FEB.

A avaliação, que deve permear todo o processo de desenvolvimento do programa, poderá oferecer informações sobre possíveis equívocos da equipe de trabalhadores voluntários e/ou dificuldades dos próprios participantes. É muito importante observar e analisar essas informações para possíveis e necessárias correções e/ou modificações com a finalidade de ajustes que permitam que os participantes se sintam integrados e felizes em permanecer no estudo.

3.9 Planejamentos

A programação das atividades deverá ser montada e divulgada previamente, podendo ser semestral ou anual. O programa deve conter sugestão de datas, temas dos módulos e das reuniões de estudos, além dos dados do coordenador e facilitadores da tarefa.

No desempenho de atividades devemos levar em conta sua estrutura organizacional, seu tempo de desenvolvimento, as metas e objetivos a serem alcançados.

Por exemplo: o plano de ação pode ser desenvolvido de acordo com as diretrizes da instituição, podendo ser de curto, médio ou de longo prazo. O que define o tempo de duração são as atividades propostas a serem desenvolvidas em tempo programado.

Os planejamentos podem ser de:

3.9.1 Curto prazo

São atividades de desenvolvimento imediato, em curto prazo.

São atividades de resultados imediatos, por exemplo: cine-debate; uma pequena capacitação etc.

3.9.2 Médio prazo

São as atividades de desenvolvimento que devem ser acompanhadas no decorrer de um tempo médio para sentirmos o resultado final. Por exemplo: curso de férias; um ciclo de debates; um evento local, planejado com alguns meses de antecipação etc.

3.9.3 Longo prazo

São as atividades que devem ser acompanhadas no decorrer de um tempo longo para sentirmos o resultado final. Por exemplo: estudos do ESDE, da Mediunidade; um evento nacional planejado com uns dois ou mais anos de antecedência etc.

É importante destacarmos que mesmo nas programações de estudos de longa duração, é possível o planejamento de ações de curto prazo, como por exemplo: cine-debate para a integração entre os grupos; um cine-debate envolvendo equipes e participantes dos diversos estudos etc.

Em relação ao planejamento, vale estar atendo ainda às necessidades de implementação, crescimento e aperfeiçoamento de atividades doutrinárias e vivenciais, para fortalecer trabalhadores e acolher frequentadores que buscam esclarecimento e orientações consoladoras.

No plano de ação teremos uma panorâmica de todas as atividades a serem desenvolvidas durante um período estabelecido: mês, bimestre, semestre, ano etc. pela instituição. É interessante que todas as áreas saibam de todas as atividades a serem desenvolvidas na Instituição, ampliando a divulgação dos trabalhos para os frequentadores.

Planejar é dar clareza e precisão à própria ação, significa racionalizar meios, materiais e recursos humanos disponíveis para atender necessidades e objetivos estabelecidos no desempenho de atividades programadas.

O planejamento das ações requer a presença de todas as áreas existentes na Instituição, para que as propostas sejam viabilizadas a contento. Planejamento participativo é elemento importante no processo de união e integração das áreas.

Os dias e horários serão definidos pela coordenação do estudo de acordo com a disponibilidade da Casa Espírita, do coordenador, dos facilitadores e dos interessados, proporcionando o máximo de aproveitamento do grupo no estudo (**Apêndice C – Exemplo de um plano de trabalho**).

3.10 Divulgação e inscrição

Pode-se fazer a divulgação dos estudos nas palestras públicas e demais reuniões da Instituição Espírita, bem como confeccionar cartazes, murais, *folders*, material para as mídias sociais e o *site* da Instituição, esclarecendo a importância do estudo e informando sobre a realização e o andamento das reuniões. A divulgação pode ser estendida para a comunidade em que a Instituição Espírita está inserida, via rádio, TV, jornais, revistas, boletins informativos, feiras de livro, faixas, *banners*, panfletos. Tudo isso levando-se em consideração as condições e disponibilidades de cada Centro Espírita.

A ficha de inscrição pode conter dados do interessado, tais como: nome, data de nascimento, endereço, telefone, *WhatsApp*, *e-mail*, atividade profissional, interesse em área de atuação na Instituição Espírita etc. Importante destacar que a ficha deve contemplar concordância dos participantes em que seus dados constem de banco de dados da Instituição Espírita e que aceitam receber correspondência, pelas vias disponíveis, com avisos e informações de

suas atividades e produtos. Cabe à Instituição Espírita respeitar leis referentes à proteção de dados e informações dos seus frequentadores (**Apêndice J – Exemplo de ficha de inscrição**).

3.11 Execução e avaliação das ações

Após o estabelecimento de diretrizes gerais e planejamento geral das atividades, cabe a Área de estudo acompanhar e auxiliar a execução das tarefas programadas, dirimir dificuldades e redirecionar ações ineficientes.

A avaliação é um processo importante na busca pela qualidade do trabalho. É importante verificar a eficiência, a eficácia e a efetividade das ações definidas. Avaliar significa melhorar o processo, buscar o alcance dos objetivos pretendidos.

A avaliação só pode auxiliar como instrumento de qualidade quando sabemos utilizá-la.

Sugerimos uma avaliação dinâmica e produtiva e não apontamentos de defeitos. A perspectiva a ser observada é a melhoria incessante do processo, para que o trabalho seja aperfeiçoado e ampliado.

O grupo precisa estar amadurecido quanto aos processos necessários de avaliação das tarefas. Evitar apontamentos negativos. Para saber como o trabalho está sendo eficaz, o ideal é ouvir os envolvidos nas tarefas e os frequentadores, a fim de redirecionar, (re)planejar e reorganizar as atividades.

Avaliar processos é diferente de avaliar pessoas. Aqui só cabe a avaliação de processos.

Algumas perguntas precisam ser respondidas antes, durante e após a implementação e execução de tarefas.

Exemplos de perguntas a serem refletidas na proposição de novo trabalho:

- a. Por que propor?
- b. Qual o objetivo a ser alcançado com esse novo trabalho?
- c. Qual o público a ser atendido?
- d. Quais as estratégias de trabalho?
- e. Que recursos serão necessários? etc.

Exemplos de perguntas a serem refletidas durante a execução de trabalho:

- a. As atividades estão sendo desenvolvidas a contento?
- b. Existe alguma necessidade de intervenção para modificar algo que não está dando certo?
- c. O trabalho poderá seguir como planejado?
- d. Existem possibilidades de melhoria? etc.

Exemplos de perguntas a serem refletidas após a execução de trabalho: (para trabalhadores):

- a. Sentiu alguma dificuldade na execução da tarefa? Qual? Por quê?
- b. Tem sugestão de melhoria? De alguma mudança eficaz e/ou necessária?

Exemplos de perguntas a serem refletidas após a execução do trabalho: (para frequentadores):

- a. Qual a sua opinião acerca desse trabalho?
- b. Gostou? Por quê?
- c. Sugestão de melhorias necessárias? etc.

É importante refletir sobre as respostas, porque elas apontam se o trabalho está bom ou se pode ser melhorado e onde precisa ser ajustado.

Lembremos sempre: *O comprometimento com a Causa é o foco das tarefas: acolher, consolar, esclarecer e orientar.*

3.12 Manutenção

Tão importante quanto atender às necessidades da Instituição é estar preparado para dar continuidade aos trabalhos com qualidade.

O grupo de trabalhadores precisa trabalhar em uníssono, em torno de um ideal, de uma única Causa. Por isso, o coordenador e o colegiado da área de estudos devem estar atentos aos movimentos dos grupos, percebendo as situações de ajustes para manter a harmonia dos trabalhos em consonância com as diretrizes.

Sugerimos o reforço constante do espaço de convivência entre os trabalhadores, de planejamento participativo, de estudos doutrinários e específicos a fim de construir uma base sólida de apoio e de trocas, importantes ao desempenho das tarefas.

As atividades podem ser planejadas para os diversos grupos: para o colegiado da área de estudos; para os trabalhadores dos estudos; para os trabalhadores da área social; para os coordenadores/responsáveis; para todos em um único momento (diretrizes gerais e doutrinárias servem para todos, independe da metodologia a ser aplicada nas tarefas específicas). Podemos citar como exemplo de estudos integrados para todas as áreas: respeito; auscultação fraterna; diálogo nos processos de aprendizagem e nas atividades sociais; temas doutrinários etc.

Quando “*todos*” trabalham em torno de uma Causa, temos uma unidade doutrinária, apesar das especificidades no atendimento ao público, respeitando-se uns aos outros, não existe hierarquia vertical de tarefas, ou de funções; existe apenas *supremacia da Causa*.

3.12.1 Integração

Supremacia da Causa: Caridade – é o foco de todos os trabalhadores envolvidos em projetos do bem. Só compreenderemos o bem pela vivência da Caridade em sua expressão mais simples, convivência fraterna, respeito, auxílio mútuo, desapego, em resumo: *União*.

Jesus em sua sabedoria não convidou os apóstolos em apartado; chamou-os juntos, constituiu um colegiado para auxiliarem-se, sustentarem-se nas dificuldades e convidou-os em duplas para espargirem a Boa-Nova. Não instituiu privilégios, nem tarefas especiais. Ele, o Mestre, lavou os pés dos discípulos como demonstração de ausência de hierarquia nas tarefas dos servidores-semeadores.

As instituições carecem de voltar os olhos para esse modelo de gestão ensinado por Jesus: simplicidade, responsabilidade, planejamento, respeito e união fraterna.

Não podemos falar em integração enquanto houver “sectarismos” em nossas instituições. É imprescindível reforçar constantemente a convivência fraterna.

3.12.2 Replanejamento

Para que as atividades cumpram suas metas e objetivos estabelecidos, é importante considerar as diversas possibilidades de avaliações, para manter a qualidade ou para alcançá-la, no atendimento aos frequentadores.

É importantíssimo considerar que as tarefas têm como alvo os frequentadores, logo, saber a opinião deles em relação as atividades das quais participam, constitui a orientação para o planejamento ou replanejamento futuros. É com os apontamentos da maioria que a Instituição deve pautar-se no planejamento de ações e propostas. Se a Instituição tem como meta o atendimento ao público, é ouvindo-o que saberá qual a melhor maneira de oferecer suas atividades de orientação, conforto e consolo doutrinários e auxílio social. Opiniões pessoais precisam ser analisadas pelo conjunto de trabalhadores, como sugestões e não como imposições.

O replanejamento é o processo de aperfeiçoamento e busca pela qualidade das tarefas. Ele é essencial.

3.12.3 Construção contínua

Com base nas avaliações, o replanejamento constitui uma construção contínua de ações e atividades que aperfeiçoam o grupo, o trabalho e a atividade. Essa construção é dinâmica não se sujeitando à estagnação de métodos, de pessoas e do tempo, mas acompanhando o progresso com as novas necessidades que surgem a fim de analisá-las, entendê-las e atendê-las segundo as bases da Codificação de Kardec sob à luz do Evangelho de Jesus.

Somente uma estrutura de trabalho bem definida, bem planejada, avaliada e replanejada é capaz de permanecer em aperfeiçoamento e crescimento contínuos. E para que essa estrutura atenda aos objetivos para os quais foi criada, é indispensável manter a integração entre os trabalhadores.

Lembramos também da influência que os trabalhadores exercem nos frequentadores que atendem. A integração entre frequentadores e trabalhadores é fator poderoso na continuidade de atividades, pois a permanência de frequentadores passa pela acolhida da Instituição, pelo trabalhador, e na manutenção dessa relação de confiança e pertencimento ao grupo.

Preparar o trabalhador é tão importante quanto oferecer atendimento aos frequentadores. O atendimento só vai acontecer para aquele que se sentir acolhido, ouvido, atendido.

Entendemos ser a capacitação “extremamente” importante, pois ela definirá o perfil do trabalhador da Instituição, dentro das diretrizes e metas estabelecidas para o atendimento à Causa. É, também, a capacitação responsável pela continuidade das tarefas, garantindo atendimento com qualidade e respeito a todos.

O TRABALHADOR VOLUNTÁRIO

A formação das equipes de trabalho é abordada em outro item deste documento. Neste capítulo especificaremos com mais detalhes o que diz respeito ao colaborador da AEE nas diversas funções dos processos de estudo.

Muito raramente uma pessoa está apta a assumir a responsabilidade de um grupo de estudo sem haver passado por uma formação que lhe proporcione os conhecimentos fundamentais daquilo que irá realizar. É do conhecimento comum também que a teoria pode não ser suficiente, fazendo-se indispensável, na maior parte dos casos, a experiência prática, com acompanhamento de pessoa mais experiente que guie os passos do neófito até que ganhe segurança dos processos adotados pela Instituição na qual deseja prestar sua colaboração.

Dessa forma, sugerimos que todo facilitador inicie seu trabalho como estagiário ou auxiliar, para adquirir as habilidades e a segurança necessárias para o bom desempenho na tarefa assumida, com os cursos de formação e a prática por um período razoável de tempo, que variará de pessoa para pessoa, conforme sua dedicação e velocidade particular para a aprendizagem.

Conforme avance na aquisição de conhecimentos e experiências, o facilitador poderá ser chamado a outras tarefas como a de multiplicador ou coordenador.

Outras funções existem na AEE como as de coordenação pedagógica e de secretaria. Também essas atividades exigem especialização que a pessoa pode haver adquirido em sua profissão ou mediante cursos feitos por escolha própria ao longo da vida ou por iniciativa da Instituição Espírita que convida o colaborador para a tarefa.

4.1 Como formar facilitadores e multiplicadores

A Instituição Espírita interessada pode promover cursos, seminários, oficinas, enfim, encontros para formação de trabalhadores voluntários para os diversos estudos que oferece ou pretende oferecer. No entanto, é mais eficaz para otimizar

o trabalho a reunião de várias instituições nos órgãos de unificação municipais, estaduais e nacional, conforme a dimensão da formação que se pretenda.

A Coordenação Nacional AEE, em parceria com as Coordenações Regionais e as Federativas, oferecerá propostas de preparação de facilitadores que poderão ser aplicadas pela própria equipe de coordenadores nacionais e regionais ou diretamente pelas federativas e centros interessados e que contem com pessoal capacitado para a tarefa.

Na mesma linha de procedimento, serão elaboradas propostas para formação de formadores (multiplicadores) para facilitar a aplicação das propostas referidas no parágrafo anterior.

4.2 Perfil e atribuições dos colaboradores da AEE

Nem sempre possuímos a bolsa farta, suscetível de garantir a longa despesa; entretanto, a bênção da amizade que suporta e ajuda, que ampara e incentiva o bem, é recurso que sobra invariavelmente no cofre vivo e milagroso da boa vontade...²⁹

Como aprendiz do Evangelho de Jesus, cabe ao trabalhador espírita vivenciar a Boa-Nova nas tarefas a que foi convidado a servir, em todos os momentos.

4.2.1 Exemplo de perfil

São condições desejáveis ao perfil do trabalhador da AEE, especialmente o facilitador de grupos de estudo, para o desempenho harmonioso e produtivo de suas atribuições:

- » Ter profundo conhecimento das obras básicas e do Evangelho de Jesus para esclarecer dúvidas perante os diversos temas da Doutrina Espírita;
- » Ter conhecimento do Movimento Espírita nacional e, primordialmente, vivência na sua base, que é o Centro Espírita;
- » Afinar-se com o trabalho federativo, atento à diversidade cultural e às diferenças regionais;

29 XAVIER, Francisco C. *Correio fraterno*. Por Espíritos diversos. 7. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2014. cap. 7 – *Simpatia* (Emmanuel).

- » Cultivar respeito pela continuidade dos trabalhos realizados anteriormente;
- » Ser acolhedor, carismático, com disciplina, comportamento sereno e firmeza doutrinária diante das diversas e confusas dúvidas que advém da cultura, credo e personalismo dos participantes;
- » Evangelizar-se sempre;
- » Manter coerência entre a fala e o exemplo;
- » Atualizar-se permanentemente;
- » Ter liderança e capacidade de gestão/coordenação de pessoas e atividades;
- » Ser reflexivo e humilde;
- » Saber ouvir, dialogar, administrar, mediar conflitos e aproveitar ideias dos participantes;
- » Saber conduzir os debates;
- » Respeitar e saber lidar com opiniões contrárias;
- » Respeitar as diferenças, quaisquer que sejam;
- » Ser sensível às reações do grupo;
- » Ser alegre e criativo;
- » Ser acessível, aberto para abordar e argumentar em uma conversa fraterna e impessoal sobre os mais variados temas doutrinários;
- » Cultivar o equilíbrio emocional e mental;
- » Vivenciar a fraternidade, o perdão e a paciência;
- » Permanecer vigilante e confiante na tarefa que desempenha;
- » Renunciar às ações de natureza pessoal, privilegiando atividades que favoreçam o Movimento Espírita;
- » Ter visão da missão do Espiritismo em sua mais lídima expressão.

O facilitador se torna ora gestor, ora mediador da autoeducação do educando, tendo ele passado pelo mesmo processo (ou estar passando, uma vez que o processo é contínuo), desde que nele esteja implícita as condições.

Condições psicológicas:

- » Aprender a Conhecer (observar, sentir e fazer);
- » Aprender a Fazer (avaliar, dimensionar e envolver);
- » Aprender a Envolver (conviver, oportunizar e valorizar);
- » Aprender a Ser (autoconhecer-se, aprimorando a autoconquista, a intra e a interrelação pessoal).

Condições pedagógicas

Ter como princípios norteadores da tarefa:

- » Conhecimento do seu grupo (potenciais e possibilidades).

Valorização do ser:

- » Respeito à liberdade;
- » Valorização da convivência.

Saber utilizar-se dos instrumentos:

- » Programáticos;
- » Metodológicos;
- » Recursos didáticos e de multimídia;
- » Linguagem didática;
- » Relações Humanas;
- » Avaliativos.

Condições doutrinárias

Ter domínio seguro dos ensinamentos espíritos:

- » Pesquisa bibliográfica bem direcionada;
- » Estudo aprofundado do tema;
- » Concentrar na postura íntima de vivenciar os ensinamentos espíritos.

4.2.2 Exemplos de atribuições

Considerando um organograma simples de uma Casa de mediano tamanho, podemos elencar as seguintes atribuições às tarefas de:

Coordenador-geral – gerenciar todas as atividades que são desenvolvidas na Área ou equivalente, além de prover os meios necessários para que o planejamento pedagógico do estudo seja cumprido integralmente.

Equipe Pedagógica – elaborar o planejamento pedagógico e acompanhar o desenvolvimento das atividades, bem como participar da formação de facilitadores.

Equipe da Secretaria – prover os meios necessários para a execução dos estudos. Nesse sentido, cabe à secretaria desenvolver as seguintes tarefas específicas:

- » Cadastrar, organizar e manter atualizados os dados dos participantes;
- » Suprir as salas do encontro com materiais didáticos necessários;
- » Gerar e distribuir aos facilitadores a lista dos participantes;
- » Apoiar os facilitadores no contato com os participantes ausentes;
- » Gerar relatórios contendo os índices de frequência;
- » Manter a coordenação informada sobre os relatórios de frequência e evasão de participante;
- » Arquivar toda a documentação da Área, Núcleo ou equivalentes.

Facilitador – integrar a grupo com a finalidade de proporcionar ambiente acolhedor para o estudo da Doutrina Espírita, seguindo as diretrizes pedagógicas e administrativas estabelecidas no plano de ação. Especificamente, cabe ao facilitador desenvolver as seguintes ações:

- » Acolher, amparar, consolar, esclarecer e orientar os participantes;
- » Promover o relacionamento agradável, entre os participantes, durante todo o processo de estudo;
- » Ser acessível, aberto para abordar e argumentar em uma conversa fraterna e impessoal sobre os mais variados temas doutrinários;
- » Estabelecer comunicação clara, educada e edificante com todos;
- » Acompanhar o envolvimento e desenvolvimento dos participantes;

- » Acompanhar a frequência dos participantes para fins estatísticos e de avaliação;
- » Incentivar, orientar e acompanhar os participantes nos trabalhos de pesquisa, notadamente na leitura prévia dos temas a serem estudados;
- » Acompanhar o interesse dos participantes durante as reuniões, observando os conhecimentos doutrinários por eles demonstrados em sua participação nas tarefas;
- » Coordenar as atividades estabelecidas para a grupo sob sua condução, de modo a obter o melhor rendimento na execução da tarefa;
- » Participar efetivamente das reuniões pedagógicas e administrativas;
- » Participar de encontros de formação e aperfeiçoamento, seminários e demais atividades programadas;
- » Interagir sempre com as outras áreas da Instituição;
- » Levar ao conhecimento da Coordenação eventuais problemas com os participantes quanto aos aspectos doutrinário, pedagógico e disciplinar, entre outros;
- » Cooperar com as equipes Pedagógica e da Secretaria no cumprimento de suas atribuições.

4.3 Especificidades de cada estudo

De forma geral, o perfil e atribuições descritas servem para os colaboradores de todos os estudos oferecidos pela Instituição Espírita. No entanto, existem algumas especificidades que merecem comentadas.

Entre elas pode-se destacar que o ESDE tem sido um grande formador de trabalhadores para as diversas áreas de atuação da Casa Espírita, inclusive para preparar futuros facilitadores para o próprio ESDE. Nos seus grupos de estudo cabe bem o papel do estagiário, que pode surgir dos grupos que já estão há mais de ano participando do estudo, com a sugestão de que seja evitado nos grupos iniciais, pelas mesmas razões referidas a seguir.

Consideramos a diversidade de pessoas que chegam na Instituição Espírita, provenientes de outras religiões ou acomodadas às confissões religiosas *pro forma*, ou seja, “não-praticantes”, mais bem habituadas ao materialismo prático incentivado pela sociedade e seus meios de comunicação, seria conveniente evitar que

as grupos iniciais dos estudos e, especificamente, todas as da IEE contassem com estagiários ainda que acompanhados.

Para a recepção e integração de pessoas que não conhecem o Espiritismo, de preferência contar com facilitadores já experimentados e com amplo conhecimento do Espiritismo, de outras religiões, da estrutura social, dos problemas da atualidade etc.

4.4 Termo de adesão ao trabalho voluntário

Na forma da Lei 9.608, de 16/2/1998, todo trabalhador voluntário deverá assinar termo de adesão ao trabalho voluntário, conforme modelo do **Anexo C – Exemplo de termo de trabalho voluntário**.

METODOLOGIA DO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

Allan Kardec, na Codificação Espírita, trata da metodologia no ensino espírita de forma generalista e abrangente, sem atar-se a quaisquer teorias ou pensamento individual específicos, nos seguintes termos:

[...] Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a *educação*, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na *arte de formar os caracteres*, à que *incute hábitos*, porquanto *a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*. [...] ³⁰

Não se espantem os adeptos com esta palavra – ensino. Não constitui ensino unicamente o que é dado do púlpito ou da tribuna. Há também o da simples conversação. Ensina todo aquele que procura persuadir a outro, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências. [...] ³¹

Há no pensar pedagógico de Kardec, inequivocamente, influência das ideias de Johann Heinrich Pestalozzi, seus métodos e concepções. Nada obstante, o Codificador absteve-se de citá-lo pessoalmente, ou mesmo de indicar em termos precisos qualquer teoria pedagógica preconcebida.

Não é que Allan Kardec desconhecesse as teorias e técnicas indutivas e/ou dedutivas vigentes em meados do século XIX, como reconhecido pedagogo francês, mas as circunstâncias estão a indicar que fez opção consciente de não restringir

30 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 2. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. Pt. 3 – Das leis morais, cap. 3 – *Da lei do trabalho*, Limite do trabalho. Repouso, comentário de Kardec à q. 685-a.

31 _____. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. Pt. 1, cap. 3 – *Do método*, it. 18.

ou enquadrar o ensino espírita a nenhuma delas, conferindo-lhe capacidade de adaptação e flexibilidade suficientes, bem como preservando-o para o futuro.

Não há ninguém, nos dias atuais, que cogite que o homem atingiu seu apogeu intelectual, ou que imagine que já foi lida a última palavra do livro da Natureza, de modo a estar convicto acerca da imutabilidade de suas teorias. De outro lado, não há nenhuma teoria pessoal hodierna que de tão perfeita, não esteja sujeita a críticas ou dissensões.

Importar qualquer nomenclatura, ou quaisquer teorias específicas, ou ainda técnicas especiais da pedagogia formal para o âmbito do ensino espírita é tentativa de atá-lo no tempo e no espaço, com sérios prejuízos para o futuro. Todas as críticas e dissensões que, por sinal, pesarem sobre tais teorias poderiam, doravante, pesar também sobre o Movimento Espírita. Sem nenhum demérito às metodologias existentes, cujos resultados e benefícios são indiscutíveis, o estudo espírita não se restringe a nenhuma delas.

Kardec ressalta que:

[...] O essencial era pô-lo ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições da vida. Foi o que tentamos fazer, com a ajuda dos bons Espíritos que nos assistem.³²

É este o ponto em que se aproveita a orientação de Emmanuel, supracitada no item 4.2, aplicando-a aqui ao pensamento de Allan Kardec, no sentido de que o Movimento Espírita deve estar atento não somente ao que ele fez, mas também ao que ele deixou de fazer.

Por tais razões é conveniente não fixar o ensino espírita no tempo atual, amarrando-o a determinadas posições individuais ou teorias específicas. Ou seja, que os espíritas da atualidade, assim como Allan Kardec o fez, reúnam as teorias científicas atuais, aproveitando seus elementos aplicáveis produtivamente ao ensino espírita, sem, no entanto, adotar seus rótulos transitórios. Que as técnicas sejam auxiliares para identificar o desejo do estudante, alicerçado na vontade, bem como o interesse pessoal pelos estudos, sem intenções de proselitismo de massa, que ensejariam possivelmente quantidade sem qualidade.

32 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017. *Introdução*, I – Objetivo desta obra.

O ensino espírita deve, hoje, receber tratamento similar ao que lhe foi conferido por Allan Kardec, isto é, fundamentado em noções generalistas e abrangentes acerca da formação do ser humano, especialmente porque seu conteúdo é igualmente amplo e abrangente, pois toca em todos os ramos do conhecimento, envolvendo a educação moral integral dos indivíduos.

Ao dizer que há ensino fora do que é dado do púlpito e da tribuna, Kardec adverte, ainda, que o ensino espírita não obedece a processos formais de instrução. Significa dizer que o objetivo primordial do ensino espírita não é fazer com que o aprendiz conheça intelectualmente, por exemplo, todas as 1.019 questões de *O livro dos espíritos*, mas sim formar homens de bem, com caracteres e hábitos salutareis, que lhes proporcionem felicidade duradoura alicerçada no exercício da fraternidade legítima.

Ressalte-se, por fim, que no ensino espírita não há mestres nem doutores, nem quaisquer títulos de especialização teórica, de modo que os únicos elementos capazes de atestar superioridade são a virtude e o mérito que resultam das obras de cada um. Fora desse plano, todos os espíritas são meros aprendizes, uns ensinando aos outros, dentro das diminutas possibilidades e experiências individualmente vivenciadas.

Este projeto de *Orientação para a área de estudo do espiritismo*, no que diz respeito à metodologia de ensino, adota posicionamento generalista e abrangente, partindo primordialmente e necessariamente das ideias básicas inseridas na Codificação Espírita, por Allan Kardec, desenvolvendo-as e adicionando, quando e se necessário, noções hodiernas.

Especificando, sugere apenas a existência de metodologias para a aplicação pontual e conforme as circunstâncias, sugerindo que o enfoque seja sempre o da convivência fraterna pela qual uns aprendem de outros sem que ninguém precise se impor a outrem, pois, como espíritas, é dever dos responsáveis pelo estudo nas casas espíritas saber que a técnica mais eficiente utilizada por Jesus foi a do exemplo (**Apêndice D – Metodologia**).

5.1 Por que planejar o estudo?

Planejar é organizar ações. Todo estudo sério deve ter objetivos precisos e bem definidos, do contrário, tomará rumos diversos e sem aproveitamento. A improvisação causa insegurança no grupo e provoca o descrédito do facilitador. O plano de estudo deverá conter atividades de acolhimento e esclarecimento que despertem o interesse do grupo, promovendo a construção do conhecimento. Um plano mínimo ou um roteiro de atividades deve ser elaborado, observando-se o tempo da reunião, o perfil do grupo e os limites físicos e estruturais da Casa Espírita.

5.2 O que planejar para o estudo?

Pode-se planejar o estudo, observando-se: os objetivos, o conteúdo, as dinâmicas ou técnicas, o tempo para cada atividade e a avaliação (**Apêndice E – O que planejar para o estudo**).

Cada encontro, dessa forma, necessita de um roteiro com os objetivos a serem atendidos, os conteúdos a serem estudados no dia, as dinâmicas de estudo e fechamento, bem como definição dos recursos a serem utilizados para despertar o interesse e a participação do grupo, promovendo constantemente a reflexão, com respeito e fraternidade.

5.3 Por que usar técnicas de estudo?

O uso das diferentes técnicas torna o estudo mais interessante e produtivo. A repetição frequente da mesma técnica pedagógica tornará o encontro cansativo. Há, em cada grupo, pessoas com diferentes características. O uso de diferentes técnicas de aprendizagem tem o propósito de alcançar todos os participantes do grupo, de modo a permitir que eles se sintam sujeitos ativos no processo de aprendizagem.

Jesus utilizou diferentes técnicas para explicar e exemplificar o Evangelho. Ele contou histórias, narrou parábolas, argumentou, comparou, discutiu, fez sermões, exemplificou, ilustrou, desenhou, perguntou. Seus discípulos aprendiam com sua amorosa didática, com suas atitudes e ações.

Recomenda-se que, nas reuniões de estudos, sejam evitadas longas falas ou exposições do facilitador e que se estimule a participação do grupo na discussão dos assuntos, considerando as manifestações, ao final, para que sejam evidenciadas as ideias principais do conteúdo estudado.

Estudos³³ analisaram o uso de métodos, técnicas de ensino e recursos didáticos, indicando a porcentagem das informações retidas pelos estudantes: “10% do que leem; 20% do que escutam; 30% do que veem; 50% do que veem e escutam; 70% do que dizem e escutam e 90% do que dizem e logo realizam”. Essa tese e outros estudos e pesquisas evidenciam a importância da utilização do máximo possível

33 BARBOSA, Paulo Osmar D. *Análise do uso dos métodos, das técnicas de ensino e recursos didáticos aplicados nos cursos de qualificação profissional: um estudo de caso no CEFET (PR)*. Dissertação de Mestrado, it. 2.6 Recursos Didáticos, Quadro 03 – Porcentagem dos Dados retidos pelos Estudantes. Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/79448/179206.pdf>.

dos sentidos no processo de estudo, ou seja, os melhores recursos são aqueles que propiciam uma participação efetiva.

O facilitador deverá preparar a reunião, levando em consideração as características regionais e específicas do grupo (perfil e nível de conhecimento dos participantes), o espaço físico e os recursos materiais disponíveis.

5.3.1 Por que estudar em grupo?

Encontra-se, no capítulo 1, item 5, de *A gênese*, a seguinte afirmação:

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. [...] ³⁴

Estudar em grupo facilita a construção do conhecimento porque estimula os participantes a compartilharem informações, propiciando-lhes não apenas o desenvolvimento do seu próprio entendimento sobre o Espiritismo, mas também o desenvolvimento de suas qualidades morais pelas reiteradas oportunidades de interação grupal.

Uma das características do Estudo do Espiritismo é a participação dos interessados no processo de aprendizagem, bem como a reflexão coletiva, por ser rica de informações diversificadas e percepções variadas acerca do mesmo assunto em função da riqueza das experiências individuais. Por meio dos estudos em grupo, da leitura e do comentário das obras da Codificação e subsidiárias, dos debates, com a socialização e reflexão de ideias entre participantes e facilitadores, nos reconhecemos uns aos outros como eternos aprendizes e professores. E como diz a escritora Cora Coralina: “ensina o que sabe e aprende com o que ensina”. Trata-se, portanto, de um envolvimento efetivo dos participantes, buscando conhecimento e consolação, numa ambiência em que ambos ensinam e aprendem. Quando todo um grupo analisa determinado assunto, a visão desse tema se amplia e se enriquece. (*Manual do curso de coordenadores ESDE – UEM*). Por isso, o estudo da Doutrina Espírita deve ser muito mais que uma lista de conteúdos a serem estudados (**Apêndice G – Estudo em grupo** e **Apêndice F – Exemplos de atividades contextualizadas**).

34 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guilon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 1 – *Caráter da revelação espírita*.

5.3.2 Por que incentivar o estudo individual?

O livro dos espíritos esclarece que

[...] A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento. [...] ³⁵

A construção do conhecimento nos grupos de estudo do Espiritismo deve ser autogerida, sendo facilitado pelo incentivo a leituras individuais complementares, além dos estudos realizados no grupo.

Há várias maneiras de incentivar o estudo individual. Por característica de autodireção e capacidade de autodidatismo, é natural que o participante resista a todo tipo de imposição. Portanto, incentivar a leitura e a pesquisa é mais eficaz que impor e cobrar leitura de bibliografia. Por exemplo, sugerir, a título de incentivo, que dois ou mais integrantes do grupo preparem o próximo roteiro ou que todos pesquisem, durante a semana, sobre o tema que será estudado no próximo encontro, como subsídio para o aprofundamento.

5.3.3 Por que a pesquisa bibliográfica?

As referências bibliográficas são fontes do conteúdo doutrinário. A bibliografia deve ser objetivamente selecionada com base em critério de conhecimento doutrinário. Portanto, os livros utilizados e citados devem ser espíritos, ou seja, que guardem respeito aos postulados codificados por Allan Kardec.

Os participantes devem ser incentivados ao uso dos livros, de forma tradicional ou eletrônica, para que tenham acesso a essa vasta fonte do conhecimento espírita, não ficando limitados aos conteúdos indicados em subsídios ou roteiros.

A utilização de materiais elaborados com base em conhecimento pedagógico e de textos são recursos didáticos muito bem-vindos e colaboram com a aprendizagem, mas é importante utilizar as obras para que o grupo aprenda a manusear os livros e saiba onde se encontram os conteúdos estudados. Por exemplo, apresentar alguns livros relacionados com um dos assuntos do semestre para escolha de um ou mais que será(ão) lido(s) pelo grupo para debate em um dos dias de atividade

35 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 2. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. *Introdução ao estudo da Doutrina Espírita*, it. XVII.

ou para apresentação de um simpósio por alguns dos participantes, seguido de debate geral em roda de conversa.

5.4 Avaliação

Avaliar é processo contínuo e permanente de observação do desempenho com vistas à melhoria da qualidade do trabalho. A avaliação pode ser entendida como ferramenta de auxílio no processo de aprendizagem e aperfeiçoamento da tarefa. O processo de avaliação pode ser elaborado e aplicado pela equipe pedagógica ou pessoa responsável por essa atividade na Casa Espírita.

É importante que o facilitador compartilhe com os participantes de seu grupo os resultados da avaliação realizada, devendo observar o nível de compreensão do conteúdo, com nova abordagem do tema nas situações em que ficou evidenciada deficiência.

A coordenação ou pessoa responsável pela avaliação compartilhará com toda a equipe, conforme a área específica avaliada, os resultados positivos e os indicativos de necessidade de melhoria e aperfeiçoamento.

A avaliação é um instrumento para alcançar fins e não um fim em si mesma. Por isso, é importante definir o que vai ser avaliado e o motivo dessa avaliação. O uso da avaliação implica propósito útil, significativo, sempre lembrando que não cabe avaliar o nível de conhecimento do participante, mas sim se ele compreendeu o assunto tratado (**Apêndice H – Avaliação**).

Lembre-mos das possibilidades e das limitações dos instrumentos da avaliação para que utilizemos os resultados com bom senso, cujas finalidades implicam:

- a. Verificar o quanto os objetivos foram alcançados, para eventualmente fazer um replanejamento da atividade com vistas a atingir o que foi proposto;
- b. Iniciar novo planejamento e estabelecer novos objetivos;
- c. Indicar os aspectos que precisam ser trabalhados na capacitação e atualização dos facilitadores;
- d. Repensar e reorganizar a estrutura e o funcionamento das atividades. Os resultados dessas avaliações não podem se perder em relatórios, mas precisam ser compartilhados com os envolvidos na situação específica avaliada e utilizados como contínua alimentação do processo de reflexão.

5.4.1 O que avaliar?

Além da compreensão e entendimento do participante no processo de estudo, é bom que também se avaliem atuação, comprometimento, participação, cumprimento de tarefas assumidas, desempenho nas leituras e pesquisas e o relacionamento intra e interpessoal, do grupo participante.

O facilitador também precisa passar pelo processo de avaliação quanto ao seu desempenho, à preparação das reuniões, ao seu conhecimento e comprometimento, à iniciativa e relacionamento com os participantes, bem como sua capacidade de conduzir grupos de forma harmoniosa e produtiva, correlacionando conteúdos estudados com o cotidiano, no processo de apoio à construção do conhecimento. A avaliação precisa alcançar todos os envolvidos, o processo de estudo e a organização administrativa. Por isso, sugere-se a realização da autoavaliação do participante, da autoavaliação do facilitador, da avaliação da infraestrutura, do relacionamento dos grupos de estudo com as demais áreas da Casa Espírita etc. (**Apêndice I – Exemplos de instrumentos de avaliação**).

5.4.2 Quando avaliar?

Os momentos de avaliação devem ocorrer conforme o plano de trabalho previamente estabelecido.

A depender da finalidade a que se destina, a avaliação poderá ocorrer em momentos distintos. Por exemplo:

Autoavaliação do facilitador, cuja finalidade é sondar como está a integração da equipe de trabalhadores e saber sobre eventual dificuldade didática, poderá ser realizada formação que antecede as atividades do estudo e em períodos predeterminados. Com o resultado, poder-se-ão programar temas/conteúdos para serem trabalhados nas reuniões pedagógicas e/ou nos encontros formação;

Avaliação do facilitador pelo participante, cuja finalidade é sondar a condução das atividades e detectar eventuais dificuldades didáticas dos trabalhadores, poderá ser realizada em dois períodos durante o semestre: a primeira avaliação identifica as dificuldades e propõe atividades com os facilitadores para auxiliá-los; e a segunda avaliação sonda se sua prática didática foi facilitada pelas reuniões pedagógicas;

A avaliação da compreensão do conteúdo pode ocorrer em qualquer momento dos encontros ou após a aplicação de cada livro, roteiro ou módulo de estudo. O objetivo desse tipo de avaliação não é medir conhecimento do participante,

mas sim identificar a necessidade de atividades de revisão para que se tenha ideia de quais assuntos precisam de mais esclarecimentos. Podem ser usados, ainda, a qualquer momento, como formas de avaliar, o incentivo à produção textual, oral e artística; e o diálogo com os participantes, solicitando que apontem assuntos/temas/pontos específicos que merecem maiores esclarecimentos e/ou mais aprofundamento.

A INTEGRAÇÃO DOS PARTICIPANTES DOS ESTUDOS NAS DEMAIS ATIVIDADES DA CASA ESPÍRITA

“O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. [...]”³⁶

A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social [...]”³⁷

A AEE reúne potencial para a formação de trabalhadores voluntários para as instituições espíritas pelo fato de oferecer aos participantes de seus estudos a oportunidade da conscientização quanto à importância da prática do bem em favor do semelhante.

Por isso, é importante que os coordenadores e facilitadores da AEE proporcionem a integração dos participantes dos estudos em outras atividades da Instituição Espírita, oportunizando o exercício da caridade e da convivência fraterna.

Aos coordenadores ou dirigentes de cada setor de atividades cabe a responsabilidade de acolhê-los, fortalecendo os sentimentos de amor que devem presidir as relações no Centro Espírita. Por exemplo, os participantes do ESDE ou do EOB, assim como de todos os demais estudos, podem colaborar na Área de Assistência e Promoção Social, no atendimento fraterno, recepção, passes, palestra pública, atividade mediúnica, evangelização da criança e do jovem (quando preparados

36 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 2. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. Pt. 4 – Das esperanças e consolações, cap. 2 – *Das penas e gozos futuros*, Paraíso, inferno e purgatório. q. 1019.

37 _____. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 18 – *São chegados os tempos*, Sinais dos tempos, it. 17.

para isso), e mesmo, os que se destaquem depois de certo tempo nos grupos de estudo, serem convidados à formação e ao estágio nos grupos de estudo do ESDE, por exemplo, entre outras oferecidas pela Casa.

SEGUNDA PARTE

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA IMPLANTAÇÃO DE CADA ESTUDO

APRESENTAÇÃO

Esta segunda parte objetiva especificar informações sobre a aplicação dos programas de estudo oferecidos ao Movimento Espírita por intermédio da Área de Estudo do Espiritismo (AEE).

A sequência Introdução ao Estudo do Espiritismo (IEE), Estudo Sistematizado do Espiritismo (ESDE), Estudo da Obra Básica (EOB), Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE) indica a característica progressiva dos estudos, mas não necessariamente, uma relação de pré-requisito para os participantes. Entretanto, sugerimos que “Outros Estudos” sejam oferecidos pelas casas espíritas depois de disponibilizados os estudos referidos, pois os interessados terão muito mais proveito nesses outros estudos se tiverem a base doutrinária bem desenvolvida.

Sugere-se que os estudos sejam realizados em grupos privativos, no sentido de que todo participante, agregado a qualquer tempo, deverá ser inscrito e orientado quanto à programação a ser desenvolvida ou em andamento.

Os programas propostos pela FEB são referência que pode ser utilizada como exemplo e base para a escolha ou elaboração de programas de estudo para as casas espíritas.

Além dos estudos IEE, ESDE, EOB e EADE, a FEB oferece também o Estudo a Distância(EaD) Espiritismo, uma proposta pioneira que visa a alcançar interessados em realizar estudos básicos da Doutrina Espírita, mas que residem em locais sem a presença de uma Casa Espírita, locais onde existe uma casa espírita, mas não oferece os estudos pretendidos ou, ainda, àqueles que não dispõem de tempo hábil para realizar uma atividade de estudo presencial. O conteúdo do EaD Espiritismo é baseado na Codificação e obras subsidiárias, nos moldes de todos os demais estudos que a FEB oferece. Esse estudo, que está adaptado à realidade virtual, conta hoje com o apoio de várias federativas que, atendendo às solicitações da FEB, indicaram tutores para os grupos que são formados em três períodos cada ano, além de outros cooperadores que auxiliam nos aspectos técnicos, de relacionamento entre os tutores e os participantes, administração de todo o processo, constante revisão do material oferecido com base nas avaliações realizadas etc. Convidamos os interessados que ainda não conhecem o programa a visitar o Portal da FEB onde estão publicadas outras informações a respeito.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO ESPIRITISMO (IEE)

7.1 Organização

A Introdução ao Estudo do Espiritismo, estruturalmente, está vinculada à Área de Estudo do Espiritismo ou seu equivalente na Instituição Espírita. A coordenação da atividade, portanto, cabe ao coordenador dos demais estudos destinados aos adultos. De forma ideal, precisa ser conduzida por dois facilitadores experientes, devendo-se evitar que iniciantes na tarefa de conduzir grupos de estudo assumam essa tarefa, pois seu público-alvo demandará amplo conhecimento espírita, de outras religiões, de cultura e habilidade para condução de grupos heterogêneos.

Sugere-se grupos entre cinco a quinze participantes de forma a permitir a interação individual dos facilitadores com os participantes e facilitar a dialógica que deve ser a metodologia dominante no oferecimento dos conteúdos.

As inscrições podem ser aceitas a qualquer tempo, pois o conteúdo não será dependente de pré-requisitos, ou seja, os assuntos podem ser oferecidos independentes uns dos outros. Conscientes de que há casas espíritas que acolhem interessados para os grupos de estudo a qualquer tempo, naquelas que fazem inscrição para os estudos em períodos certos do ano, a IEE poderá acolher os interessados no estudo até a abertura de novas inscrições. Não será exigido qualquer pré-requisito para a admissão de interessados.

7.2 Funcionamento

A Introdução ao Estudo do Espiritismo não é pré-requisito para o ingresso a nenhum estudo desenvolvido em uma Casa Espírita.

Encontros semanais, com tempo de 90 a 120 minutos, em dia e horário pre-determinados, de acordo com a Instituição.

O período de aplicação pode variar, conforme a programação da Instituição. Algumas preferirão a aplicação dos temas de forma cíclica a cada semestre ou a cada ano, adaptando-se aos períodos de recesso comuns a cada Região.

O facilitador escolherá o tema do primeiro encontro, visando principalmente ouvir os participantes, mediante dinâmica que facilite a apresentação de uns aos outros. Finalizado o encontro do primeiro dia, a grupo, sob orientação do facilitador, escolherá democraticamente o assunto do próximo dia de estudo, contido no temário.

O tema escolhido poderá se estender por mais de uma reunião, ou futuro encontro, permitindo, desta forma, que novos integrantes possam também discutir um assunto já abordado.

As formas de estudo poderão variar conforme a necessidade dos participantes, como, por exemplo, o uso de textos para leitura em grupo, narrativa de vivências e debates, pesquisas compartilhadas, vídeos, *slides* de apresentação (tipo *Power Point*), entre outros.

7.3 Público a que se destina

Pessoas que buscam as instituições espíritas, necessitadas de acolhimento e de noções básicas referentes ao conhecimento espírita.

A principal função da IEE é acolher pessoas que chegam nas instituições espíritas sem conhecimento básico, identificados pela própria Área de Estudo do Espiritismo, pelo Atendimento Espiritual e Área de Promoção Social Espírita ou equivalentes.

A proposta da IEE é orientar os iniciantes em suas dúvidas e inquietações acerca da Doutrina Espírita e consolar aqueles que trazem problemáticas de vária ordem pelo esclarecimento dos conceitos básicos oferecidos pelo Evangelho de Jesus.

A IEE visa atender, de forma prática e em tempo hábil, a ansiedade primeira dos neófitos para que tenham uma noção básica do Espiritismo e seja minimizada a evasão nos demais grupos de estudo.

7.4 Objetivos gerais

Promover o acolhimento, o consolo e a introdução aos fundamentos espíritas, em qualquer época do ano, tendo por base a mediação dialógica.

Oferecer bases para o ingresso aos programas de estudo disponibilizados pela Instituição Espírita.

7.5 Objetivos específicos

- a. Acolher a pessoa interessada no estudo do Espiritismo com base no Evangelho;
- b. Atender às dúvidas imediatas e curiosidades referentes ao Espiritismo;
- c. Facilitar a confraternização e a integração entre os participantes;
- d. Abordar a importância do estudo e conhecimento do Espiritismo;
- e. Facilitar o aprendizado dos conceitos básicos do Espiritismo;
- f. Convidar o participante a refletir sobre a sua realidade espiritual;
- g. Correlacionar, fraternalmente, Espiritismo, sociedade e o cotidiano das pessoas;
- h. Contribuir para a redução da evasão nos grupos de estudo;
- i. Apresentar a Instituição e os estudos que ela oferece.

7.6 Proposta metodológica

Mediação dialógica,³⁸ entendida como processo de despertar do grupo, por meio de diálogo interativo entre todos os participantes, para que, em conjunto, à luz da Doutrina Espírita, encontrem as melhores soluções para a construção do conhecimento que ilumine as experiências vividas no cotidiano e, conforme recomenda Allan Kardec em *O livro dos médiuns*, capítulo 3 – *Do método*, itens 18 e 19, partindo do simples para o complexo.

38 Definição cunhada pela equipe da AEE reunida entre os dias 7 a 9 de setembro de 2017 e aperfeiçoada em encontros posteriores.

O estudo deve atender às necessidades imediatas de conhecimento espiritual do participante, buscando esclarecer de forma simples e cativante, com viés na aplicação do cotidiano.

Cabe ao facilitador observar os objetivos gerais e específicos na aplicação de cada tema. A lista sugerida neste documento poderá sofrer alterações e adequações conforme as necessidades específicas de cada grupo.

Buscou-se selecionar temas voltados para o acolhimento, apoiados sempre em *O evangelho segundo o espiritismo*. No entanto, deve-se evitar o foco em apenas um aspecto da Doutrina, visando sempre o tríplice aspecto do assunto abordado, à luz do Evangelho de Jesus, com evidências de que toda consequência é fruto de uma causa.

Os temas poderão ser estudados na sequência de maior interesse para o grupo, uma vez que não constituirão pré-requisitos uns para os outros.

7.7 Temas

A grade de temas, a ser elaborada pela equipe responsável, precisa considerar a curiosidade natural das pessoas que chegam ao Centro Espírita e suas necessidades, adicionado aos principais questionamentos observados nos primeiros contatos com a Doutrina Espírita.

Sendo o objetivo principal o de atendimento dos anseios da maioria que busca neste tipo de reunião de estudo, o esclarecimento e o consolo, não há necessidade de observação de uma sequência de temas.

Para temas que por ventura necessitem de mais de um encontro, é recomendado que sejam tratados em reuniões sequenciais, evitando assim o adiamento das dúvidas e seus devidos esclarecimentos.

Como a Introdução ao Estudo do Espiritismo pode ser o primeiro contato da pessoa com as informações da Codificação Espírita em caráter de estudo, é imprescindível que esse contato seja sutil e esclarecedor, como descrito:

- » Temas que atendam as necessidades do participante;
- » Bibliografia confiável: para pesquisas (do facilitador) e indicação de leitura confiável, doutrinária, segura (aos participantes);
- » Visão geral: mais na horizontal que na vertical, sempre apoiada na experiência dos participantes, sem pressa nem desejo de esgotar os assuntos de imediato.

ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA (ESDE)

8.1 O que é estudar de forma sistematizada?

É construir o conhecimento, partindo de conteúdo mais simples para o mais complexo, com aprofundamento progressivo, de forma planejada, organizada e contínua.

É estudar os temas espíritas, encadeados com lógica, mediante programação previamente elaborada, com sequência, método e coerência. (**Anexo A – O Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita nos seus 35 anos**).

8.2 Quais são as consequências do ESDE?

Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade.³⁹

O estudo proporciona:

- a. Diretrizes para a transformação moral;
- b. A unidade dos princípios espíritas, em decorrência da compreensão e assimilação do conteúdo doutrinário;

39 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 18 – *São chegados os tempos*, Sinais dos tempos, it. 19.

- c. A propagação da Doutrina Espírita nas bases em que foi codificada;
- d. O desenvolvimento da fé raciocinada;
- e. A formação de trabalhadores esclarecidos e comprometidos com a Casa e o Movimento Espírita;
- f. O entendimento do verdadeiro sentido da palavra caridade, conduzindo à sua prática;
- g. O despertar da consciência para a realidade da vida imortal;
- h. A participação na sociedade pelo favorecimento de condições propícias para o desenvolvimento da colaboração e da responsabilidade;
- i. A unificação do Movimento Espírita, conscientizando sobre a expressão de Bezerra de Menezes: “Solidários seremos união, separados uns dos outros, seremos pontos de vista”;
- j. O gosto pela leitura e pelo estudo sério, valorizando o estudo metódico e a pesquisa;
- k. A construção de uma sociedade solidária, fraterna e justa. Em síntese, uma sociedade evangelizada.

[...] Trabalhemos servindo e sirvamos estudando e aprendendo. E guardemos a convicção de que, na Bênção do Senhor, estamos e estaremos todos reunidos uns com os outros, hoje quanto amanhã, agora e sempre. – BEZERRA DE MENEZES⁴⁰

8.3 Organização

Como programa de estudo metódico do Espiritismo, o ESDE deve ser fundamentado na Codificação Espírita e nas obras subsidiárias.

Esse estudo pressupõe:

- » a. A definição de objetivos;
- » b. A seleção de conteúdo conforme a delimitação dos objetivos;

40 MENEZES, Bezerra de. *Divulgação Espírita* (mensagem psicografada por Francisco C. Xavier). In: *Reformador*. ano 123, n. 2.117, ago. 2005. p. 15(293)-16(294).

- » c. A utilização de técnicas e dinâmicas que facilitem o entendimento do conteúdo;
- » d. A avaliação em todos os aspectos do processo de estudo;
- » e. O replanejamento com vistas a encontrar melhores meios de facilitar a compreensão do conteúdo.

Os temas, que separam o conteúdo em partes, são delimitados pelos objetivos e aprofundados por pesquisa bibliográfica. No sequenciado de obra específica, com ou sem inclusão de bibliografia auxiliar ou complementar, o estudo ocorre em ordem sucessiva, do início até o fim da obra.

8.4 Funcionamento

O ESDE oferece uma visão sistêmica do Espiritismo em seu tríplice aspecto num período de tempo que pode variar de dois a quatro anos.

Os grupos compostos de 20 a 25 participantes, contarão com dois facilitadores e podem ter também um estagiário, de preferência que esteja há mais de ano no estudo, mas ideal é que já tenha terminado o ESDE e/ou participado de outros estudos.

Sugere-se encontros semanais, com tempo de 90 a 120 minutos, em dia e horário predeterminados, de acordo com a Instituição.

O período de aplicação pode ser semestral ou anual.

8.5 Público a que se destina

Toda pessoa interessada em estudar o Espiritismo, tendo ou não conhecimento prévio, independente de sua religião ou filosofia de vida. Não sendo pré-requisito, adaptação será facilitada se os neófitos em Espiritismo tiverem passado por um grupo de Introdução ao Estudo do Espiritismo (IEE).

8.6 Objetivos

- a. Proporcionar condições para estudar o Espiritismo de forma séria, regular e contínua, como meio de aperfeiçoamento moral da Humanidade, tendo como base o Evangelho de Jesus, as obras codificadas por Allan Kardec e as subsidiárias, como as de Léon Denis, Camille Flammarion, Emmanuel, André Luiz, Manoel Philomeno de Miranda, Joanna de Ângelis, Yvonne do Amaral Pereira, por exemplo;
- b. Possibilitar o conhecimento das orientações básicas que os Espíritos Superiores transmitiram ao Codificador, tais como: Deus, Espírito, matéria, comunicabilidade dos Espíritos, reencarnação, pluralidade de mundos habitados, o bem e o mal, as leis morais, as penas e recompensas futuras, entre outras;
- c. Colaborar na formação de adeptos esclarecidos quanto aos princípios espíritas e auxiliar na formação de novos trabalhadores da Casa Espírita.

8.7 Metodologia do ESDE

O ESDE conta com metodologia pautada na mediação dialógica, compondo-se de elementos que o definem como estudo sério e continuado, entre eles:

- a. Aprofundamento sistematizado de temas espíritas, com base no Evangelho de Jesus, nas obras de Allan Kardec e nas subsidiárias;
- b. Desenvolvimento do estudo conforme o nível dos grupos;
- c. Programa previamente elaborado ou escolhido dentre os existentes para atender às necessidades de estudo dos participantes da Casa Espírita;
- d. Preparação de facilitadores para mediar o estudo;
- e. Favorecimento da integração e concentração dos participantes no estudo;
- f. Manutenção de ambiente acolhedor entre os trabalhadores e participantes envolvidos;
- g. Busca do amadurecimento dos participantes com o desenvolvimento de habilidades para que sejam efetivamente produtivos pela integração nas atividades da Casa Espírita e pela atuação no ambiente social;

- h. Estímulo à autonomia da aprendizagem e ao estabelecimento de laços afetivos.

O que diferencia um estudo sistematizado de um estudo sequenciado é a metodologia com a ordenação do conteúdo, partindo do mais simples para o mais complexo, do conhecido para o desconhecido. No estudo sistematizado, é possível uma visão sistêmica do conteúdo doutrinário no seu tríplice aspecto.

8.8 Programa de estudo

A FEB oferece um programa de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. No entanto, como já referenciado neste documento a Instituição Espírita pode elaborar seus próprios programas de estudo ou escolher entre os disponíveis no Movimento Espírita.

Os critérios para um bom programa estão definidos neste documento, cabendo à Casa Espírita a responsabilidade de escolher os que respeitem a Codificação de Kardec e sua obra subsidiária.

Como indicado na apresentação desta segunda parte, o programa do ESDE, assim como todos os demais, proposto pela FEB é uma referência que pode ser utilizada como exemplo e base para a escolha ou elaboração de programas de estudo para as casas espíritas.

ESTUDO DA OBRA BÁSICA (EOB)

9.1 Organização

O próprio nome indica que esse estudo está fundamentado na Codificação Espírita, mas pode oferecer diversas opções de como ser realizado.

No entanto, como todo estudo metódico, pressupõe a definição de objetivos que orientem o entendimento do conteúdo que já foi selecionado pelo Codificador. Devem ser previstas avaliações e replanejamentos das atividades.

Para incentivar sua organização, sugere-se as seguintes ações:

- a. Inserção e aplicação da essência da proposta do EOB na programação das Reuniões de estudo da Casa Espírita tendo em vista o calendário de atividades de cada Casa em particular e de acordo com a programação do Movimento Espírita em cada Região;
- b. Implantação e desenvolvimento do EOB no Movimento Espírita;
- c. Avaliação da implantação, adequação e acompanhamento do EOB pela Área de Estudo do Espiritismo das casas espíritas, em consonância com as Entidades Federativas Estaduais, com os Coordenadores Regionais da Área e em parceria com a Coordenação Nacional da AEE;
- d. Tempo e definição do cronograma a partir da ação das Entidades Federativas, de acordo com a realidade de cada Região.

9.2 Funcionamento

Sugere-se encontros semanais, tendo duração variável entre 90 e 120 minutos em grupos compostas por 20 a 25 participantes. Técnicas e procedimentos podem

ser utilizados para dinamizar o estudo, entre eles: dinâmicas; exposição dialogada; oficinas; roda de conversa; vídeos e recursos multimídia.

De acordo com o número de participantes podem ser realizadas oficinas interativas em formato breve ou prolongado, uso e prática dos processos de estudo por meio da lógica implícita no Método de Kardec.

9.3 Público a que se destina

- » Coordenadores e participantes de estudos nas instituições espíritas;
- » Evangelizadores da infância e juventude;
- » Dirigentes de centros espíritas;
- » Público em geral – os que pretendem conhecer e/ou aprimorar-se para o estudo da Doutrina Espírita à luz do método da Codificação.

9.4 Objetivos do EOB

Com base nas Diretrizes do “Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro”, sugere-se os seguintes objetivos para a implantação do EOB pela AEE:

- a. Promover o estudo da Doutrina Espírita, pelo contato direto com as obras básicas, para conhecimento, compreensão, vivência, prática e divulgação, colocando-a ao alcance e a serviço de todas as pessoas, indistintamente, independentemente de sua condição social, cultural, econômica ou de faixa etária;
- b. Primar pelo conhecimento do texto e do contexto da obra básica por meio do domínio do conteúdo explicitado ou compilado em cada uma delas;
- c. Contribuir para o aprimoramento do processo de estudo nas instituições espíritas, considerando que a conhecimento de Kardec, como base da segurança doutrinária, deverá permear todas as atividades internas individuais e coletivas, respeitadas as características regionais e locais;
- d. Desenvolver a análise reflexiva como instrumento de aquisição do conhecimento da obra básica em estudo;

- e. Assegurar permanente capacitação dos trabalhadores espíritas no domínio do EOB para acolher, consolar, esclarecer, orientar e integrar as pessoas que chegam ao Centro Espírita.

9.5 Proposta metodológica

Estudo baseado numa perspectiva metodológica centrada no Método do Codificador na consolidação dos postulados que definem a Doutrina Espírita como a Terceira Revelação.

Nos diz Kardec:

Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui.⁴¹

[...] Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; o Espiritismo os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações uteis. [...] ⁴²

Dessa forma, coerente com a proposta da mediação dialógica, o estudo compreende: observar, analisar, comparar, julgar, sintetizar, concluir, esclarecer, orientar e vivenciar.

9.6 Avaliação

Poderão ser aplicados instrumentos de acompanhamento e avaliação dinâmica das atividades desenvolvidas durante o estudo de cada uma das obras, dentro do cronograma dos encontros previstos no planejamento para cada uma delas (**Apêndice I – Exemplos de instrumentos de avaliação**).

41 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. Pt. 2, *A minha primeira iniciação no Espiritismo*.

42 _____. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 1 – *Caráter da revelação espírita*, it. 4.

ESTUDO APROFUNDADO DA DOCTRINA ESPÍRITA (EADE)

10.1 Finalidade

Aperfeiçoar o conhecimento do Espiritismo, por meio de estudos, leituras, pesquisas, análises, correlações e reflexões de assuntos existentes nas obras espíritas de referência.

10.2 Conceito

O EADE é um estudo que tem como proposta enfatizar o tríplice aspecto da Doutrina Espírita, estudado de forma mais ampla nos estudos de formação básica, usuais na Casa Espírita. Neste propósito, lembramos as sábias palavras de Emmanuel:

– Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais.

A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a Doutrina será sempre um campo de nobres investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam ao aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.⁴³

43 XAVIER, Francisco C. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2016. *Definição*.

O estudo teórico da Doutrina Espírita desenvolvido no EADE está fundamentado nas obras da Codificação e nas subsidiárias a estas, cujas ideias guardam fidelidade com as diretrizes morais e doutrinárias definidas, respectivamente, por Jesus e por Allan Kardec. Sempre que necessário, compara os ensinamentos espíritas com outras correntes de pensamento, filosóficas, científicas e religiosas, existentes no mundo. Dessa forma, o EADE prioriza o conhecimento espírita, obviamente, mas destaca a relevância da formação moral do ser humano.

10.3 Funcionamento

- a. Duração das reuniões de estudo: sugere-se o desenvolvimento de uma reunião semanal de 1 hora e 30 minutos;
- b. Atividade extra sala: é importante que os participantes façam leituras, pesquisas, análises, correlações e reflexões de assuntos a serem estudados – indicados, antecipadamente, pelo monitor –, favorecendo uma melhor compreensão dos conteúdos trabalhados.

10.4 Público a que se destina

O EADE tem como público-alvo todos os espíritas que gostam de estudar, que desejam prosseguir nos seus estudos doutrinários básicos, realizando aprofundamentos de temas que conduzam à reflexão, moral e intelectual.

10.5 Objetivo geral

Enfatizar o tríplice aspecto da Doutrina Espírita, fundamentado nas obras da Codificação e nas subsidiárias a estas, cujas ideias guardam fidelidade com as diretrizes morais e doutrinárias definidas, respectivamente, por Jesus e por Allan Kardec.

10.6 Objetivos específicos

- a. Propiciar o conhecimento aprofundado da Doutrina Espírita no seu tríplice aspecto: religioso, filosófico e científico;

- b. Favorecer o desenvolvimento da consciência espírita, necessário ao aprimoramento moral do ser humano;
- c. Incentivar o hábito da pesquisa como forma de aprofundar o conhecimento espírita.

10.7 Proposta metodológica

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (é uma reunião privativa que) prioriza a mediação dialógica. A inscrição e a participação no EADE têm como pré-requisito a conclusão do ESDE, proposta da FEB, ou estudo equivalente. O EADE, na organização da FEB, está, didaticamente, organizado em dois Programas, a saber: Religião à Luz do Espiritismo; Filosofia e Ciência Espíritas, apresentados em cinco livros.

10.8 Programa

O EADE é constituído por uma série de cinco livros, assim especificados:

- » Livro I: Cristianismo e espiritismo
- » Livro II: Ensinos e parábolas de Jesus – Parte I
- » Livro III: Ensinos e parábolas de Jesus – Parte II
- » Livro IV: O consolador prometido por Jesus
- » Livro V: Filosofia e ciência espíritas

OUTROS ESTUDOS

11.1 Apresentação

Outros estudos do Espiritismo poderão ser realizados, dinamizando as atividades das instituições espíritas, tendo como princípios norteadores a fidelidade a Jesus e a Allan Kardec e a unificação do Movimento Espírita.

11.2 Público a que se destina

Outros estudos podem ser oferecidos para os estudiosos do Espiritismo que, preferencialmente, tenham finalizado o programa do ESDE ou EOB e o EADE, pois todos esses estudos já oferecem informações, ainda que pontuais, da obra subsidiária.

11.3 Objetivo geral

Receber, acolher e oferecer às pessoas interessadas o estudo das obras subsidiárias do Espiritismo.

11.4 Objetivos específicos

- a. Estimular o ato de estudar as obras subsidiárias a fim de que o facilitador, monitor ou coordenador dos grupos de estudos estejam melhor preparados para exercer a sua tarefa, fazendo com que o conhecimento espírita se torne cada vez mais acessível aos diferentes níveis de entendimento humano;

- b. Favorecer o desenvolvimento da consciência espírita, necessário ao aprimoramento moral do ser humano;
- c. Propiciar o conhecimento aprofundado da Doutrina Espírita no seu tríplice aspecto: científico, filosófico e moral.

11.5 Proposta metodológica

Mediação dialógica, partindo do simples para o complexo, com uso eventual de recursos multimídia. Sugere-se, ainda, leitura contextualizada no livro da obra estudada (trabalho em) dinâmicas de grupo, debate a partir de vídeos, entre outros.

Os estudos devem aprofundar os assuntos tratados no IEE, ESDE, EOB e EADE, associando a teoria doutrinária à vivência cristã do estudante.

Recomenda-se assuntos voltados à moral cristã, analisados à luz das obras básicas e do Evangelho de Jesus, sempre de forma aprofundada, evitando-se apresentar o conteúdo de forma superficial.

11.6 Funcionamento

Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as ideias espíritas [...]⁴⁴

A proposta da implantação de “Outros Estudos” nas casas espíritas objetiva o estudo das obras subsidiárias da Doutrina Espírita, tais como: as obras de André Luiz, Emmanuel, Joanna de Ângelis, Léon Denis, Manoel Philomeno de Miranda e outros.

Participantes – jovens e adultos espíritas que tenham concluído o ESDE, EOB e EADE.

Quantidade de participantes – didaticamente, o ideal é até 20, máximo 25, participantes.

44 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. Pt. 2, *Projeto – 1868*, it. Ensino espírita.

Encontros/Reuniões – semanais, com dia e horário estabelecidos de acordo com a Instituição.

11.7 Indicação/sugestão das obras subsidiárias

Indicamos/sugerimos a seguir algumas das principais obras subsidiárias para estudo, sem prejuízo de outras, desde que fiéis à Codificação Espírita, de acordo com a necessidade e decisão da Instituição Espírita.

» Léon Denis

1. Cristianismo e Espiritismo
2. Depois da morte
3. Espíritos e médiuns
4. Joana d’Arc médium
5. Catecismo espírita
6. No Invisível
7. O Além e a sobrevivência do ser
8. O Espiritismo na arte
9. O grande enigma
10. O porquê da vida
11. Síntese doutrinária e prática do Espiritismo
12. Socialismo e Espiritismo
13. O problema do ser, do destino e da dor
14. O mundo invisível e a guerra
15. Giovanna
16. O Espiritismo e as forças radiantes
17. O Espiritismo e o clero católico
18. O progresso
19. O gênio céltico e o mundo invisível

» Emmanuel

1. A caminho da luz
2. O Consolador
3. Emmanuel
4. Encontro marcado
5. Palavras de Emmanuel
6. Pensamento e vida
7. Roteiro
8. Rumo certo
9. Vida e sexo

» Romances históricos do Cristianismo Redivivo

1. Paulo e Estêvão
2. Há dois mil anos
3. Cinquenta anos depois
4. Ave, Cristo!
5. Renúncia

» Comentários evangélicos

1. Fonte viva
2. Caminho, verdade e vida
3. Vinha de luz
4. Pão nosso
5. Ceifa de luz
6. Palavras de vida eterna
7. O Evangelho por Emmanuel

Outros...

» André Luiz

1. Nosso Lar
2. Os mensageiros
3. Missionários da luz
4. Obreiros da vida eterna
5. No mundo maior
6. Libertação
7. Entre a Terra e o Céu
8. Nos domínios da mediunidade
9. Ação e reação
10. Evolução em dois mundos
11. Sexo e destino
12. E a vida continua...

» Série psicológica Joanna de Ângelis

1. Jesus e atualidade
2. O homem integral
3. Plenitude
4. Momentos de saúde e de consciência
5. Momentos de consciência
6. O ser consciente
7. Autodescobrimento: uma busca interior
8. Desperte e seja feliz
9. Vida: desafios e soluções
10. Amor, imbatível amor
11. O despertar do espírito

12. Jesus e o Evangelho à luz da psicologia profunda
13. Triunfo pessoal
14. Conflitos existenciais
15. Encontro com a paz e a saúde
16. Em busca da verdade
17. Psicologia da gratidão

» Manoel Philomeno de Miranda

1. Transtornos psiquiátricos e obsessivos
2. Grilhões partidos
3. Atendimento fraterno
4. Terapia pelos passes
5. Vivência mediúnica
6. Reuniões mediúnicas
7. Consciência e mediunidade
8. Estudando *O livro dos médiuns*
9. Tramas do destino
10. Nas fronteiras da loucura
11. Painéis da obsessão
12. Loucura e obsessão
13. Temas da vida e da morte
14. Trilhas da libertação
15. Tormentos da obsessão
16. Sexo e obsessão
17. Entre os dois mundos
18. Reencontro com a vida
19. Transição planetária

20. Mediunidade: desafios e bênçãos

21. Amanhecer de uma nova era

22. Perturbações espirituais

CONCLUSÃO

Na conclusão do opúsculo *Orientação para o ESDE*, perguntamos: “Afim, por que o ESDE?” Cabe perguntar, ao finalizar o opúsculo *Orientação para a Área de Estudo do Espiritismo*: Afim, por que a AEE? A resposta é exatamente a mesma:

“[...] Pela certeza que o Espiritismo dá do futuro, muda a maneira de ver e influi sobre a moralidade [...]”.⁴⁵

Segundo Angel (2008):

[...] o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita constitui o mais eficiente método pedagógico para a educação de todos aqueles que se candidatam à autoiluminação. Isso porque, através da instrução e do esclarecimento dos aprendizes, favorece a educação moral em toda a sua profundidade, especialmente pelos exemplos oferecidos pelos seus divulgadores [...].⁴⁶

O IEE, ESDE, EOB e o EADE, como toda a AEE, proporcionam ao indivíduo a oportunidade de desenvolver o senso moral e vivenciar o verdadeiro sentido da caridade e, conseqüentemente, colaborar com o progresso da Humanidade.

Por que promover a reforma moral?

“[...] Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más. [...]”⁴⁷

Quando atinge esse estágio de compreensão, o indivíduo torna-se mais tolerante em relação às falhas dos outros, aprende a perdoar as ofensas, revela-se mais

45 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*: jornal de estudos psicológicos. ano 8, n. 2, fev. 1865. *Perpetuidade do Espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2015.

46 AGUAROD, Angel. *O ESDE na visão do Plano Espiritual* (mensagem psicografada por Divaldo P. Franco). In: *Reformador*. ano 126, n. 2.148, mar. 2008. p. 8(86)-11(89).

47 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 2. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 17 – *Sede perfeitos*, Os bons espíritos, it. 4.

solidário e fraterno, vigia a si mesmo, atento ao preceito evangélico: “Por que olhas o cisco no olho de teu irmão e não percebes a trave que há no teu?” (*Lucas*, 6:41).

O Espiritismo não cria a renovação social; a maturidade da Humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto do que qualquer outra doutrina a secundar o movimento de regeneração; por isso, é ele contemporâneo desse movimento. Surgiu na hora em que podia ser de utilidade, visto que também para ele os tempos são chegados.

[...] Hoje, nascido com as ideias que fermentam, encontra preparado o terreno para recebê-lo. Os Espíritos cansados da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se lhes abre à frente, o acolhem como âncora de salvação e consolação suprema.⁴⁸

Bem compreendido, mas, sobretudo, bem sentido, o Espiritismo leva à reforma moral, aquela que produz o homem de bem, caracterizado como o verdadeiro espírita e verdadeiro cristão que segue o Modelo e Guia da Humanidade: Jesus.

48 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 18 – *São chegados os tempos*, Sinais dos tempos. it. 25.

APÊNDICE A – COMO SURTIU A AEE – BREVE HISTÓRICO

A Área de Estudo do Espiritismo surgiu por evolução natural do Movimento Espírita. Nos anos 1970, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS) iniciou o desenvolvimento de materiais de estudo específicos para crianças e jovens.

Em 1975, a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE) lançou a campanha permanente “Comece pelo Começo”, cujo objetivo é promover o estudo das obras básicas do Espiritismo.

Em 28 de abril de 1976, o Espírito Angel Aguarod, por meio de mensagem ditada em reunião de apoio e orientação espiritual da FERGS, publicada na revista *A Reencarnação*, de agosto do mesmo ano, sob o título *Integridade Doutrinária*, convocava os responsáveis pelo Movimento Espírita para

[...] uma ampla tarefa de divulgação das obras básicas da Doutrina, promovendo um estudo sistemático delas, com chamada de atenção para os aspectos que estão colocados à margem, com graves prejuízos para a assimilação correta dos princípios e bases do Espiritismo e de sua missão.

Recomendava, ainda, “o estudo de um plano amplo no sentido de esclarecer os mais responsáveis pela dinamização do Movimento Espírita, da importância do estudo, da interpretação e da vivência do Espiritismo”.

Em outras mensagens, Angel Aguarod reiterava a sugestão de se levar a efeito uma grande campanha em torno da importância do estudo das obras básicas da Doutrina Espírita:

Cabe, pois, aos espíritas, responsáveis pelo Movimento Espírita, uma ampla tarefa de divulgação das obras básicas da Doutrina, promovendo um estudo sistemático das mesmas, com chamada de atenção para os aspectos que estão colocados à margem, com graves prejuízos para a assimilação correta dos princípios e bases do Espiritismo e de sua missão.

Recomendaríamos, portanto, o estudo de um plano amplo no sentido de esclarecer os mais responsáveis pela dinamização do

Movimento Espírita, da importância do estudo, da interpretação e da vivência do Espiritismo. (Mensagem recebida pela médium Cecília Rocha em 1976).⁴⁹

Em 1977, a FEB lançava a Campanha Nacional de Evangelização Espírita Infantojuvenil, no ano seguinte transformada em Campanha Permanente.

Em 1978, a FERGS, então, elaborou um Plano que se convencionou chamar de “Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita nas Sociedades Federadas”, de acordo com a mensagem de Angel Aguarod:

Não é possível erigir um monumento doutrinário, como é o da Revelação Espírita, deixando-nos levar, a cada dia, por ideias que sopram de todos os lados, sem direção, qual vendaval que tudo derruba na sua passagem.

Estamos sendo alertados do Plano Mais Alto sobre esse aspecto do nosso Movimento, pois – dizem nossos superiores –, se não nos fizermos vigilantes nesse sentido, em pouco tempo o Movimento Espírita, embora conservando o nome, nada terá de Espiritismo.

Reiterando despretensiva sugestão, recomendamos uma “grande campanha”, para usar nomenclatura moderna, em torno da importância do estudo das obras básicas da Doutrina Espírita. (Mensagem recebida pela médium Cecília Rocha em 1977).⁵⁰

Em 1983, a FEB, analisando a importância da iniciativa, a objetividade da sugestão provinda do mundo maior e, sobretudo, visando reforçar a necessidade do entendimento correto dos princípios doutrinários do Espiritismo, mediante estudo metódico-disciplinado, lançou, por ocasião de seu centenário, em 27 de novembro de 1983, em reunião do Conselho Federativo Nacional, em Brasília, a “Campanha do Estudo Sistematizado”, em âmbito nacional.

Nesse dia, por meio de Divaldo Pereira Franco, que compunha a mesa-diretora dos trabalhos, Bezerra de Menezes enfatizou o alcance e a magnitude do lançamento da “Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita”, que se processava na hora exata e na oportunidade certa, com reais benefícios para todos. Destacamos um trecho da mensagem:

49 AGUAROD, Angel. (trecho da mensagem psicografada por Cecília Rocha). FEB Conselho Federativo Nacional. In: *Reformador*. ano 102, n. 1.858, jan. 1984, p. 24(28).

50 _____. _____. p. 25(29).

Hoje, um século e um quarto depois de publicado *O livro dos espíritos*, é imprescindível mergulhar o pensamento na água lustral da Revelação, para melhor penetrar o espírito do Espiritismo e encontrar as respostas aos magnos problemas da vida.

[...]

Um programa de estudo sistematizado da Doutrina Espírita, sem nenhum demérito para todas as nobres tentativas que têm sido feitas ao largo dos anos, num esforço hercúleo para interessar os neófitos no conhecimento consciente da Nova Revelação, é o programa da atualidade sob a inspiração do Cristo.

[...]

Nem uma tarefa programada para um grupo de acadêmicos, nem um programa trabalhado pela ingenuidade, senão as linhas mestras direcionadas num compromisso que, à semelhança de um leque, abrirá perspectivas para todos os recursos da inteligência e do sentimento.⁵¹

Lançada a Campanha em novembro de 1983, várias federativas iniciaram a implantação do ESDE já em 1984. Progressivamente o ESDE foi implantado por todo o Brasil.

De 23 a 25 de julho de 1993, realizou-se o I Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE, na cidade de Goiânia. Por essa ocasião, foi realizado um curso de atualização para os responsáveis pela implantação e desenvolvimento dos grupos de ESDE das federativas estaduais.

Em 1995, a Comissão Regional Sul, do CFN-FEB, promoveu em Curitiba, de 3 a 5 de novembro, um curso para formação de monitores do ESDE com a participação de 64 coordenadores da FEB, das federativas estaduais e outros órgãos de unificação dos Estados do Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Em vários pontos do país, foram surgindo campanhas de incentivo ao estudo das obras básicas e grupos de estudos de obras subsidiárias como a de André Luiz e, mais tarde, a série psicológica de Joanna de Ângelis entre outras.

Foi realizado o II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE em Brasília, de 25 a 27 de julho de 2003, com a temática “Transformai-vos pela renovação do vosso entendimento” (*Romanos*, 12:2).

51 MENEZES, Bezerra de. (mensagem psicografada por Divaldo P. Franco) FEB Conselho Federativo Nacional. In: *Reformador*. ano 102, n. 1.858, jan. 1984. p. 26(30)-27(31).

De 25 a 27 de julho de 2008, foi realizado o III Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE, com o tema “Como poderei entender se alguém não me ensinar?” (*Atos*, 8:31).

Foi realizado, no período de 19 a 21 de julho de 2013, na FEB, o IV Encontro Nacional de ESDE com o tema: “...E o semeador saiu a semear...” (*Mateus*, 12:1 a 9) – “Colha essa oportunidade: Estude o Espiritismo”.

Nos anos 2012 e 2013 discutiu-se, no Movimento Espírita, a ideia da criação de uma Área de Estudo do Espiritismo para abranger todos os estudos a serem realizados pelas instituições espíritas. Após análise em diversas instâncias do Movimento Espírita, a criação da Área foi aprovada pelo Conselho Federativo Nacional o que foi oficializado pela Resolução CFN n. 2, de 11 de fevereiro de 2014.

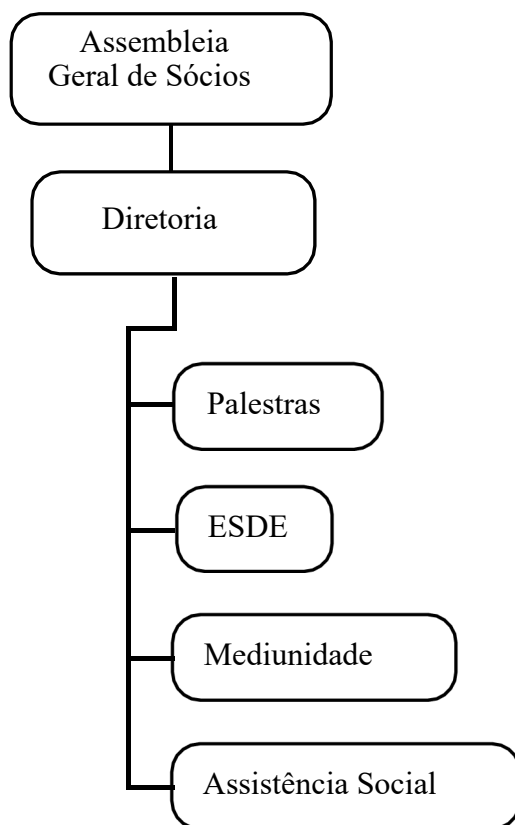
Nos dias 5 a 7 de junho de 2015 ocorreu o I Encontro Nacional da AEE em Belo Horizonte (MG) com o apoio da União Espírita Mineira (UEM).

De 7 a 9 de outubro de 2017, a AEE realizou um encontro de trabalhadores, na Fazenda Quinzão, município de Sidrolândia, com o apoio da Federação Espírita do Mato Grosso do Sul (FEMS), para o planejamento das formações de facilitadores e multiplicadores, dividindo tarefa entre as regiões para a concretização da tarefa com o objetivo de realizar um primeiro curso para formação de multiplicadores.

Entre os dias 27 e 29 de julho de 2018 foi realizado o I Encontro Nacional de Formação de Multiplicadores para a AEE com participação de representantes de 26 federativas oriundos das diversas regiões do Brasil, quando foram examinadas as diretrizes de ação para a formação de facilitadores para a AEE em todo o país.

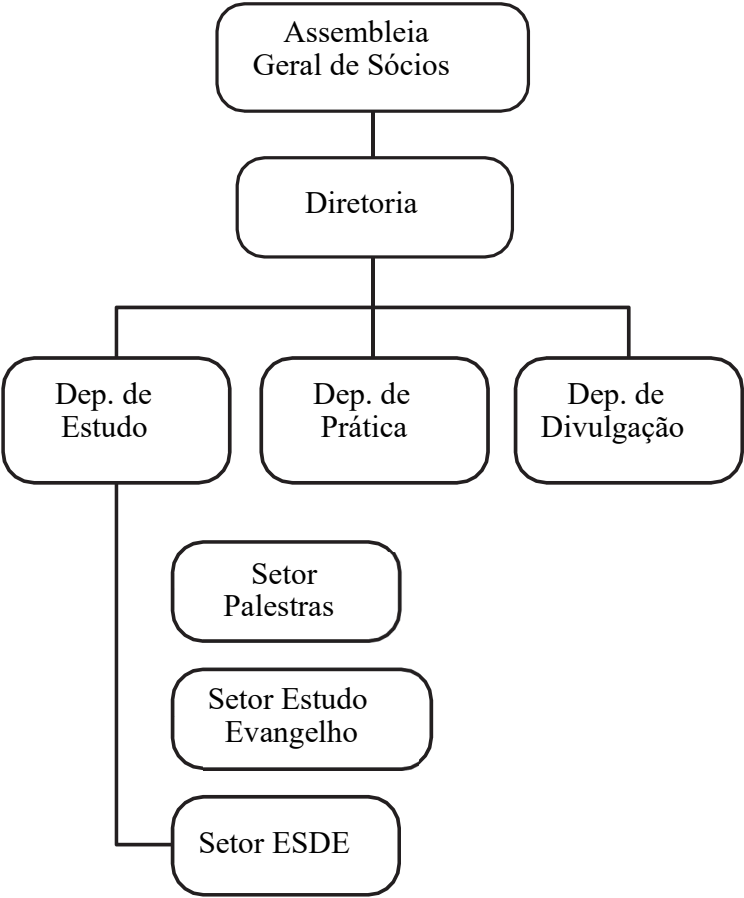
APÊNDICE B – EXEMPLOS SIMPLIFICADOS DE ORGANOGRAMA CONFORME O TAMANHO DA INSTITUIÇÃO⁵²

Exemplo 1

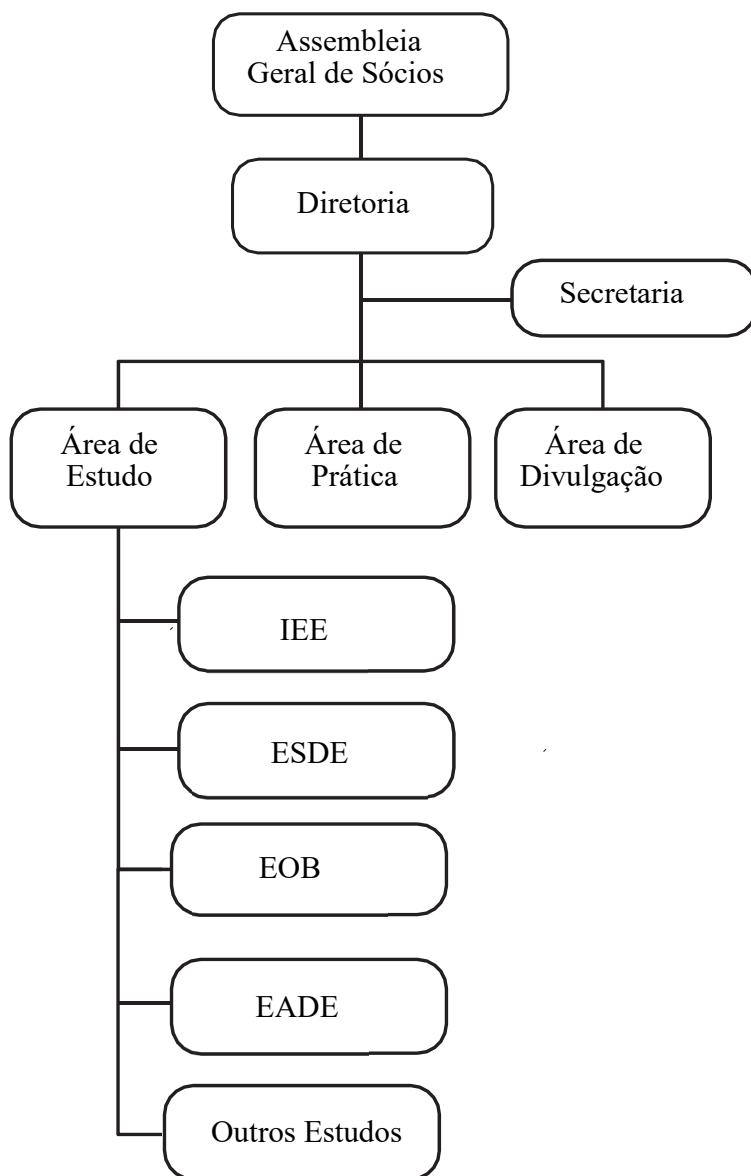


52 Somente para indicar onde os Estudos ou a AEE podem ser situados.

Exemplo 2



Exemplo 3



APÊNDICE C – EXEMPLO DE UM PLANO DE TRABALHO

O exemplo a seguir é apenas referencial. Cada Instituição Espírita preparará o seu plano de trabalho do período, que pode ser semestral ou anual, conforme a sua realidade.

Identificação da Instituição PLANO DE AÇÃO do Estudo – (1º ou 2º) semestre de (ano).

1. Justificativa

Escrever conforme a realidade da Instituição Espírita.

2. Objetivos e ações

A seguir, alguns exemplos de objetivos e ações que podem ser planejados para o período.

2.1 Objetivos específicos

- a. Acolher e consolar todos os interessados no estudo do Espiritismo que se matricularem para as reuniões do estudo;
- b. Esclarecer e orientar os participantes do estudo que perseverarem;
- c. Oferecer oportunidade de convivência fraterna em clima favorável ao estudo e entendimento da prática do Espiritismo;
- d. Identificar potenciais trabalhadores para o estudo e para as demais atividades da Instituição Espírita;
- e. Favorecer a preparação e o aperfeiçoamento dos colaboradores do estudo;

- f. Incentivar a atividade de pesquisa bibliográfica nas reuniões e na forma de trabalhos extrarreunião;
- g. Proporcionar a interação entre grupos, especialmente as que estejam no mesmo nível do curso.

2.2 Ações

As seguintes ações serão consideradas como auxiliares para a consecução dos objetivos propostos:

- a. Participação dos monitores, estagiários e colaboradores nas reuniões doutrinárias, administrativas e pedagógicas promovidas pela Instituição Espírita;
- b. Obtenção e análise dos indicadores de frequência e pontualidade dos participantes e evasão nos grupos;
- c. Acompanhamento das razões das ausências e desistências dos participantes;
- d. Aproximação com os ausentes, oferecendo alternativas, quando for o caso, na busca de evitar a evasão;
- e. Informação sobre as atividades da Instituição Espírita, com oferecimento de oportunidades de integração nas unidades;
- f. Realização de avaliação de conteúdo para aferir o grau de assimilação dos assuntos estudados;
- g. Realização de avaliações para os participantes e monitores se conscientizarem do seu desempenho quanto ao andamento do curso;
- h. Identificação e capacitação de interessados, a partir do estágio intermediário do estudo, para a preparação de futuros estagiários e facilitadores;
- i. Realização de atividades voltadas à preparação e ao aperfeiçoamento de estagiários e monitores;
- j. Realização de seminários, visita ao trabalho de assistência e promoção social, reuniões em dependências da Instituição Espírita e confraternizações entre grupos, proporcionando interação e integração entre os participantes.

3. Proposta de trabalho

A proposta de trabalho para o estudo neste período, no tocante ao conteúdo a ser estudado com os frequentadores, tem seu planejamento de atividades baseado no programa de estudo da Doutrina Espírita conforme se encontra estruturado no material do estudo, editado pela (indicar Instituição que elaborou e editou o material). O conteúdo completo é estudado em (número) semestres, distribuídos em, por exemplo, Fundamental I (x semestres), Fundamental II (x semestres), Complementar (x semestres).

3.1 Formação dos grupos

Descrever como são formados os grupos, indicando: número de participantes, grupo e turno (se tiver mais de um); quantos grupos novos foram abertos; dias da semana da(s) reunião(ões) e horário(s); número total de participantes; distribuídos conforme quadro a seguir:

Quadro 1. Previsão do número de grupos e participantes para o (1º ou 2º) semestre de (ano).

Programa	Grupo	Sala	Participantes previstos	Observações	Horário
Fundamental I	1			Podem ser indicados o semestre e o ano de início do grupo	
Fundamental I	2				
Fundamental II	1				
Fundamental II	2				
Complementar					
Módulo Complementar (colocar o título do módulo)					
Grupo de Acolhimento					

O funcionamento será aos (dia da semana), entre xx e xx horas e xx e xx horas, respectivamente. O quadro apresenta, ainda, a inclusão de um grupo de

acolhimento, que funcionará entre (por exemplo, abril e junho), para receber as pessoas que chegam à Casa e já não contam com tempo hábil para aproveitar o semestre. Elas poderão preencher ficha (Anexo x) com opção de inscrição automática em grupos iniciantes do (1º ou 2º) semestre/ano. Esse grupo conta com programação previamente definida, mas suscetível de adaptação conforme a realidade dos participantes de cada encontro.

3.2 Planejamento das atividades dos grupos

As atividades a serem desenvolvidas pelos grupos constam dos apêndices, conforme especificado:

- a. Fundamental I – Grupos (por exemplo: N1, N4, N5) – Anexo x;
- b. Fundamental I – Grupos (por exemplo: T1 e T3) – Anexo x;
- c. Fundamental II – Grupos (por exemplo: N2 e N3) – Anexo x;
- d. Fundamental II – Grupos (por exemplo: T2 e T4) – Anexo x;
- e. Módulo Complementar (nome) – Grupo: (por exemplo: N6) – Anexo x;
- f. Módulo Complementar (nome) – Grupo: (por exemplo: T5) – Anexo x;
- g. Grupo de Acolhimento – Grupo A1 – Anexo x.

A programação para esses grupos inclui, ao longo do semestre, uma variedade de atividades extras, resumidas a seguir:

- a. Integração dos grupos iniciais;
- b. Reunião inaugural diferenciada;
- c. Reuniões ministradas nas dependências da Instituição Espírita para conhecimento e divulgação das atividades da Casa: Departamento de Assistência e Promoção Social, Biblioteca e outras que a instituição promova. Essas atividades serão desenvolvidas com os grupos novos do Programa Fundamental I;
- d. Confraternizações entre os participantes;
- e. Campanha para arrecadação de alimentos, de produtos de higiene pessoal, de limpeza e de objetos para creches e para o DAS;
- f. Visitas ao trabalho de assistência e promoção social;
- g. Seminários entre grupos.

3.3 Distribuição de facilitadores e estagiários

O Quadro 2 apresenta a composição, por grupo, dos facilitadores e estagiários para o semestre:

Quadro 2. Distribuição de monitores e estagiários – (x) semestre de (ano).
Obs.: Esse quadro pode ser incluído como um anexo do plano de trabalho.

Programa	Grupo	Facilitadores	Estagiários
Fundamental I	Exemplo N1		
Fundamental I	Exemplo T1		

3.4 Formação de facilitadores e estagiários

A qualidade do estudo depende do entrosamento e da formação de seus facilitadores e dos demais trabalhadores da Casa. Para facilitar esse processo, são previstas várias atividades de atualização do conhecimento pedagógico, doutrinário e administrativo na Área de Estudo do Centro Espírita. Essas atividades estão definidas no Anexo x e abrangem:

- Encontro de trabalhadores e curso de atualização para facilitadores e evangelizadores, a realizar-se nos dias (dd) e (dd) de (mm) de (ano);
- Realização de reuniões doutrinárias: em conjunto com os demais componentes da Área de Estudo; específicas para tratar de temas de interesse dos facilitadores do Estudo;
- Planejamento de estudos e atividades pedagógicas realizados, principalmente, nas reuniões setoriais, contemplando diversos assuntos, tais como: técnicas e recursos didáticos necessários para o enriquecimento e dinamização dos encontros; planejamento do estudo; orientação para os debates programados e comunicação em sala; análise e interpretação de textos; manejo de grupo; utilização, aproveitamento e manutenção de recursos tecnológicos; apresentação de reuniões para orientação da prática pedagógica; análise de resultados de avaliação de conteúdo e de frequência de participantes; análise de resultados das avaliações realizadas por monitores, estagiários e participantes.

4. Estrutura organizacional e competências

A qualidade do processo de estudo depende de como os participantes se encontram organizados e o quão cientes estão de suas atribuições. Para o sucesso do plano de ação, as ações a serem executadas devem ser do conhecimento de todos os envolvidos e bem coordenadas para que sejam realizadas sem sobressaltos e imprevistos e em conformidade com o esperado.

4.1 Estrutura organizacional para o funcionamento do estudo

A estrutura depende do tamanho da Instituição e da quantidade de grupos do estudo. A seguir, apenas um exemplo:

Em termos operacionais, os participantes do Estudo podem estar organizados de acordo com a seguinte estrutura:

Equipe diretiva

- a. Coordenador-geral;
- b. Vice-coordenador;
- c. Coordenador pedagógico;
- d. Coordenador de secretaria.

Equipe pedagógica;

Equipe de secretaria;

Facilitadores;

Estagiários;

Administradores de grupo;

Participantes; e

Colegiado.

4.2 Competências das equipes (somente a título de exemplo, pois deve ser adaptado a cada realidade)

Equipe diretiva – formada pela coordenação-geral, vice-coordenação, coordenação pedagógica e coordenação da secretaria. Propõe-se que funcione de forma colegiada. Tem por atribuição assessorar a coordenação-geral na condução dos trabalhos do estudo, em seus aspectos doutrinários, pedagógicos e administrativos. É responsável pelo estabelecimento de procedimentos específicos para execução do plano de ação. Dentre as várias atribuições, destacam-se as seguintes:

- a. Elaborar o plano administrativo e pedagógico;
- b. Orientar, supervisionar e acompanhar a execução das atividades descritas no plano de ação;
- c. Reunir-se periodicamente, conforme for necessário, para discutir as ações de sua competência que deverão ser executadas no âmbito do plano de ação;
- d. Elaborar o plano de atividades;
- e. Acompanhar os índices de assiduidade dos participantes para a adoção de medidas que evitem evasão;
- f. Organizar a distribuição de monitores e estagiários para formação dos grupos;
- g. Planejar as atividades extrarreuniões;
- h. Decidir sobre novas ações com base nos resultados das avaliações;
- i. Organizar e promover a comunicação.

Coordenador-geral – sua atribuição é gerenciar as atividades do estudo no Centro Espírita, além de prover os meios necessários para que o plano de ação seja cumprido integralmente.

Vice-coordenador – sua atribuição é auxiliar no gerenciamento das atividades, substituir o coordenador, quando necessário, e prover os meios necessários para que o plano de ação seja cumprido integralmente.

Coordenador pedagógico – sua atribuição é, no aspecto pedagógico, elaborar propostas, acompanhar o desenvolvimento das atividades e assessorar na formação de estagiários e monitores/facilitadores.

Secretaria – constituída de um coordenador de atividades e de auxiliares, tem como função prover os meios necessários para a execução do plano de ação. Nesse sentido, cabe à secretaria desenvolver as seguintes tarefas específicas:

- a. Planejar, compor equipe e elaborar procedimentos para as inscrições de interessados;
- b. Cadastrar, organizar e manter atualizados os dados dos participantes;
- c. Confeccionar e manter atualizados os crachás;
- d. Preparar e manter as salas de reunião em ordem;
- e. Suprir as salas de reunião com materiais didáticos necessários;
- f. Apoiar e participar de reuniões de colaboradores do estudo;
- g. Registrar a presença dos participantes do estudo, inclusive monitores e estagiários;
- h. Gerar e distribuir aos monitores a lista de dados cadastrais dos participantes;
- i. Apoiar os estagiários e monitores no contato com os participantes ausentes;
- j. Levantar as razões das ausências e desistências dos participantes;
- k. Gerar relatórios contendo os índices de assiduidade e pontualidade;
- l. Manter a coordenação-geral informada sobre os relatórios de assiduidade, pontualidade e evasão dos participantes;
- m. Administrar e controlar o uso dos recursos didáticos, tais como computador, projetor, pincéis atômicos, folhas para álbum seriado etc.;
- n. Arquivar toda a documentação do estudo.

Facilitadores (e suplentes, no que couber) – têm como função integrar a grupo com a finalidade de proporcionar ambiente acolhedor para o estudo sistematizado do Espiritismo, seguindo as diretrizes pedagógicas e administrativas estabelecidas no plano de ação. Especificamente, cabe ao monitor desenvolver as seguintes ações:

- a. Acolher, amparar, consolar, esclarecer e orientar os participantes em suas necessidades espirituais;
- b. Incentivar, orientar e acompanhar os participantes nos trabalhos de pesquisa, notadamente na leitura prévia dos roteiros a serem estudados;

- c. Acompanhar o interesse dos participantes durante as reuniões, observando os conhecimentos doutrinários por eles demonstrados em sua participação nas tarefas;
- d. Coordenar as atividades estabelecidas para o grupo sob sua condução, de modo a obter o melhor rendimento na execução da tarefa;
- e. Planejar as atividades de confraternização de seu grupo, previstas no planejamento, em comum acordo com a equipe diretiva;
- f. Identificar entre os participantes os potenciais para estágio no estudo ou integração em outras atividades da Casa;
- g. Orientar e acompanhar os estagiários sob sua supervisão para a participação efetiva em sala, relatando ao coordenador pedagógico avanços ou de ciências;
- h. Participar efetivamente das reuniões doutrinárias, pedagógicas e setoriais, com pontualidade e assiduidade;
- i. Participar de cursos, seminários, mesas-redondas, exposições especiais e demais atividades programadas;
- j. Acompanhar e buscar soluções para os problemas de atrasos frequentes de participantes;
- k. Acolher e repassar para a secretaria as justificativas de ausências;
- l. Comunicar à secretaria quando estiver impedido de comparecer a quaisquer das atividades programadas;
- m. Levar ao conhecimento da coordenação pedagógica eventuais problemas com os participantes quanto aos aspectos doutrinário, pedagógico e disciplinar, entre outros.

Estagiários – têm como função auxiliar os monitores nas tarefas desenvolvidas em sala, inclusive na aplicação dos roteiros. Especificamente, cabe aos estagiários executar as seguintes ações:

- a. Auxiliar o(s) monitor(es) durante as reuniões;
- b. Aplicar roteiros sob a orientação do(s) monitor(es);
- c. Auxiliar o monitor anotando as justificativas de eventuais atrasos e faltas informadas pelos participantes;

- d. Auxiliar o monitor no acompanhamento dos participantes durante os encontros, anotando habilidades específicas do tipo: domínio da Doutrina Espírita; capacidade de se expressar e se relacionar com o grupo; disposição para colaborar nas atividades extraclases, entre outras;
- e. Participar das reuniões doutrinárias, pedagógicas e setoriais, com pontualidade e assiduidade;
- f. Participar de cursos, seminários, mesas-redondas, exposições especiais e demais atividades programadas.

Administradores de grupo – aos administradores de grupo compete:

- a. Coordenar a escala dos monitores suplentes que conduzirão as reuniões;
- b. Acolher, amparar e consolar os participantes;
- c. Incentivar, orientar e acompanhar os participantes nos trabalhos de pesquisa, notadamente na leitura prévia dos roteiros a serem estudados;
- d. Acompanhar o interesse dos participantes durante as reuniões;
- e. Coordenar as atividades extrarreunião do grupo;
- f. Planejar as atividades de confraternização de seu grupo, previstas no planejamento, em comum acordo com a equipe diretiva;
- g. Identificar entre os participantes os potenciais para estágio no estudo ou integração em outras atividades da Casa;
- h. Participar efetivamente das reuniões doutrinárias, pedagógicas e setoriais, com pontualidade e assiduidade;
- i. Participar de cursos, seminários, mesas-redondas, exposições especiais e demais atividades programadas;
- j. Acompanhar e buscar soluções para os problemas de atrasos frequentes de participantes;
- k. Acolher e repassar para a secretaria as justificativas de ausências;
- l. Comunicar à secretaria quando estiver impedido de comparecer a quaisquer das atividades programadas;

- m. Levar ao conhecimento da coordenação pedagógica eventuais problemas com os participantes quanto aos aspectos doutrinário, pedagógico e disciplinar, entre outros.

Participantes – aos participantes compete:

- a. Estudar previamente os roteiros;
- b. Participar das atividades programadas;
- c. Registrar sua presença junto a um colaborador da secretaria antes de entrar em sala;
- d. Portar sempre seu crachá de identificação nas dependências da Instituição Espírita;
- e. Comparecer às reuniões pontualmente;
- f. Manter assiduidade;
- g. Manter o(s) monitor(es) ou estagiário(s) informado(s) sobre o motivo de suas ausências; e
- h. Apresentar resumos ou outras tarefas indicadas pelo(s) monitor(es) referentes aos roteiros desenvolvidos no(s) dia(s) de sua(s) ausência(s).

Colegiado – pode ser formado pela equipe diretiva e colaboradores das diversas atividades do estudo. Ao colegiado compete:

- a. Oferecer subsídios para as decisões da equipe diretiva;
- b. Realizar estudos voltados para a melhoria dos processos do estudo;
- c. Sugerir aperfeiçoamentos de estrutura e funcionamento do estudo;
- d. Apoiar nas atividades de planejamento e execução das atividades previstas no plano de ação;
- e. Identificar e apresentar as necessidades e demandas dos participantes do estudo, assim como propostas de melhorias;
- f. Apoiar a equipe diretiva em outras atividades por ela propostas.

4.3 Horários

Reuniões de estudo – todos os dias da semana, das (hora) às (hora) e das (hora) às (hora).

Reuniões doutrinárias (conjunta com toda a área de estudo) – xo (dia da semana) de cada mês, das (hora) às (hora).

Reuniões setoriais – xo, xo e xo (dia da semana) de cada mês, das (hora) às (hora).

Reuniões da coordenação e do colegiado – toda (dia da semana), das (hora) às (hora).

5. Cronograma geral e funcionamento

O cronograma geral do estudo para o primeiro semestre de (ano) apresenta a seguinte configuração:

Início das atividades: (dd) de (mês) de (ano).

Total de encontros: (número) sábados.

Encerramento: (dd) de (mês) de (ano).

As reuniões serão realizadas aos (dia da semana) em (número) turnos, com duração de (uma hora e meia ou duas) horas:

Vespertino – das (hora) às (hora); e

Noturno – das (hora) às (hora).

Frequência – descrever como será o acompanhamento da frequência.

6. Instrumentos de avaliação

Descrever como será a avaliação e anexar os instrumentos que serão utilizados (exemplos no **Apêndice I**).

7. Anexos

(do plano de ação – a título de exemplo. Outros anexos podem ser acrescentados, como os diversos instrumentos de avaliação)

Exemplo de Anexo 1 do plano de trabalho – Lista de colaboradores do estudo-(ano)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita –					
Colaborador	Data de aniversário	Função	Residencial	Celular	e-mail

Exemplo de Anexo 2 – Plano de estudo ESDE (ano) Fundamental I – Grupo(s)

Plano de estudo ESDE (ano) Fundamental I						
Março	2/3 Seminário Geral: Parábola do Trigo e do Joio e o Semeador	9/3 18h30 – Abertura do Ano Letivo – Cenáculo 19h15 –Recepção dos participantes nas salas	16/3 Mod. I – Introdução ao Estudo do Espiritismo Rot. 1 – O contexto histórico do séc. XIX na Europa	23/3 Mod. I Rot. 2 – Espiritismo ou Doutrina Espírita: conceito e objetivo	30/3 Mod. I Rot. 3 – Triplíce aspecto da Doutrina Espírita	Nº Encontr. 5
Abril	6/4 Mod. I Rot. 4 – Pontos prin- cipais da Doutrina Espírita	13/4 Mod. II - A Codificação Espírita – Rot. 1 – Fenômenos mediúnicos que antecederam a Codificação	20/4 Mod. II Rot. 2 – Allan Kardec: o professor e o codificador	27/4 Mod. II Rot. 3 – Metodologia e critérios utilizados na Codificação Espírita		9
Maio	4/5 Seminário Geral: Drogas – Todas as turmas	11/5 Mod. II Rot. 4 – Obras básicas	18/5 Mod. III – Deus Rot. 1 – Existência de Deus Rot. 2 – Provas da existência de Deus	25/5 Mod. III Rot. 3 – Atributos da Divindade		13
Junho	1/6 Confraternização – Fundamental I – Turmas N13, N14, N15 e N16	8/6 Mod. III Rot. 4 – A Providência divina/ Avaliações atitudinais	15/6 Mod. IV – Existência e sobrevivência do Espírito – Rot. 2 – Origem e natureza do Espírito	22/6 Visita ao Guillon – Turmas N13, N14, N15, N16, T3 e T4 Mod. IV – Rot. 1 – Perispírito: conceito	29/6 Avaliação de conteúdo	18
Julho	6/7 Debate Geral – Tema a definir Sábados próximos a feriados					

Exemplo de Anexo 3 – Cronograma das reuniões de caráter pedagógico-doutrinário do (1º ou 2º) semestre de (ano) – realizadas em conjunto por toda a Área de Estudo.

DATA	TIPO	ASSUNTO	OBJETIVOS	RESPONSÁVEL
2/3	Setorial	Administrativa	Informar sobre as atividades da Instituição e do Movimento Espírita.	Coordenação
9/3	Doutrinária	Acolher, consolar, esclarecer, orientar	Decidir sobre andamento das atividades.	EEM
16/3	Setorial Pedagógica	1º encontro: Metodologia para condução de grupos de estudos	Despertar no trabalhador espírita a importância da vivência do Evangelho de Jesus, seguindo seu exemplo, na recepção e nos trabalhos em nossa Casa.	ESDE
23/3	Setorial Doutrinária	O princípio inteligente e sua evolução – Espíritos elementais	Identificar tipos de atividades de grupo adequadas ao ESDE	DIJ
30/3	Livre		Adaptar atividades de grupo conforme o conteúdo e perfil da turma.	
6/4	Setorial	Administrativa	Explicar a evolução do princípio inteligente.	Coordenação
13/4	Doutrinária	Teorias sobre a origem e formação do Espírito		EOB
20/4	Setorial Pedagógica	2º encontro: Matéria, espírito e fluidos – como dar uma aula sobre o tema	Informar sobre as atividades da Instituição e do Movimento Espírita.	EEM
27/4	Setorial Doutrinária	Transição planetária e Desastres coletivos	Decidir sobre andamento das atividades.	ESDE
4/5	Setorial	Administrativa	Analisar as principais teorias sobre a origem e formação do Espírito, consolidando o conhecimento com base nas obras da Codificação.	Coordenação
11/5	Doutrinária	Mediunidade na tarefa espírita	Apresentar aula modelo para o conteúdo matéria, espírito e fluidos.	EOB
18/5	Setorial Pedagógica	3º Encontro:	Relacionar os temas com os conceitos doutrinários.	

APÊNDICE D – METODOLOGIA

O vocábulo método vem do grego *méthodos*, cujo significado é o caminho para atingir um fim, ou caminho pelo qual se atinge um objetivo.

A metodologia está presente em nossas vidas, de tal forma que não nos damos conta, de quantas vezes lançamos mão desta ferramenta, no nosso dia a dia. De que forma você se preparava para as provas de Matemática no Ensino Médio, e as de História, Português? etc. Como você controla as finanças em sua casa? É provável que cada um tenha aperfeiçoado uma metodologia diferente, segundo critérios objetivos ou subjetivos.

Para o Estudo da Doutrina Espírita também é possível desenvolver metodologias, e é bom que se diga, que não existe metodologia ideal, pois esta varia de grupo para grupo.

Neste projeto a metodologia de estudo centrada no adulto deve primar pelo foco no interesse do participante, levando em conta as experiências individuais e coletivas dos mesmos. Princípio fundamentado nas teorias pedagógicas que visam facilitar o entendimento e a compreensão mais aprofundada por parte dos interessados.

Um roteiro de estudo calcado no esquema interativo e elucidativo da metodologia usada pelo Codificador leva-nos a pensar em um formato de estudo que priorize a análise do Método de Kardec para o entendimento do próprio espírito organizacional das obras que compõem o “Pentateuco Kardequiano” e as demais obras escritas por Kardec.

Na atualidade, o conhecimento, extraordinariamente complexo e multidimensional, assenta-se em três grandes pilares: o da informação, que gera conhecimento relevante; o da explicação, que facilita a compreensão do porquê das coisas; e o da apropriação subjetiva, que contribui para a formação de um critério de opinião pessoal.⁵³

Nessa lógica, alguns conceitos em termos de estudo e facilitação do aprendizado devem ser considerados:

53 JAUME CARBONELL. *A aventura de inovar: a mudança na escola*.

DIDÁTICA: Arte e a técnica de orientar a aprendizagem.

APRENDER: Apropriar-se ativamente de um conteúdo, seja conceito, fatos. Assim, aprende-se participando ativamente do processo, na relação com outros, não só ouvindo, nem repetindo, mas falando, questionando, contrapondo, analisando, entendendo, vivenciando.

ENSINAR: Criar condições para que ocorra o aprendizado, apontar, indicar caminhos e compartilhar das construções e descobertas.

MÉTODO: É o caminho a seguir, implicando um conjunto de processos ou etapas sucessivas. Caminho para algo, uma ação encaminhada a um fim, um meio para conseguir um objetivo determinado.⁵⁴ É, portanto, a marcha do raciocínio na investigação do verdadeiro, ou de atividade qualquer na direção de determinado objetivo.

A arte de dirigir o espírito na investigação da verdade.⁵⁵

MÉTODO DIDÁTICO: É o conjunto de procedimentos, lógica e psicologicamente estruturados, de que se vale o facilitador para orientar a aprendizagem dos participantes, na elaboração dos conhecimentos, na aquisição de técnicas ou na assunção de atitudes ou ideias.

TÉCNICAS: É, geralmente, um conjunto de processos de uma arte ou ciência, uma maneira habilidosa de agir.

TÉCNICAS DIDÁTICAS: É, também, o procedimento escolar lógica e psicologicamente estruturado, destinado a dirigir aprendizagem, porém em um setor limitado da fase de estudo de um tema, como na apresentação, elaboração, síntese ou crítica do referido tema. Em outras palavras: técnica didática é o recurso particular de que se vale o facilitador para a efetivação dos propósitos do método. Um método utiliza uma série de técnicas.⁵⁶

TÉCNICAS DE ENSINO: São maneiras particulares de organizar as condições externas favoráveis à aprendizagem. Como visto acima, método implica o caminho a seguir. Seguir um caminho pode implicar a realização de diversas etapas sucessivas. Essas etapas são as técnicas de ensino. Desse modo, técnica é a operacionalização do método.

RECURSOS DIDÁTICOS ou DE ENSINO: São componentes do ambiente de aprendizagem que dão origem à estimulação para o aprendiz. Adotam-se, muitas

54 BORDENAVE, Juan D.; PEREIRA, Adair M. *Estratégias de ensino*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. cap. 9, p. 203 a 220.

55 XAVIER, Francisco C.; VIEIRA Waldo. *Estude e viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 14. ed. 3. imp. Brasília: FEB, 2015.

56 NÉRICI, Imidio G. *Didática geral: dinâmica*. São Paulo, 1982.

vezes, as expressões INSTRUMENTOS DIDÁTICOS ou FERRAMENTAS DIDÁTICAS como sinônimas de RECURSOS DIDÁTICOS.

RECURSOS AUDIOVISUAIS: São assim denominados os recursos de ensino que estimulam diretamente a visão e/ou audição.

MEDIAÇÃO DIALÓGICA:⁵⁷ Processo de despertar do grupo por meio de diálogo interativo entre todos os participantes, para que, em conjunto, à luz da Doutrina Espírita, encontrem as melhores soluções para a construção do conhecimento que ilumine as experiências vividas no cotidiano, conforme recomenda Allan Kardec em *O livro dos médiuns*, cap. 3 – *Do método*, itens 18 e 19, partindo do simples para o complexo.

Além de técnicas e recursos dever-se-á atentar para a propriedade da formação de grupo de estudo do Espiritismo que deverá ter como indicadores: acolhimento, relações interpessoais e intrapessoais.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. [...] ⁵⁸

Mediação dialógica e a construção do conhecimento⁵⁹

O grande desafio dos facilitadores de estudos do Espiritismo é contribuir para que os objetivos da Doutrina sejam alcançados pelos participantes. Em outras palavras, que as experiências de aprendizagem que facilitam sejam capazes

57 Definição cunhada pela equipe da AEE reunida entre os dias 7 a 9 de setembro de 2017 e aperfeiçoada em encontros posteriores.

58 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 1 – *Caráter da revelação espírita*, it. 5.

59 Além da bibliografia referenciada, consultados e extraídas ideias de: ALMEIDA, Maria Denise de. *Mediação da aprendizagem em Reuven Feuerstein*. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Curso de Licenciatura em Enfermagem Disciplina ENO 0600 – Ensinar e aprender em Enfermagem: fundamentos teórico-metodológicos. Prof. Dra. Cláudia Prado; Prof. Dra. Bárbara Barrionuevo Bonini. São Paulo, 2018.

DEPRESBITERIS, Léa. *Estratégias de mediação: algumas possibilidades para provocar aprendizagem significativa*. Disponível em: http://www.adventista.edu.br/_imagens/area_academica/files/estratégias%20de%20mediação%20artigo.pdf. Acesso em: 2 ago. 2018.

de despertar nos participantes o anseio de tornarem-se bons espíritas ou homens de bem. Daí buscarem entre as estratégias de ensino-aprendizagem aquelas que creem melhor contribuir com esse desiderato.

Sabe-se que, tradicionalmente, e até historicamente,⁶⁰ há uma preferência geral no Brasil pela utilização de aula expositiva como estratégia de ensino-aprendizagem, tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos.

No entanto, aulas meramente expositivas, por concentrar toda a atividade no facilitador, torna-o o único sujeito do processo, relegando o participante à condição de passividade e alienação. Paulo Freire chamou esta perspectiva de educação “bancária”, pois é como se o professor tivesse o condão de depositar no aluno o conhecimento.

Por isso, essa estratégia, por si só, não é capaz de conduzir o educando aos fins almejados pela Doutrina, pois conforme nos alerta Kardec: “[...] É pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a Humanidade”.⁶¹

É verdade que muitos autores têm ressaltado o valor relativo da aula expositiva, porém chamando a atenção, dentre outras coisas, para a necessidade de utilizá-la apenas em momento oportuno, assim como de incrementá-la com maior participação dos educandos, transformando-a numa exposição dialogada. Ainda assim, o ideal é a utilização de uma estratégia mais interativa e que permita a todos os envolvidos atuarem como sujeitos do processo educativo.

A *mediação dialógica* surge, nesse contexto, como uma alternativa capaz de atender a essas expectativas, haja vista que promove os participantes a sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Ao facilitador cabe a função de mediar o encontro dos educandos com o objeto de conhecimento e entre si.

A expressão mediação dialógica de certa forma já anuncia a essência do processo. Etimologicamente, *mediação* deriva do latim *medius*, “meio”; e *dialógica*, do grego *dialogos*, “conversação”, formada por *dia-*, “através”, mais *legein*, “falar”.⁶² Poderíamos traduzi-la como uma experiência de ensino-aprendizagem em que o contato do participante com o objeto de estudo é intermediado por um mediador, que se utiliza da *conversação*, ou *diálogo*, como ponte entre ambos.

60 VEIGA, Ilma Passos A. (Org.). *Técnicas de ensino: por que não?.* 3. ed. Campinas (SP): Papirus, 1995. Aula expositiva: superando o tradicional, p. 36.

61 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. *Credo espírita*, it. Preâmbulo.

62 Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/pergunta/site/> Acesso em: 2 ago. 2018.

A mediação dialógica, no entanto, requer mais do que diálogo para alcançar bons resultados. Existem alguns pré-requisitos e condições necessários à caracterização dessa estratégia.

Um pré-requisito fundamental é a criação, nos grupos de estudos, de um *clima favorável* à aprendizagem significativa. Esse clima se manifesta *interiormen-*te em forma de paz, confiança, sensação de liberdade, alegria e entusiasmo para aprender. *Exteriormente*, aparece como honestidade intelectual, como coragem para expressar ideias e sentimentos, como disposição para realizar as atividades, ainda que não se tenha pleno domínio das habilidades necessárias, na ausência de medo de errar e de ser criticado pelo grupo ou pelo facilitador, na tolerância, na compreensão e na solidariedade com os colegas.

A construção desse clima no grupo requer do facilitador uma competência interpessoal nascida de seus esforços de autoconhecimento, autocultivo e de amor ao próximo. Segundo Carl Rogers, citado por Bordenave,⁶³ esse *clima favorável* à “aprendizagem genuína depende do tipo de *atitude* existente na *relação interpessoal* entre o facilitador e o aprendiz”.

Inspirados naquele autor, podemos dizer que o *facilitador*: 1) seja *autêntico*, real, que não se esconda por trás da máscara de “mestre”, de “perfeito”, do “sabe tudo”; que seja capaz de expressar seus reais sentimentos e pensamentos, o que requer certa dose de *humildade*; 2) *aprecie e respeite* os participantes, se interessando verdadeiramente pelo bem-estar e pelo progresso dos mesmos; 3) saiba *escutar com empatia*, em outras palavras, seja capaz de silenciar o mundo íntimo (desejos, emoções e pensamentos) para conseguir escutar, e colocar-se no lugar de quem fala, num esforço empático; e 4) *confie* sinceramente no potencial de crescimento do participante, proporcionando condições de *liberdade* e *apoio* para que ele se expresse com segurança.

Além do clima favorável, a mediação da aprendizagem requer algumas condições essenciais. Segundo Feuerstein, citado por Gomes,⁶⁴ os critérios para que haja mediação são os seguintes:

1) *mediação da intencionalidade*: o contato do educando com o objeto de conhecimento não deve se dar de qualquer jeito, sem direcionamento, sem sentido. Ao intermediar esse encontro, o educador o faz de forma planejada e intencional, selecionando os estímulos, de modo que o educando perceba, atente, compreenda,

63 BORDENAVE, Juan D.; PEREIRA, Adair M. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. 13. ed. Petrópolis (RJ): Vozes Ltda, 1993. cap. 3, it. C, p. 48.

64 GOMES, Cristiano Mauro A. *Feuerstein e a construção mediada do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2002. Pt. 2, cap. 3, p. 87.

distinga aquilo que o mediador deseja, o que é relevante do não relevante, o essencial do não essencial; 1.a) *mediação da reciprocidade*: o mediado, por sua vez, precisa querer aprender, devendo o mediador conquistar essa vontade, estabelecendo um vínculo com ele. A vontade de aprender do mediado deve ser recíproca à intencionalidade do mediador. Assim, o mediador deve estimular o mediado a falar, a contar o que está sentindo, bem como procurar entender as razões de seus comportamentos.

2) *mediação de significados*: mediar significado é conferir valor, energia e sentido aos conteúdos. Isso se consegue demonstrando que o conteúdo corresponde às necessidades do mediado e relaciona-se ao seu contexto existencial. Também pela demonstração de interesse e envolvimento emocional do mediador. Por essa mediação, é possível conferir ao objeto de conhecimento dimensões afetivas e éticas.

3) *mediação da transcendência*: o mediador deve auxiliar os participantes a transcender ou generalizar a situação de estudo (fatos, casos e conteúdos), induzindo leis ou regras gerais que regulem questões da mesma natureza em outros contextos. Tem como objetivo extrapolar as percepções e conclusões extraídas da realidade concreta estudada, do “aqui e agora”, e, por meio de generalizações, buscar sua aplicação em outras situações e contextos.

Além dessas condições, a mediação precisa considerar como se processa a construção do conhecimento. Conhecer, para Vasconcellos,⁶⁵ “é substituir a mistura de confusão e dissociação, que é a representação puramente concreta das coisas, pelo mundo das relações” construídas no tempo, no espaço e no campo lógico.

Por isso mesmo, para esse autor, o processo de construção do conhecimento se dá em três momentos: *síncrese* – momento inicial caótico, visão geral e difusa; *análise* – quando o sujeito decompõe o objeto em suas partes constituintes, sem perder a visão do todo; *síntese* – quando ele é capaz de sistematizar e expressar as relações que conseguiu estabelecer sobre o objeto de estudo de forma clara e precisa.

No entanto, isto não se dá de uma vez, mas por *aproximações sucessivas*, avançando e recuando em sínteses cada vez mais elevadas. O papel do facilitador é promover, pelo diálogo, o confronto das diversas representações mentais do objeto, em busca de representações cada vez mais integradas e complexas.

Compreendidas as condições acima, podemos verificar como se processa o ensino-aprendizagem na *prática da mediação dialógica*.

65 VASCONCELLOS, Celso dos S. *Construção do conhecimento em sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Libertad, 2000. Pt. 2, Metodologia dialética de construção do conhecimento em sala de aula, p. 45.

Apresentação sincrética do objeto de estudo

A mediação dialógica tem início no momento em que se mostra ao participante o que será estudado naquele encontro. Consiste em proporcionar uma visão geral, difusa, superficial do objeto de conhecimento – apresentação de um tema e seu contexto, de uma problematização da realidade, a descrição de uma situação ou fato, uma imagem etc.

Normalmente é curta e rápida, podendo utilizar qualquer técnica ou recurso – exposição, leitura de texto, narrativa, trecho de filme etc. –, desde que não inicie a análise. A abordagem é do tipo: “No contexto tal, é comum ouvir falar... Estudaremos hoje esse assunto”, “Observem estas imagens / informações /..., trataremos destas questões a partir de hoje” etc.

Levantamento dos conhecimentos prévios

Neste momento, solicita-se aos participantes que falem o que sabem ou pensam acerca do objeto de estudo. Uma vez que a construção do conhecimento se dá a partir dos já existentes, ainda que estes sejam simples ou elementares, é fundamental que apareçam, pois os novos conhecimentos precisam se integrar aos anteriores, negando-os, superando-os ou reestruturando-os.

Funciona como uma espécie de tempestade de ideias, em que os participantes expressam o que conhecem do tema, estimulados pelo mediador. Às vezes, os participantes apenas ouviram falar do título ou assunto, superficialmente.

A abordagem pode ser do tipo: “O que já ouviu falar disto?”, “O que você pensa sobre isto?”, “Quando você ouve isto, como você entende?”, “Qual sua opinião sobre isto?”.

O facilitador deve conter eventual postura dogmática, assim como os impulsos de corrigir ou dar as respostas certas. É preciso ter paciência, apreço e respeito pela história de aprendizagem dos participantes. Tudo o que disserem representa o que conseguiram juntar ao longo da vida a respeito do tema. É preciso escutá-los com sensibilidade e atenção. O sucesso desse momento depende do clima favorável à aprendizagem já mencionado.

Percepção/resgate de aprendizagens palingenésicas

Além dos conhecimentos ameadados nesta existência, é necessário *resgatar as aprendizagens palingenésicas*. Isto requer um esforço de acesso ao patrimônio conquistado nas múltiplas vidas e momentos de erraticidade.

Além do acervo geral das conquistas anteriores, sabemos que muitos de nós planejamos a reencarnação e nos preparamos no Mundo Espiritual para as tarefas que temos que realizar nesta existência; que o aprendido “lá” precisa ser confirmado “aqui”; que essa bagagem aparece no encarnado como instintos, tendências, habilidades, facilidades de entendimento, sentimentos, intuições etc. Assim, da mesma forma que levantamos os conhecimentos prévios desta vida, podemos buscar nossas conquistas palingenésicas.

A estratégia é utilizar alguns minutos de *silêncio interior*, de *introspecção*, de *contemplação íntima do objeto de conhecimento*, com vistas a captar o que sentimos ou *intuímos* dele.

Pensamos que esta prática é fundamental não apenas para o aproveitamento das conquistas anteriores, como também para atualizarmos tais aprendizados. Tomando consciência de como sentimos a realidade e de como traduzimos tais sentimentos em nossas explicações do mundo, sabemos em que realmente cremos (nossas crenças) e o que realmente vale para nós (nossos valores).

Então poderemos confrontar a nossa mais profunda percepção de mundo com a que o Espiritismo nos faculta e extrair daí as inferências e consequências *necessárias e possíveis* para o momento. Como se tratam de sentimentos, crenças e valores, mais que nunca a recomendação de Jesus se torna fundamental: *Não julgueis*, nem a si nem os outros.

Se não fizermos conexões entre nossa síntese evolutiva, resultado das múltiplas vidas, e as novas percepções trazidas pelos estudos, corremos o risco de o aprendizado cognitivo não ser capaz de afetar nossas atitudes e ações nos momentos cruciais da vida.

Também aqui deve-se considerar tudo o que foi dito no item anterior acerca dos cuidados com a participação do educando e a manutenção do clima favorável à aprendizagem.

É preciso fugir do maniqueísmo, do certo ou errado, e pensar evolutivamente como Kardec,⁶⁶ ao afirmar:

66 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 3 – *O bem e o mal*, Origem do bem e do mal, it. 10.

[...] o que era outrora um bem, porque era uma necessidade da sua natureza, transforma-se num mal [...] O mal é, pois, relativo e a responsabilidade é proporcionada ao grau de adiantamento.

Problematização das representações prévias e da realidade

Concomitantemente com os momentos acima descritos, à medida que os participantes expressam sua concepção do objeto de conhecimento, o facilitador, com sensibilidade, problematiza suas afirmações, formulando questões com o objetivo de verificar o grau de consciência dos participantes acerca dos conceitos que emitem. Também questiona acerca de eventuais conflitos ou desequilíbrios existentes entre suas posições e a realidade ou a lógica, de modo que, por si mesmos, possam perceber eventuais incongruências ou incoerências e sintam necessidade de buscar uma solução.

O fornecimento imediato das respostas certas pouco auxilia no despertar da consciência e na mobilização para as mudanças necessárias. Se o indivíduo estiver em paz com sua forma de entender as coisas, porque satisfaz suas necessidades existenciais, dificilmente aceitará uma proposta estranha, mesmo que possa parecer melhor.

Além disso, é comum nos sentirmos ofuscados com a informação, caso não estejamos preparados para ela. A depender da forma, da quantidade ou profundidade, pode levar o indivíduo ao afastamento, por considerar a solução distante de sua realidade.

A *problematização* e o *questionamento*, ao contrário, ao desestruturarem ou desequilibrarem a concepção do indivíduo acerca do objeto de conhecimento, abala seu sossego íntimo, criando a necessidade de reencontrar a harmonia perdida. Tira-o da zona de conforto, deixando-o em crise, a exigir soluções urgentes.

A abordagem da problematização pode ser feita com questões do tipo: “Se isso for assim mesmo, então como se explica tal coisa?”; “O que você quer dizer com essa palavra?”; “Por que...?”; “Como...?”; “Diante desse problema, como resolvê-lo?”.

Fornecimento de subsídio e solução dos problemas/questões

A fim de possibilitar aos participantes encontrar respostas às questões levantadas e aos problemas identificados, é necessário fornecer-lhes o conhecimento novo. Valem aqui quaisquer técnicas e recursos capazes de veicular informações:

texto oral, via exposição dialogada ou ativa-participativa; texto escrito, por meio de leitura comentada ou dialogada, trabalhos individuais ou grupais; filmes etc. Ressalte-se que quanto mais ativa for a técnica, maior a chance da construção do conhecimento se realizar.

Esta etapa ocorre ao longo do próprio diálogo. Em síntese, o mediador inicia a conversação formulando questões abertas, mais propícias à manifestação da diversidade de opiniões, do raciocínio divergente e da singularidade dos participantes. Percebendo que os educandos não conseguem encontrar as respostas, o mediador reformula as perguntas, tornando-as gradativamente mais fechadas e diretas.

Chega um momento, porém, que os participantes alcançam seu limite cultural, necessitando do conhecimento novo para terem condições de continuar refletindo. Nesse instante, o mediador fornece a informação necessária, utilizando-se de uma das técnicas citadas, e retoma as reflexões por meio do diálogo.

Esse processo se repete até que os objetivos planejados sejam alcançados, quando se conclui a mediação.

Considerações finais

Percebemos que a mediação dialógica é uma estratégia complexa, posto que normalmente requer a conjugação com outras para se alcançar bons resultados.

Também é uma das que melhor possibilitam a construção do conhecimento, haja vista pautar-se no diálogo e na atuação intensa do participante como sujeito da aprendizagem. O facilitador não aceita a posição de professor, assumindo a condição de mediador da aprendizagem.

Para alcançar bons resultados, no entanto, requer circunstâncias especiais, que precisam ser respeitadas: a construção de um clima favorável à aprendizagem e domínio das habilidades de mediação da aprendizagem pelo facilitador.

APÊNDICE E – O QUE PLANEJAR PARA O ESTUDO

Planejamento

“O planejamento não diz respeito a decisões futuras, mas às implicações futuras das decisões presentes” – PETER DRUCKER.

O que planejar para o estudo?

Os roteiros são as unidades básicas que buscam auxiliar o monitor na organização da reunião de estudos. Seguem um padrão e uma metodologia, buscando sempre conduzi-lo, sugerindo ações e elementos de apoio. Para cada roteiro, são apresentados os objetivos específicos, conteúdos básicos, sugestões didáticas, subsídios, referências bibliográficas e avaliação.

Mesmo com a adoção de um programa do ESDE, o monitor deverá preparar a reunião de estudo, levando em conta as características específicas do seu grupo, o espaço físico, os recursos materiais disponíveis, as características regionais, bem como o perfil e o nível de conhecimento dos participantes da reunião.

O planejamento do roteiro que se desenvolverá durante a reunião é necessário, porque evita a rotina e a improvisação, contribui para alcançar os objetivos propostos, promove a ciência do processo de construção do conhecimento, garante a segurança na orientação do grupo e otimiza o tempo.

Consideramos como importantes as seguintes características de um bom planejamento:

- a. Estar intimamente ligado aos objetivos;
- b. Ser elaborado para atender as necessidades do participante, respeitando sua realidade e seu perfil;

- c. Ser flexível, ajustando-se sem romper com a unidade e continuidade, quando necessário;
- d. Ser claro e preciso, com sugestões exatas e concretas sobre o trabalho que será realizado;
- e. Ser elaborado de acordo com a realidade local, o tempo e os recursos disponíveis. O tempo para cada atividade deve ser bem programado, evitando-se envolver assuntos do roteiro seguinte.

Componentes básicos do planejamento de ensino:

- a. Objetivos específicos: especificação do que se quer alcançar. São do participante e para o participante. Por exemplo: conceituar Deus; citar provas da existência de Deus; participar das atividades do grupo etc.;
- b. Conteúdo: organização do conhecimento devidamente selecionado. São os temas a serem estudados para se atingir os objetivos;
- c. Procedimentos: conjunto de método e técnicas. As técnicas são utilizadas para promover a integração e a interação dos participantes nas atividades propostas. O ideal é que sejam diversificadas, estejam adequadas às necessidades dos participantes, sirvam de estímulo à participação e sejam desafiadoras. Por exemplo: para trabalhar com um método ativo, podemos nos utilizar das dinâmicas de grupo. Para escolhermos o método, as técnicas e os recursos, precisamos sempre considerar o público, os objetivos, o conteúdo, o tempo e o espaço físico;
- d. Recursos: componentes do ambiente que dão estímulo ao participante. Quando usados de maneira adequada, contribuem para alcançarmos os objetivos, aproximando a aprendizagem de situações reais da vida. São exemplos de recursos materiais: materiais visuais, auditivos, audiovisuais, mídias etc. (projektor, computador, cartaz, música etc.).

Observações

É importante destacar a relevância que se tem dado, inapropriadamente, aos procedimentos e recursos a ponto de estarem acima do próprio conteúdo. *São meios, e não fim.* Não podem ter maior destaque. A finalidade a que se destinam é facilitar a compreensão dos conteúdos doutrinários.

Recomenda-se a leitura do capítulo 3 – *Do método* de *O livro dos médiuns*, em que consta, entre outras ideias fundamentais:

Não se espantem os adeptos com esta palavra – ensino. Não constitui ensino unicamente o que é dado do púlpito ou da tribuna. Há também o da simples conversação. Ensina todo aquele que procura persuadir a outro, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências. [...] (it. 18).

[...]

Todo ensino metódico tem que partir do conhecido para o desconhecido. [...] (it. 19).

Exemplo de planejamento da reunião do ESDE (plano de trabalho)

TEMA: DEUS

OBJETIVOS ESPECÍFICOS – Conceituar Deus. Identificar Deus como inteligência suprema, causa primária/primeira de todas as coisas.

CONTEÚDO – Subsídios: *O livro dos espíritos*, questões 1 a 9; *A gênese*, capítulo 2 – *Deus*, itens 1 a 7.

PROCEDIMENTO – Desenvolvimento:

- a. Introdução breve do assunto com projeção de imagens e textos com exposição dialogada;
- b. Trabalho em grupo com base na leitura prévia do subsídio e outros textos indicados pelo facilitador (perguntas diferentes sobre os textos, distribuídas uma para cada grupo, para que comentem entre si e depois apresentem para os outros grupos);
- c. Fechamento (integração do conteúdo apresentado; identificação do elo entre o conhecimento novo e o anterior e a aprendizagem do participante) com projeção de imagens e comentário pelo monitor/facilitador.

AValiação – Por meio da observação do envolvimento e desempenho dos participantes.

APÊNDICE F – EXEMPLOS DE ATIVIDADE CONTEXTUALIZADA

O centro de interesse no processo de construção do conhecimento no adulto está ligado à sua experiência de vida. O conteúdo precisa oferecer sentido e significado para o seu dia a dia. Os adultos são motivados a aprender quando sentem que suas necessidades e interesses são satisfeitos. Considerando a experiência de vida que o adulto traz, que é fonte de motivação para novos conhecimentos e sua necessidade de autodireção, o papel do facilitador é incentivar e participar do processo de investigação. Se as atividades, portanto, estiverem baseadas na reflexão e na ação, consequentemente, os assuntos serão relacionados com a prática.

Além de atividades que proporcionem a reflexão voltada para situações do cotidiano, sempre que possível, é preciso promover atividades que integrem os participantes em projetos sociais e campanhas da Instituição Espírita, conduzindo-os ao exercício da caridade.

O estudo de temas que promovam a paz e o progresso moral individual e coletivo, com repercussão na sociedade e no mundo em que vivemos, é um dos maiores propósitos dos grupos de estudo. Não se trata de discussões políticas, em consequência, é salutar o cuidado de conduzir os estudos com objetivos claros e precisos, sem abertura para divagações ou polêmicas partidárias e estéreis.

Os roteiros de estudo devem ser referenciados no cotidiano dos participantes. Para tanto, é preciso relacioná-los com suas vivências.

Os assuntos do cotidiano, se relacionados com os conteúdos estudados, ganham sentido e significado nos processos de mudança de comportamento e atitudes.

O adulto aprende para aplicação imediata às atividades que executa, para resolver problemas, e não simplesmente para acumular conhecimento de utilidade eventual e futura. [...] Seu ritmo de aprendizagem requer uma metodologia participativa, uma linguagem direta e experiências concretas. [...] Sua motivação se liga às expectativas de melhoria na carreira profissional, no reconhecimento social e na busca

do crescimento pessoal. [...] O adulto aprende estabelecendo conexão entre os conhecimentos adquiridos e suas experiências.⁶⁷

Exemplo 1

Depois de estudar a Lei de Liberdade, a Lei do Progresso, a Lei de Sociedade e a Lei do Trabalho, propor a seguinte atividade:

Esta notícia foi retirada de Repórter Brasil, Agência de Notícias, do dia 18 de junho de 2012. Foi adaptada para resguardar direitos pessoais. A partir deste texto, responda às questões abaixo.

Trabalhadores são resgatados de fazenda de eucalipto em Goiás

Um grupo de 14 pessoas foi libertado de condições análogas à de escravo de uma fazenda dedicada ao cultivo de eucalipto, no município de Anicuns (GO). Ocorrida entre 7 e 19 de maio, a operação da Superintendência Regional de Trabalho e Emprego de Goiás (SRTE/GO) resgatou os trabalhadores após apurar ofensa aos princípios básicos da dignidade humana por condições completamente precárias de trabalho degradante. Parte deles dormia em um espaço apertado e totalmente inadequado dentro de uma garagem, juntamente com um carro. Outros dormiam num barraco de chão batido ou sob cobertura de folhagem de bacuri e lonas, sem acesso a estruturas sanitárias e de preparo de alimentos. “Tudo era improvisado, sujo e sem nenhuma higiene, numa situação de extrema miséria. Os colchões, velhos e sujos, eram colocados no chão ou sobre pedaços de madeira.” (Auditor Fiscal da SRTE/GO à Repórter Brasil).

- 1) Como podemos analisar essa reportagem à luz da Doutrina Espírita?
- 2) Além dos direitos pessoais violados, que consequências social e familiar essas vítimas sofreram?
- 3) Considerando a Lei de Liberdade, a Lei do Progresso, a Lei de Sociedade e a Lei do Trabalho, que princípios foram violados? (Consultar *O livro dos espíritos*).

67 ALBIGENOR; MILITÃO, Rose. *Jogos, dinâmicas e vivências grupais: como desenvolver sua melhor "técnica" em atividades grupais*. 12. ed. Quallitymark Editora Ltda, 2010. Pt. 1 Introdução, cap. 5 – *Quem é o facilitador de grupo*, p. 32 e 33.

Exemplo 2

Algumas mulheres alegam que têm direito sobre o próprio corpo. Que a decisão sobre ter ou não filhos “indesejados” é direito delas.

1) Consulte as questões 357 a 360 de *O livro dos espíritos* e comente a afirmativa acima à luz da Doutrina Espírita.

2) Analise os cartazes, considere as questões acima e consulte *O livro dos espíritos*, questões 795, comentário de Kardec; 895; 908 e comentário de Kardec; 910; 913; 914; 916; 917 e comentário de Kardec. Elabore em grupo um artigo sobre a nossa responsabilidade perante as Leis Divinas acerca desse tema.



APÊNDICE G – ESTUDO EM GRUPO

A técnica operativa de grupo sejam quais forem os objetivos propostos aos grupos (diagnóstico institucional, aprendizagem, criação, planificação etc.), tem por finalidade que seus integrantes aprendam a pensar em uma coparticipação do objeto do conhecimento, entendendo que pensamento e conhecimento não são fatos individuais, mas produções sociais.⁶⁸

As atividades em grupo não constituem uma única técnica de estudar, no entanto, são oportunidades de crescimento coletivo em que uns aprendem e ensinam ao mesmo tempo em que socializam conhecimentos e experiências individuais.

Mesmo diante de tanto avanço tecnológico, ao dividir a grupo em grupos, o monitor/facilitador desenvolve atividades coletivas e medeia a socialização de ideias nas pesquisas realizadas. Desse modo, ocorre o crescimento interpessoal e a aprendizagem. As dinâmicas desenvolvidas nesses encontros fazem com que os participantes se sintam construtores do novo saber.



68 MINICUCCI, Agostinho. *Dinâmica de grupo: teorias e sistemas*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002. cap. 3 – *Treinamento e evolução em grupo*, Grupo operativo, p. 165.

A necessidade de aprender com os demais, de partilhar com os demais nossas ideias, sentimentos, de conseguir melhor entrosamento com as pessoas e com o mundo que nos rodeia é o que motiva a formação do chamado grupo de aprendizagem.⁶⁹

O papel do monitor nas atividades de grupo de estudo é o de facilitador.

Podemos destacar as seguintes habilidades, segundo Albigenor e Rose Militão, em *Jogos, dinâmicas e vivências grupais* (2000), importantes no desempenho dessa tarefa:

- » Tornar fácil a comunicação, o conhecimento, a integração, favorecendo o relacionamento entre os membros do grupo;
- » Mediar as situações geradas no grupo seja de cunho pessoal ou pertinentes ao trabalho que se está desenvolvendo.

Nos grupos de estudo, é importante que o monitor/facilitador conduza o grupo, possibilitando uma ação construtiva de aprendizagem, oferecendo orientação para que os participantes possam participar com autonomia, “integrando ao saber que já têm os novos conhecimentos que desenvolvem a cada dia”.⁷⁰

Os participantes dos grupos de estudo são adultos, por isso, no planejamento das atividades, precisam ser consideradas algumas das características que envolvem a aprendizagem do adulto, segundo ALBIGENOR e MILITÃO:

- » O adulto, pelo processo de aprendizagem, torna-se cada vez mais apto a se autodirigir, e as vivências acumuladas lhe permitem condições para isso;
- » O adulto aprende para aplicação imediata às atividades que executa, para resolver problemas, e não simplesmente para acumular conhecimento de utilidade eventual e futura;
- » O respeito que o adulto deseja e reclama se liga às considerações sobre suas características e sua participação no planejamento, na execução e avaliação das atividades das quais participa;

69 MINICUCCI, Agostinho. *Dinâmica de grupo: teorias e sistemas*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002. cap. 3 – *Treinamento e evolução em grupo*, it. 3.2 Evolução e maturidade de grupo, p. 145.

70 ALBIGENOR; MILITÃO, Rose. *Jogos, dinâmicas e vivências grupais: como desenvolver sua melhor "técnica" em atividades grupais*. 12. ed. Quallitymark Editora Ltda, 2010. Pt. 1, Introdução, cap. 5 – *Quem é o facilitador de grupo*, p. 32.

- » Seu ritmo de aprendizagem requer uma metodologia participativa, uma linguagem direta e experiências concretas;
- » Sua motivação se liga às expectativas de melhoria na carreira profissional, no reconhecimento social e na busca do crescimento pessoal;
- » O adulto aprende estabelecendo conexão entre os conhecimentos adquiridos e suas experiências;
- » O adulto cobra sempre o retorno de seu desempenho no processo ensino-aprendizagem. E a estratégia ideal é a autoavaliação, para que ele próprio julgue o seu processo.⁷¹

As atividades desenvolvidas tornam-se atrativas quando são desafiadoras e participativas e quando respeitamos as características psíquicas que motivam a aprendizagem desse perfil de participante.

Um grupo de trabalho torna-se eficiente quando: seus membros estiverem integrados; tiverem sido estabelecidas [...] as relações interpessoais; houver interdependência entre seus participantes; [...] o líder se tornar um elemento catalisador das preferências do grupo, de um lado, e coordenador das atividades na execução das tarefas, de outro, e os membros sentirem que estão pensando em grupo.⁷²

A postura do monitor/facilitador contribuirá para que as atividades de estudo e integração propostas estejam de acordo com a prática da moral evangélica quando:

- » Souber ouvir o participante, esclarecendo-o com respeito e amabilidade;
- » Estiver sensível aos movimentos do grupo, sabendo conduzir os debates de modo que todos participem com respeito e entusiasmo;
- » Estabelecer comunicação clara, objetiva e fraterna;
- » Mantiver coerência entre o que fala e o que faz, lembrando que o exemplo arrasta;

71 ALBIGENOR; MILITÃO, Rose. *Jogos, dinâmicas e vivências grupais: como desenvolver sua melhor "técnica" em atividades grupais*. 12. ed. Quallitymark Editora Ltda, 2010. Pt. 1, Introdução, cap. 5 – *Quem é o facilitador de grupo*, p. 32 e 33.

72 MINICUCCI, Agostinho. *Dinâmica de grupo: teorias e sistemas*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Busca de eficiência num grupo de trabalho, p. 184.

- » Estiver aberto às opiniões contrárias, respeitando-as, mas esclarecendo os conceitos à luz dos ensinamentos espíritas, sem ferir o participante;
- » Proporcionar momentos de compartilhar o comando das atividades com o grupo;
- » Reconhecer nos participantes seres imortais que buscam esclarecimentos para sua vida presente e futura, tomando o cuidado de conduzir “as verdades imortais” sem chocá-los, faltando com a caridade – Jesus nos amou e nos ama, apesar de nossa ignorância;
- » Lembrar-se de que não é o dono da verdade e que, tanto quanto os participantes, é também um aprendiz, mesmo porque a Doutrina Espírita, ainda, não foi completamente revelada.

Enfim, para trabalharmos com os grupos de estudo, devemos nos manter vigilantes, ter na mente e no coração os ensinamentos de Jesus e fazer esforços para sermos os verdadeiros espíritas ou verdadeiros cristãos. Não somos perfeitos, mas estamos em processo de aprendizagem. Para que esses ensinamentos sejam apreendidos, devemos vivenciá-los.

Vivam juntos alguns homens, animados desses sentimentos [amizade e fraternidade], e serão tão felizes quanto o comporta a nossa Terra. Ganhem assim, passo a passo, esses sentimentos, todo um povo, toda uma raça, toda a Humanidade e o nosso globo tomará lugar entre os mundos ditosos.⁷³

73 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. *Credo espírita*, it. Preâmbulo.

APÊNDICE H – AVALIAÇÃO

D. W. Johnson e R. T. Johnson descreveram em um trabalho acadêmico sobre aprendizagem cooperativa, critérios para a avaliação de êxito em grupos de estudos.⁷⁴

Dependência positiva

Os membros do grupo dependem um do outro uma vez que nenhum deles pode obter êxito se os outros não participarem ou malograrem. Apenas por intermédio de uma adequada cooperação, os resultados almejados podem ser alcançados. O objetivo comum torna a interatividade essencial, a qual, por sua vez, reforça a motivação dos participantes do grupo.

Responsabilidade individual

Cada membro é responsável pelas atividades do grupo como, por exemplo, a execução de tarefas e a participação nas atividades dos outros pela consecução do objetivo final. Os rendimentos de cada participante tornam-se visíveis e refletem no resultado final.

Interação construtiva

Os aprendizes de um grupo estimulam-se a atingir os objetivos enquanto se ajudam na obtenção de informações, na execução de tarefas, na tomada coletiva de decisões, assim como nas discordâncias.

74 JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T. (1990). Cooperative learning and research. In S. Shlomo (Ed.) Cooperative learning theory and research. New York: Preager, p. 23 a 37.

Habilidades sociais

As habilidades sociais dos participantes são fomentadas de tal modo que os mesmos se reconhecem no grupo. Os membros constroem uma relação de confiança, a qual é reafirmada pelo trabalho em conjunto que se desenvolve. As habilidades sociais são, também, um pré-requisito para o êxito do grupo de estudos.

Reflexão do grupo de estudo: não apenas por meio da retroalimentação, já que com o *feedback* do instrutor otimiza-se o grupo de trabalho; os membros aprimoram suas atividades e melhoram o grupo de estudo quando tematizam e avaliam, regularmente, sua atividade em conjunto e as condições adequadas para a cooperação.

Estudar em grupo facilita a construção do conhecimento, porque estimula os participantes a compartilharem informações, propiciando-lhes não apenas o desenvolvimento do seu próprio entendimento do Espiritismo, mas também o desenvolvimento de suas qualidades morais pelas reiteradas oportunidades de interação grupal.

Avaliar o processo de estudo no grupo será prática essencial e recorrente dentro de uma perspectiva de segurança e continuidade.

É necessário buscar um processo coerente de avaliação o que nos remete a pensar no “bom ensino”, tal como defende Vygotsky.⁷⁵ Reconhecer nesse processo elementos relevantes para a avaliação da aprendizagem.

Nessa perspectiva, a aprendizagem e, conseqüentemente, a avaliação não se limitam à memorização; sua meta é o desenvolvimento de funções complexas do pensamento.

Como atingir tal objetivo?

Para Vygotsky, a aprendizagem organizada de forma adequada é capaz de conduzir ao desenvolvimento. Daí a necessidade de atentarmos para a qualidade da aprendizagem proporcionada aos grupos de estudo e para a importância que a aprendizagem motivadora e continuada exerce no desenvolvimento cognitivo.

75 PALANGANA, Isilda C.; GALUCH, Maria Terezinha B.; SFORNI Maria Sueli F. *Acerca da relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento*. Revista Portuguesa de Educação. ano/v. 15, n. 001. Universidade do Minho Braga. Portugal, 2001. p. 111 a 128.

Palangana, Galuch e Sforzi (2002), ao defenderem a importância da qualidade dos processos de ensino e aprendizagem viabilizados esclarecem:

Se as funções mentais são socializadas e reconstruídas por meio da comunicação, do inter-relacionamento, então, é preciso estar atento à qualidade das informações, do saber mediado na relação facilitador/aprendiz. [...] O conteúdo trabalhado transforma-se em funções mentais, afetivas, psíquicas em geral, as quais compõem os fundamentos do pensamento. De modo que, antes de se questionar a qualidade de raciocínio, de percepção, de atenção, enfim, de pensamento do aprendiz, é preciso interrogar sobre a qualidade e como os conteúdos vêm sendo trabalhados nos núcleos e grupos de estudo.⁷⁶

76 VIGOTSKI, Lev. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

APÊNDICE I – EXEMPLOS DE INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Os exemplos a seguir são referenciais e podem ser adaptados para qualquer estudo. Se aplicadas todas as perguntas, a avaliação poderá ficar extensa. Cabe à equipe pedagógica, ou pessoa responsável pela atividade, selecionar, alterar ou criar outras de acordo com o que se pretende avaliar. Importante definir que objetivo(s) se pretende alcançar com o instrumento de avaliação.

1. Autoavaliação do facilitador (ao final de cada bimestre, trimestre, semestre ou quando se julgar conveniente)

Este exemplo objetiva uma autoanálise para tomada de consciência quanto às habilidades utilizadas no desempenho da tarefa e quanto ao que necessita de aperfeiçoamento. Caso seja necessário, a partir da autoavaliação, o monitor/facilitador poderá buscar apoio pedagógico ou administrativo, por exemplo:

Nome: _____

Facilitador, pedimos a gentileza de responder às perguntas a seguir com vistas ao aperfeiçoamento de nossa tarefa.

Planejamento e conteúdo doutrinário:

- a. Sente alguma dificuldade em alcançar os objetivos específicos do roteiro?
- b. Além da bibliografia citada, você se utiliza de textos complementares em apoio às reuniões? Justifique.
- c. Na reunião, como você estabelece a relação do roteiro anterior com o tema atual?

Atividades em grupo e relações interpessoais:

- a. Além das atividades de grupo, como você oportuniza momentos de debates?
- b. De que maneira você consegue estabelecer relação espontânea e positiva com a grupo?
- c. Como você percebe essa relação?
- d. Como você favorece o trabalho cooperativo no grupo? Comente.

Integração ao Estudo:

- a. Quais são seus ganhos pessoais em participar das reuniões doutrinárias e pedagógicas?
- b. Como está sua participação nas atividades propostas pela coordenação pedagógica? Por exemplo: estudo do livro.

2. Avaliação do facilitador pelo participante (ao final de cada bimestre, trimestre, semestre ou quando se julgar necessário)

Este exemplo objetiva evidenciar à equipe pedagógica e ao monitor/facilitador a percepção dos participantes quanto ao seu desempenho nos diversos aspectos do trabalho para facilitar o planejamento de ações que auxiliem no desenvolvimento das habilidades que envolvem a tarefa.

Grupo: _____

Facilitador: _____

Caro participante do estudo, pedimos a gentileza de responder às perguntas a fim de nos aperfeiçoarmos no desempenho dessa tarefa:

- a. O facilitador sente alguma dificuldade em alcançar os objetivos específicos do roteiro?
- b. Além da bibliografia citada, o facilitador se utiliza de textos complementares em apoio às reuniões? Exemplifique.
- c. Na reunião, como o facilitador estabelece a relação do roteiro anterior com o tema atual?
- d. Além das atividades de grupo, como o facilitador oportuniza momentos de debates?

- e. De que maneira o facilitador consegue estabelecer relação espontânea e positiva com o grupo? Como você percebe essa relação?
- f. Como o facilitador favorece o trabalho cooperativo no grupo?
- g. Como está a participação do facilitador nas atividades extrarroteiros propostos pela coordenação? Por exemplo: estudo do livro.

3. Autoavaliação do participante (ao final do bimestre, trimestre ou semestre ou quando julgado necessário)

Este exemplo objetiva proporcionar ao participante uma reflexão quanto ao seu envolvimento no processo de estudo e aprendizagem e em quem tem necessidade de melhorar sua integração. Objetiva também que a equipe responsável pelo estudo identifique as necessidades do participante para sua melhor integração e autonomia.

Grupo: _____

Nome (opcional): _____

Caro participante do estudo, é o momento de refletir sobre a sua efetiva participação e contribuição para o estudo:

- a. Gosta de participar do estudo? Por quê?
- b. Tem alguma dificuldade em acompanhar a reunião? Qual?
- c. Consegue estabelecer relação espontânea e positiva com o grupo? Justifique.
- d. Você se relaciona com participantes de outros grupos quando há eventos conjuntos? Justifique.
- e. Saber qual é o objetivo da reunião e as atividades que se desenvolverão facilita sua interação? Justifique.
- f. O tempo para a apresentação dos grupos é suficiente para o seu entendimento do assunto? Justifique.
- g. Você utiliza o tempo proposto para expor seu comentário de modo a permitir a participação de outros, sem monopolizar a discussão?
- h. Você tem o hábito da leitura da bibliografia citada nos roteiros e de textos complementares em apoio às reuniões? Justifique.

- i. Durante a reunião, você formula perguntas que são pertinentes ao tema estudado e aguarda momento oportuno para o esclarecimento de dúvidas particulares? Justifique.
- j. Você realiza as atividades extraclasse propostas? Justifique.
- k. Você contribui para que o grupo seja acolhedor e agradável? Justifique.
- l. Como contribuir para que a integração entre os componentes do estudo seja sempre fraterna?
- m. O conhecimento da Doutrina Espírita pode auxiliar o indivíduo na sua vida cotidiana?
- n. Considerando a citação de Emmanuel abaixo, qual é a sua responsabilidade na construção de um mundo melhor?

O Espiritismo será, indiscutivelmente, a força do Cristianismo em ação para reerguer a alma humana e sublimar a vida.

[...]

[...] A missão da Doutrina é consolar e instruir, em Jesus, para que todos mobilizem as suas possibilidades divinas no caminho da vida.

[...] a verdadeira construção da felicidade geral só será efetiva com bases legítimas no Espírito das criaturas.

[...]

Sem a Boa-Nova, a nossa Doutrina consoladora será provavelmente um formoso parque de estudos e indagações, discussões e experimentos, reuniões e assembleias, louvores e assombros, mas a felicidade não é produto de deduções e demonstrações.

O Evangelho é código de paz e felicidade que precisamos substancializar dentro da própria vida!⁷⁷

Deixe sua contribuição para melhorias.

77 XAVIER, Francisco C. *Palavras de Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. cap. 17 – *Espiritismo – Espiritualismo – Evangelho*.

4. Avaliação da Administração (ao final do bimestre, trimestre, semestre ou quando julgado necessário)

Este exemplo objetiva identificar necessidades de aperfeiçoamento das atividades administrativas desenvolvidas pela equipe do estudo.

Nome (opcional): _____

Caro facilitador/estagiário/participante, pedimos a gentileza de responder às perguntas a fim de nos aperfeiçoarmos no desempenho dessa atividade:

- a. Os membros da equipe do estudo são cordiais e acolhedores?
- b. São satisfatórias as atividades de: inscrição, confecção de crachás e dados cadastrais dos participantes? Justifique.
- c. O registro de presença dos participantes é disponibilizado em tempo satisfatório?
- d. Os participantes são procurados quando suas ausências são sucessivas, próximas ao limite?
- e. A equipe interage fraternalmente com os facilitadores, estagiários e participantes?
- f. A equipe participa das reuniões programadas, juntamente com as outras equipes?
- g. As salas são preparadas e mantidas em ordem para o desenvolvimento das atividades do estudo?
- h. A equipe atende satisfatoriamente às solicitações que lhe são pedidas?
- i. Sugestão para o que precisa melhorar: _____

APÊNDICE J – EXEMPLO DE FICHA DE INSCRIÇÃO

Ficha de Inscrição para o ESDE

Dados pessoais

Nome			
Gênero	Aniversário	E-mail	
☐ Masculino ☐ Feminino	/ /		
Endereço	CEP		
Telefone Residencial	Telefone Profissional	Telefone Celular	Placa do Carro

Perfil do participante

Casa Espírita que frequenta atualmente	Já fez o ESDE?	Se sim, onde fez e por quanto tempo?
	☐ Sim ☐ Não	
Participou da Juventude?	Se participou, onde e de que ano até qual ano?	
☐ Sim ☐ Não		
Habilidades (com as quais poderia auxiliar a FEB)		
Por que você escolheu fazer o ESDE? Quais suas expectativas?		
Observações		

Informações de inscrição

Turno e dia de preferência	☐ Noite (sábado): 18h30 às 20h30	☐ Noite (quinta-feira): 20h às 22h
* para os grupos de estudo em andamento		
Se não lhe for possível participar das reuniões nos horários oferecidos, gostaria de participar do EAD Espiritismo pela internet? (inscrições no portal da FEB www.febnet.org.br)		
☐ Sim ☐ Não		
Autorizo a FEB a entrar em contato comigo via telefone, e-mail ou correio.		
☐ Sim ☐ Não		

Local	Data	Assinatura
	/ /	

APÊNDICE K – BIBLIOGRAFIA UTILIZADA PELO ESDE/FEB

Por ordem alfabética de títulos

Título	Autor	Médium	Número de Citações			
			Programa		Total	
			F1	F2	Comp.	
Ação e reação	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	2	3	5	10
Allan Kardec – v. 1	Zéus Wantuil e Francisco Thiesen		12			12
Allan Kardec – v. 2	Zéus Wantuil e Francisco Thiesen		3		4	7
Allan Kardec – v. 3	Zéus Wantuil e Francisco Thiesen		3			3
Análise espíritas	Deolindo Amorim		2			2
Antologia da espi-ritualidade	Maria Dolores	Francisco Cândido Xavier			3	3
Antologia dos imortais	Diversos	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira		6		6
Antologia mediú-nica do natal	Diversos	Francisco Cândido Xavier			3	3

Título	Autor	Médium	Número de Citações			
			Programa		Total	
			F1	F2	Comp.	
Ave, Cristo!	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			1	1
Boa Nova	Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier	1	1	1	3
Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho	Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier	1		6	7
Cadernos doutrinários	Deolindo Amorim		3		1	4
Caminho da luz, A	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	11	1	9	21
Caminhos do amor, Os	Dalva Silva Souza			2		2
Caridade	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1		1
Cartas e crônicas	Irmão X	Francisco Cândido Xavier	1		1	2
Céu e o inferno, O	Allan Kardec		6	12	17	35
Cinquenta anos depois	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			1	1
Conduta espírita	André Luiz	Waldo Vieira			4	4
Consolador, O	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	11	9	20	40
Depois da morte	Léon Denis		5	7	6	18

Título	Autor	Médium	Número de Citações			
			Programa		Total	
			F1	F2	Comp.	
Desobsessão	André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	1		3	4
Deus na natureza	Camille Flammarion		1	1		2
Dicionário da alma	Diversos	Francisco Cândido Xavier	1			1
E a vida continua...	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	3			3
EADE I	Federação Espírita Brasileira				1	1
Emmanuel	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	4		10	14
Encontro marcado	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			2	2
Entre a Terra e o céu	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	7	1	6	14
Espiritismo básico	Pedro Franco Barbosa		12			12
Espiritismo e os problemas humanos, O	Deolindo Amorim		2			2
Espiritismo perante a ciência, O	Gabriel Delanne		1			1
Espiritismo: uma nova era	Richard Simonetti			4		4

Título	Autor	Médium	Número de Citações			
			Programa		Total	
			F1	F2	Comp.	
Espírito da verdade, O	Diversos	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira		3		3
Espírito e o tempo, O	José Herculano Pires		1		4	5
Estudando a mediunidade	Martins Peralva		3			3
Estudando o evangelho	Martins Peralva			1		1
Estude e viva	Emmanuel e André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira			1	1
Estudos espíritas	Joanna de Ângelis	Divaldo Pereira Franco	1	5		6
Evangelho segundo o espiritismo, O	Allan Kardec		55	42	34	131
Evolução anímica, A	Gabriel Delanne		1			1
Evolução em dois mundos	André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	15	3	5	23
Fenômeno espírita, O	Gabriel Delanne		7		6	13
Forças sexuais da alma	Jorge Andréa			2		2
Gênese, A	Allan Kardec		77	28	57	162
Grande enigma, O	Léon Denis		9			9

Título	Autor	Médium	Número de Citações			
			Programa		Total	
			F1	F2	Comp.	
Grandes e pequenos problemas	Angel Aguarod			4		4
Há dois mil anos	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			1	1
História do espiritismo, A	Arthur Conan Doyle		2		8	10
Justiça divina	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	2		1	3
Leis morais, As	Rodolfo Calligaris		1	12		13
Libertação	André Luiz	Francisco Cândido Xavier			4	4
Lindos casos de Chico Xavier	Ramiro Gama				1	1
Livro dos espíritos, O	Allan Kardec		201	144	131	476
Livro dos médiuns, O	Allan Kardec		21	1	92	114
Luz no lar	Diversos	Francisco Cândido Xavier	3			3
Martírio dos suicidas, O	Almerindo Martins de Castro			1		1
Mecanismos da mediunidade	André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira			15	15
Mediunidade	José Herculano Pires				1	1

Título	Autor	Médium	Número de Citações			
			Programa		Total	
			F1	F2	Comp.	
Mediunidade: estudo e prática – prog. 2	Diversos		1			1
Mediunidade e evolução	Martins Peralva				2	2
Memórias de um suicida	Camilo Cândido Botelho	Yvonne do Amaral Pereira	1			1
Mensageiros, Os	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	2	1	8	11
Mesas girantes e o espiritismo, As	Zéus Waltuil		5			5
Missionários da luz	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	12	1	9	22
Morte e o seu mistério, A – v. 1	Camille Flammarion				2	2
Morte: uma luz no fim do túnel	Hernani Guimarães Andrade		5			5
Nas pegadas do Mestre	Vinícius		1			1
No invisível	Léon Denis		5		15	20
No mundo maior	André Luiz	Francisco Cândido Xavier		1	12	13
No país das sombras	Elisabeth D'Espérance				2	2
Nos domínios da mediunidade	André Luiz	Francisco Cândido Xavier			18	18

Título	Autor	Médium	Número de Citações			
			Programa		Total	
			F1	F2	Comp.	
Nosso lar	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	1	5	9	15
Novo testamento, O	Diversos		1			1
Obras póstumas	Allan Kardec		20	5	28	53
Obreiros da vida eterna	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	1		8	9
Obsessão/desobsessão	Suely Caldas Schubert				8	8
Orientação ao centro espírita	CFN / FEB		2		16	18
Pai nosso	Meimei	Francisco Cândido Xavier	2		1	3
Palavras de Emmanuel	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	2			2
Palavras do infinito	Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier		1		1
Pão nosso	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1		1
Parábolas evangélicas	Rodolfo Calligaris			3		3
Parnaso de além-túmulo	Diversos	Francisco Cândido Xavier	1	6	2	9

Título	Autor	Médium	Número de Citações			
			Programa		Total	
			F1	F2	Comp.	
Pensamento de Emmanuel, O	Martins Peralva			3		3
Pensamento e vida	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		4	4	8
Perispírito	Zalmino Zimmermann		1		6	7
Poetas redivivos	Diversos	Francisco Cândido Xavier		4	2	6
Problema do ser, do destino e da dor, O	Léon Denis		2	11	3	16
Que dizem os espíritos sobre o aborto, O	Juvanir Borges de Souza			7		7
Que é o espiritismo, O	Allan Kardec		4	6	18	28
Recordações da mediunidade	Adolfo Bezerra de Menezes	Yvonne do Amaral Pereira			4	4
Reencarnação e imortalidade	Hermínio Correa Miranda		1			1
Reencarnação no Brasil	Hernani Guimarães Andrade		1			1
Religião dos espíritos	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	1	2	1	4
Reportagens de além-túmulo	Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier		2		2

Título	Autor	Médium	Número de Citações			
			Programa		Total	
			F1	F2	Comp.	
Revista Espírita – 1858	Allan Kardec				4	4
Revista Espírita – 1861	Allan Kardec				1	1
Revista Espírita – 1862	Allan Kardec				2	2
Revista Espírita – 1863	Allan Kardec				1	1
Revista Espírita – 1864	Allan Kardec				5	5
Revista Espírita – 1865	Allan Kardec		3			3
Revista Espírita – 1868	Allan Kardec		1	2	3	6
Revista Espírita – 1869	Allan Kardec				1	1
Roteiro	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	1	5	4	10
Rumo certo	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	1			1
S. O. S. família	Diversos	Divaldo Pereira Franco		1		1
Seara dos médiuns	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			4	4
Sexo e destino	André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira			1	1

Título	Autor	Médium	Número de Citações			
			Programa		Total	
			F1	F2	Comp.	
Sexo e evolução	Walter Barcelos			7		7
Temas da vida e da morte	Manoel Philomeno de Miranda	Divaldo Pereira Franco		1	1	2
Tempo de transição	Juvanir Borges de Souza			5		5
Tramas do destino	Manoel Philomeno de Miranda	Divaldo Pereira Franco			1	1
Transcomunicação através dos tempos, A	Hernani Guimarães Andrade		1			1
Trilhas da libertação	Manoel Philomeno de Miranda	Divaldo Pereira Franco			1	1
Vida além do véu, A	George Vale Owen				2	2
Vida e sexo	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		11		11
Vinha de luz	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	1			1
Voltei	Irmão Jacob	Francisco Cândido Xavier		1	1	2
Voz do monte, A	Richard Simonetti			2		2
Xenoglossia	Ernesto Bozzano		1			1

Por ordem de autores

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Adolfo Bezerra de Menezes	Yvonne do Amaral Pereira	Recordações da mediunidade	FEB	4	2	3
Adolfo Bezerra de Menezes	Yvonne do Amaral Pereira	Recordações da mediunidade	FEB	7	2	1
Adolfo Bezerra de Menezes	Francisco Cândido Xavier	Reformador	FEB	9	Anexo	1
Adolfo Bezerra de Menezes	Divaldo Pereira Franco	Reformador	FEB	9	Anexo	1
Alberto Nogueira da Gama		Reformador	FEB	9	2	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	1	2	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	1	2	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	2	1
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	1	2	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	1	3	3
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	3	1
Allan Kardec		Obras póstumas	FEB	1	3	1
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	1	3	1
Allan Kardec		Revista Espírita – 1868	FEB	1	3	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	4	7
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	2	1	2
Allan Kardec		Obras pósu- mas	FEB	2	2	11
Allan Kardec		Céu e o inferno, O	FEB	2	3	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	2	3	4
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	2	3	3
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	2	3	1
Allan Kardec		Obras pósu- mas	FEB	2	3	1
Allan Kardec		Céu e o inferno, O	FEB	2	4	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	2	4	7
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	2	4	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	2	4	6
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	2	4	2
Allan Kardec		Obras pósu- mas	FEB	2	4	2
Allan Kardec		Revista Espí- rita – 1865	FEB	2	4	2

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	3	1	3
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	3	2	5
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	3	2	3
Allan Kardec		Obras pósu- mas	FEB	3	2	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	3	3	10
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	3	3	2
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	3	4	5
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	3	4	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	4	1	3
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	4	1	1
Allan Kardec		Que é o espi- ritismo, O	FEB	4	1	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	4	2	5
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	4	2	18
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	4	3	11
Allan Kardec		Obras pósu- mas	FEB	4	3	2
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	4	4	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	4	4	15

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	5	1	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	5	1	5
Allan Kardec		Obras pós-tumas	FEB	5	1	2
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	5	2	2
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	5	2	2
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	5	3	5
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	5	3	1
Allan Kardec		Céu e o inferno, O	FEB	6	1	4
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	6	1	3
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	6	1	6
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	6	1	12
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	6	2	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	6	2	4
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	6	2	4

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Revista Espírita – 1865	FEB	6	2	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	6	3	11
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	6	4	4
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	6	4	4
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	6	4	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	6	5	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	6	5	10
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	6	6	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	6	6	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	6	6	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	7	1	6
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	7	1	5
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	7	2	3
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	7	2	8
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	7	3	6
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	7	3	4
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	7	4	5

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	7	4	24
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	7	5	10
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	7	5	2
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	7	6	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	7	6	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	7	6	11
Allan Kardec		Evangelho segundo o Espiritismo, O	FEB	7	7	6
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	7	7	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	7	7	4
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	8	1	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	8	1	11
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	8	2	6
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	8	2	12
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	9	1	7

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	9	2	8
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	9	2	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	9	3	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	9	3	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	10	1	9
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	10	2	3
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	10	3	6
Allan Kardec		Céu e o inferno, O	FEB	10	4	4
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	10	4	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	10	4	3
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	10	4	1
Allan Kardec		Céu e o inferno, O	FEB	11	1	5
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	11	1	5
Allan Kardec		Que é o Espiritismo, O	FEB	11	1	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	11	2	5
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	11	2	8
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	11	2	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	12	1	6
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	12	2	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	12	2	2
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	12	3	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	12	3	3
Allan Kardec		Obras póstumas	FEB	12	3	4
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	12	4	2
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	13	1	6
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	13	1	4
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	13	2	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	13	2	4
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	13	2	7

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Céu e o inferno, O	FEB	13	3	2
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	13	3	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	13	3	5
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	13	3	9
Allan Kardec		Revista Espírita – 1868	FEB	13	3	2
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	13	4	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	13	4	3
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	14	1	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	14	1	8
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	14	2	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	14	2	7
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	14	3	7
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	14	3	6

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	15	1	4
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	15	1	4
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	15	2	3
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	15	3	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	16	1	10
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	16	2	3
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	16	2	4
Allan Kardec		Obras póstumas	FEB	16	2	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	17	1	6
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	17	1	5
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	17	2	5
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	17	3	6
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	17	3	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	18	1	5
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	18	1	10
Allan Kardec		Céu e o inferno, O	FEB	18	2	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	18	2	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	18	2	6
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	18	2	9
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	18	2	4
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	1	1	2
Allan Kardec		Céu e o inferno, O	FEB	1	1	6
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	1	10
Allan Kardec		Céu e o inferno, O	FEB	1	2	3
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	2	4
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	1	2	1
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	1	2	3
Allan Kardec		Céu e o inferno, O	FEB	1	2	4

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	3	4
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	1	3	1
Allan Kardec		Revista Espírita – 1858	FEB	1	3	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	4	9
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	1	5	3
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	5	3
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	1	6	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	6	6
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	7	12
Allan Kardec		Que é o Espiritismo, O	FEB	1	7	1
Allan Kardec		Evangelho Segundo o Espiritismo, O	FEB	1	8	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	8	14
Allan Kardec		Evangelho Segundo o Espiritismo, O	FEB	1	8	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Céu e o Inferno, O	FEB	1	9	1
Allan Kardec		Evangelho Segundo o Espiritismo, O	FEB	1	9	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	9	12
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	1	10	11
Allan Kardec		Céu e o Inferno, O	FEB	2	1	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	2	1	10
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	2	1	2
Allan Kardec		Revista Espírita – 1868	FEB	2	1	1
Allan Kardec		Céu e o Inferno, O	FEB	2	2	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	2	2	4
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	2	2	2
Allan Kardec		Livro dos Médiuns, O	FEB	2	2	2
Allan Kardec		Obras Póstumas	FEB	2	2	4
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	2	3	1
Allan Kardec		Obras Póstumas	FEB	2	3	3
Allan Kardec		Revista Espírita - 1868	FEB	2	3	2
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	2	4	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	2	4	2
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	2	4	1
Allan Kardec		Revista Espírita – 1864	FEB	2	4	4
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	2	5	3
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	2	5	5
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	2	5	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	3	1	2
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	3	1	2
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	3	3	1
Allan Kardec		Obras póstumas	FEB	3	3	2
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	3	3	2
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	3	3	4
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	3	3	3
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	3	4	9
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	3	4	7
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	3	5	3

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	4	1	5
Allan Kardec		Obras pós-tumas	FEB	4	1	9
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	4	1	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	4	2	1
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	4	2	4
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	4	3	1
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	4	3	13
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	4	3	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	5	1	3
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	5	1	3
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	5	2	7
Allan Kardec		Obras pós-tumas	FEB	5	2	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	5	3	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	5	3	6
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	5	3	1
Allan Kardec		Revista Espírita – 1863	FEB	5	3	1
Allan Kardec		Revista Espírita – 1864	FEB	5	3	1
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	5	4	6
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	5	5	7
Allan Kardec		Que é o espiritismo, O	FEB	5	5	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	6	1	3
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	6	1	8
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	6	2	2
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	6	2	3
Allan Kardec		Obras póstumas	FEB	6	2	1
Allan Kardec		Livro dos Espíritos, O	FEB	6	3	1
Allan Kardec		Livro dos Médiuns, O	FEB	6	3	1
Allan Kardec		Revista Espírita - 1862	FEB	6	3	2
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	6	4	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	6	4	1
Allan Kardec		Revista Espírita – 1858	FEB	6	4	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	7	1	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	7	1	9
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	7	2	4
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	7	2	5
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	7	3	10
Allan Kardec		Revista Espírita – 1858	FEB	7	3	1
Allan Kardec		Revista Espírita – 1869	FEB	7	3	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	8	1	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	8	1	5
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	8	1	2
Allan Kardec		Obras póstumas	FEB	8	1	1
Allan Kardec		Céu e o inferno, O	FEB	8	2	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	8	2	1
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	8	2	3

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	8	3	4
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	8	3	2
Allan Kardec		Revista Espírita – 1861	FEB	8	3	1
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	8	4	3
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	8	4	2
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	8	5	1
Allan Kardec		Gênese, A	FEB	8	5	14
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	8	6	4
Allan Kardec		Livro dos espíritos, O	FEB	8	6	1
Allan Kardec		Obras póstumas	FEB	8	6	1
Allan Kardec		Obras póstumas	FEB	9	1	3
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	9	2	9
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	9	2	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Allan Kardec		Livro dos médiuns, O	FEB	9	3	1
Allan Kardec		Obras pós-umas	FEB	9	3	3
Allan Kardec		Evangelho segundo o espiritismo, O	FEB	9	3	1
Almerindo Martins Castro		Martírio dos suicidas, O	FEB	12	1	1
André Lagarde e Laurent Michard		Grands auteurs français du programme, Les	Bordas	1	1	6
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Ação e reação	FEB	2	4	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Obreiros da vida eterna	FEB	3	4	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Evolução em dois mundos	FEB	4	1	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Evolução em dois mundos	FEB	4	2	4
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Entre a Terra e o céu	FEB	6	2	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	E a vida continua...	FEB	6	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Evolução em dois mundos	FEB	6	3	5
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Missionários da luz	FEB	6	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nosso lar	FEB	6	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	E a vida continua...	FEB	6	4	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Entre a Terra e o céu	FEB	6	4	5
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Missionários da luz	FEB	6	4	8
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Entre a Terra e o céu	FEB	6	6	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Evolução em dois mundos	FEB	7	1	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Evolução em dois mundos	FEB	7	2	3

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Evolução em dois mundos	FEB	7	4	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Ação e reação	FEB	9	2	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Mensageiros, Os	FEB	9	2	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Missionários da luz	FEB	9	2	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Desobsessão	FEB	9	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	E a vida continua...	FEB	9	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Mensageiros, Os	FEB	9	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Missionários da luz	FEB	9	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nosso lar	FEB	10	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Mensageiros, Os	FEB	12	4	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nosso lar	FEB	12	4	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Entre a Terra e o céu	FEB	13	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	No mundo maior	FEB	13	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Evolução em dois mundos	FEB	15	1	3
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nosso lar	FEB	15	1	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Ação e reação	FEB	15	2	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Ação e reação	FEB	15	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Missionários da luz	FEB	15	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nosso lar	FEB	15	3	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Ação e reação	FEB	16	1	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Entre a Terra e o céu	FEB	1	5	3

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Evolução em dois mundos	FEB	1	6	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	No mundo maior	FEB	1	6	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nosso lar	FEB	1	6	8
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Obreiros da vida eterna	FEB	1	6	4
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Mensageiros, Os	FEB	1	6	3
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Libertação	FEB	1	6	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Obreiros da vida eterna	FEB	1	7	4
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Entre a Terra e o céu	FEB	1	9	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Ação e reação	FEB	1	10	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Entre a Terra e o céu	FEB	2	2	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Mecanismos da mediunidade	FEB	2	3	3
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Ação e reação	FEB	2	3	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Libertação	FEB	2	3	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nos domínios da mediunidade	FEB	2	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Ação e reação	FEB	2	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Evolução em dois mundos	FEB	2	4	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Mecanismos da mediunidade	FEB	2	4	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Sexo e destino	FEB	2	4	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Mecanismos da mediunidade	FEB	2	5	3

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Missionários da luz	FEB	2	5	4
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nos domínios da mediunidade	FEB	2	5	3
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nosso lar	FEB	2	5	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Mensageiros, Os	FEB	2	5	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Evolução em dois mundos	FEB	3	1	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Mecanismos da mediunidade	FEB	3	1	5
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Mecanismos da mediunidade	FEB	3	3	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nos domínios da mediunidade	FEB	3	3	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nos domínios da mediunidade	FEB	4	3	4
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Mensageiros, Os	FEB	4	3	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
André Luiz	Waldo Vieira	Conduta espírita	FEB	5	1	3
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Evolução em dois mundos	FEB	5	1	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Libertação	FEB	5	1	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nos domínios da mediunidade	FEB	5	1	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	No mundo maior	FEB	5	2	4
André Luiz	Waldo Vieira	Conduta espírita	FEB	5	2	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Mecanismos da mediunidade	FEB	5	4	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Missionários da luz	FEB	5	4	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nos domínios da mediunidade	FEB	5	4	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	No mundo maior	FEB	5	4	4
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Missionários da luz	FEB	5	5	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nos domínios da mediunidade	FEB	5	5	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Mensageiros, Os	FEB	6	1	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Ação e reação	FEB	6	2	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	No mundo maior	FEB	6	3	3
André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Desobsessão	FEB	6	4	3
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Missionários da luz	FEB	6	4	1
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Missionários da luz	FEB	7	1	2
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Nos domínios da mediunidade	FEB	7	1	3
André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Mensageiros, Os	FEB	8	5	1
Angel Aguarod		Grandes e pequenos problemas	FEB	13	2	1
Angel Aguarod		Grandes e pequenos problemas	FEB	14	2	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Angel Aguarod		Grandes e pequenos problemas	FEB	16	1	1
Angel Aguarod		Grandes e pequenos problemas	FEB	17	2	1
Arthur Conan Doyle		História do espiritualismo, A	FEB	2	1	2
Arthur Conan Doyle		História do espiritualismo, A	FEB	3	1	1
Arthur Conan Doyle		História do espiritualismo, A	FEB	3	2	7
Camille Flammarion		Deus na natureza	FEB	3	1	1
Camille Flammarion		Deus na natureza	FEB	13	3	1
Camille Flammarion		Morte e o seu mistério, A – v. 1	FEB	7	1	1
Camille Flammarion		Morte e o seu mistério, A – v. 1	FEB	7	3	1
Camilo Cândido Botelho	Yvonne do Amaral Pereira	Memórias de um suicida	FEB	6	3	1
CFN / FEB		Orientação ao centro espírita	FEB	9	3	2
CFN / FEB		Folheto: Evangelho no Lar	FEB	4	2	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
CFN / FEB		Conheça o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade	FEB	9	1	1
CFN / FEB		Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade	FEB	9	1	1
CFN / FEB		Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade	FEB	9	2	2
CFN / FEB		Orientação ao centro espírita	FEB	9	2	14
CFN / FEB		Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade	FEB	9	3	4
CFN / FEB		Orientação ao centro espírita	FEB	9	Anexo	2
CFN / FEB		Reformador	FEB	9	Anexo	1
Dalva Silva Souza		Caminhos do amor, Os	FEB	12	2	1
Dalva Silva Souza		Caminhos do amor, Os	FEB	14	2	1
Deolindo Amorim		Espiritismo e os problemas humanos, O	USE	1	1	2
Deolindo Amorim		Análise espíritas	FEB	2	3	2

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Deolindo Amorim		Cadernos doutrinários	Circulus	2	4	3
Deolindo Amorim		Cadernos doutrinários	Circulus	8	2	1
Diversos		Enciclopédia Delta Universal	Delta	2	3	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Parnaso de além-túmulo	FEB	3	3	1
Diversos		Novo testamento, O	FEB	3	4	1
Diversos		Mediunidade: estudo e prática – prog. 2	FEB	4	3	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Dicionário da alma	FEB	5	2	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Luz no lar	FEB	9	3	3
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Parnaso de além-túmulo	FEB	10	1	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Poetas redivivos	FEB	10	4	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Antologia dos imortais	FEB	11	1	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Parnaso de além-túmulo	FEB	11	2	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Poetas redivivos	FEB	12	1	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Parnaso de além-túmulo	FEB	12	3	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Antologia dos imortais	FEB	12	4	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Antologia dos imortais	FEB	13	1	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Antologia dos imortais	FEB	13	2	1
Diversos		Bíblia de Jerusalém	Paulinas	13	2	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Antologia dos imortais	FEB	13	4	1
Diversos		Bíblia de Jerusalém	Paulinas	13	4	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Diversos	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Espírito da verdade, O	FEB	13	4	3
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Poetas redivivos	FEB	14	1	1
Diversos	Divaldo Pereira Franco	S. O. S. família	LEAL	15	2	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Parnaso de além-túmulo	FEB	15	3	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Poetas redivivos	FEB	16	1	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Parnaso de além-túmulo	FEB	16	2	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Antologia dos imortais	FEB	17	2	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Parnaso de além-túmulo	FEB	18	1	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Parnaso de além-túmulo	FEB	1	9	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Poetas redivivos	FEB	3	1	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Antologia mediúnica do natal	FEB	3	4	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Poetas redivivos	FEB	3	5	1
Diversos		Bíblia de Jerusalém	Paulinas	4	2	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Antologia mediúnica do natal	FEB	5	1	1
Diversos		Enciclopédia mirador internacional	Enc. Britannica	8	1	2
Diversos		Dicionário da língua portuguesa	Objetiva	8	2	2
Diversos		Enciclopédia barsa	Ed. Planeta	8	2	2
Diversos		Enciclopédia mirador internacional	Enc. Britannica	8	2	2
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Parnaso de além-túmulo	FEB	8	3	1
Diversos		Bíblia de Jerusalém	Paulinas	8	4	1
Diversos		Bíblia de Jerusalém	Paulinas	8	6	1
Diversos	Francisco Cândido Xavier	Antologia mediúnica do natal	FEB	8	6	1
Edward McNall Burns		História da civilização ocidental	Globo	1	1	2
Elizabeth D'Espérance		No país das sombras	FEB	4	3	2

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Caminho da luz, A	FEB	1	1	8
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	1	3	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Palavras de Emmanuel	FEB	3	3	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Roteiro	FEB	3	3	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Justiça divina	FEB	3	4	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Rumo certo	FEB	3	4	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	5	2	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	5	3	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	6	2	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Religião dos espíritos	FEB	6	2	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Emmanuel	FEB	6	6	2

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	7	2	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Caminho da luz, A	FEB	7	3	3
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	7	7	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Emmanuel	FEB	8	1	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Justiça divina	FEB	8	1	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	8	2	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Emmanuel	FEB	9	1	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Vinha de luz	FEB	9	2	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Pensamento e vida	FEB	10	1	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	10	2	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	10	3	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Roteiro	FEB	11	1	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Roteiro	FEB	11	2	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Roteiro	FEB	12	1	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Pensamento e vida	FEB	12	2	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Vida e sexo	FEB	12	2	4
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Pensamento e vida	FEB	12	4	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Religião dos espíritos	FEB	13	2	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	13	3	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Caminho da luz, A	FEB	14	1	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	14	1	3
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	14	2	2

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	15	1	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Vida e sexo	FEB	15	1	5
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Religião dos espíritos	FEB	15	3	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Vida e sexo	FEB	15	3	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Caridade	IDE	16	1	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Pão nosso	FEB	16	2	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Ave, Cristo!	FEB	1	4	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Religião dos espíritos	FEB	1	6	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	1	7	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	1	8	4
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Pensamento e vida	FEB	2	2	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Roteiro	FEB	2	2	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Pensamento e vida	FEB	2	3	3
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	2	4	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	2	5	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	3	5	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	5	1	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Emmanuel	FEB	5	1	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Roteiro	FEB	5	1	3
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	5	3	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Seara dos médiuns	FEB	5	3	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Cinquenta anos depois	FEB	5	3	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Seara dos médiuns	FEB	6	2	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Encontro marcado	FEB	6	3	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Seara dos médiuns	FEB	6	3	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Seara dos médiuns	FEB	6	3	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Encontro marcado	FEB	6	4	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Há dois mil anos	FEB	7	1	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Caminho da luz, A	FEB	8	1	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	8	1	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Emmanuel	FEB	8	1	3
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Justiça divina	FEB	8	1	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Caminho da luz, A	FEB	8	2	4

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Emmanuel	FEB	8	2	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Caminho da luz, A	FEB	8	3	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Emmanuel	FEB	8	3	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Caminho da luz, A	FEB	8	4	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	8	4	1
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Emmanuel	FEB	8	4	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	8	6	2
Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Consolador, O	FEB	9	1	2
Emmanuel e André Luiz	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Estude e viva	FEB	9	2	1
Ernesto Bozzano		Xenoglossia	FEB	4	3	1
Federação Espírita Brasileira		Reformador	FEB	2	5	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Federação Espírita Brasileira		EADE I	FEB	8	2	1
Federação Espírita Brasileira		Movimento Espírita	FEB	9	1	2
Federação Espírita Brasileira		Movimento Espírita	FEB	9	3	4
Fernando A. Moreira		Reformador	FEB	15	3	2
Gabriel Delanne		Fenômeno espírita, O	FEB	1	3	1
Gabriel Delanne		Fenômeno espírita, O	FEB	2	1	6
Gabriel Delanne		Evolução anímica, A	FEB	4	2	1
Gabriel Delanne		Espiritismo perante a ciência, O	FEB	4	3	1
Gabriel Delanne		Fenômeno espírita, O	FEB	3	1	6
George Vale Owen		Vida além do véu, A	FEB	1	5	2
Hermínio Correa Miranda		Reformador	FEB	2	4	3
Hermínio Correa Miranda		Reencarnação e imortalidade	FEB	6	3	1
Hernani Guimarães Andrade		Morte: uma luz no fim do túnel	FE	4	3	2

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Hernani Guimarães Andrade		Morte: uma luz no fim do túnel	FE	6	2	3
Hernani Guimarães Andrade		Reencarnação no Brasil	Clarim	6	2	1
Hernani Guimarães Andrade		Transcomunicação através dos tempos, A	FE	6	2	1
Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier	Boa nova	FEB	8	1	1
Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier	Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho	FEB	8	2	1
Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier	Palavras do infinito	LAKE	10	3	1
Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier	Reportagens de além-túmulo	FEB	12	3	2
Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier	Boa nova	FEB	14	2	1
Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier	Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho	FEB	1	7	5
Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier	Boa nova	FEB	8	4	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier	Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho	FEB	9	3	1
Irmão Jacob	Francisco Cândido Xavier	Voltei	FEB	12	3	1
Irmão Jacob	Francisco Cândido Xavier	Voltei	FEB	7	2	1
Irmão X	Francisco Cândido Xavier	Cartas e crônicas	FEB	2	2	1
Irmão X	Francisco Cândido Xavier	Cartas e crônicas	FEB	1	1	1
Jesus S. F. Amaral		Enciclopédia mirador internacional	Enc. Britannica	1	1	2
Joanna de Ângelis	Divaldo Pereira Franco	Estudos espíritas	FEB	4	1	1
Joanna de Ângelis	Divaldo Pereira Franco	Estudos espíritas	FEB	12	2	2
Joanna de Ângelis	Divaldo Pereira Franco	Estudos espíritas	FEB	12	3	1
Joanna de Ângelis	Divaldo Pereira Franco	Estudos espíritas	FEB	12	4	2
Jorge Andréa		Forças sexuais da alma	FEB	15	2	2
José Carlos da Silva Silveira		Reformador	FEB	16	2	1
José Herculano Pires		Espírito e o tempo, O	Edicel	2	3	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
José Herculano Pires		Espírito e o tempo, O	Edicel	3	1	4
José Herculano Pires		Mediunidade	PAIDEIA	4	2	1
Juvanir Borges de Souza		Tempo de transição	FEB	13	1	3
Juvanir Borges de Souza		Tempo de transição	FEB	13	4	2
Juvanir Borges de Souza		Que dizem os espíritos sobre o aborto, O	FEB	15	3	7
Léon Denis		Depois da morte	FEB	3	1	1
Léon Denis		Grande enigma, O	FEB	3	1	8
Léon Denis		Grande enigma, O	FEB	3	2	1
Léon Denis		Depois da morte	FEB	3	4	1
Léon Denis		Problema do ser, do destino e da dor, O	FEB	4	2	1
Léon Denis		No invisível	FEB	4	3	5
Léon Denis		Depois da morte	FEB	6	6	1
Léon Denis		Depois da morte	FEB	7	6	1
Léon Denis		Problema do ser, do destino e da dor, O	FEB	8	2	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Léon Denis		Depois da morte	FEB	9	2	1
Léon Denis		Problema do ser, do destino e da dor, O	FEB	10	1	1
Léon Denis		Problema do ser, do destino e da dor, O	FEB	10	2	1
Léon Denis		Depois da morte	FEB	12	1	1
Léon Denis		Depois da morte	FEB	14	2	3
Léon Denis		Problema do ser, do destino e da dor, O	FEB	16	1	1
Léon Denis		Depois da morte	FEB	17	1	3
Léon Denis		Problema do ser, do destino e da dor, O	FEB	17	2	8
Léon Denis		Problema do ser, do destino e da dor, O	FEB	1	8	2
Léon Denis		Depois da morte	FEB	1	9	1
Léon Denis		Depois da morte	FEB	1	10	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Léon Denis		Depois da morte	FEB	2	2	1
Léon Denis		No invisível	FEB	2	2	3
Léon Denis		Depois da morte	FEB	3	1	1
Léon Denis		No invisível	FEB	3	1	10
Léon Denis		No invisível	FEB	5	3	1
Léon Denis		Problema do ser, do destino e da dor, O	FEB	5	3	1
Léon Denis		No invisível	FEB	7	3	1
Léon Denis		Depois da morte	FEB	8	2	1
Léon Denis		Depois da morte	FEB	8	6	1
Manoel Philomeno de Miranda	Divaldo Pereira Franco	Temas da vida e da morte	FEB	13	2	1
Manoel Philomeno de Miranda	Divaldo Pereira Franco	Temas da vida e da morte	FEB	5	1	1
Manoel Philomeno de Miranda	Divaldo Pereira Franco	Trilhas da libertação	FEB	6	3	1
Manoel Philomeno de Miranda	Divaldo Pereira Franco	Tramas do destino	FEB	7	3	1
Maria Dolores	Francisco Cândido Xavier	Antologia da espiritualidade	FEB	2	1	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Maria Dolores	Francisco Cândido Xavier	Antologia da espiritualidade	FEB	3	2	1
Maria Dolores	Francisco Cândido Xavier	Antologia da espiritualidade	FEB	6	2	1
Marta A. Moura		Reformador	FEB	6	3	2
Martins Peralva		Estudando a mediunidade	FEB	5	2	1
Martins Peralva		Estudando a mediunidade	FEB	5	3	2
Martins Peralva		Pensamento de Emmanuel	FEB	10	3	1
Martins Peralva		Estudando o evangelho	FEB	12	3	1
Martins Peralva		Pensamento de Emmanuel	FEB	15	1	1
Martins Peralva		Pensamento de Emmanuel	FEB	15	3	1
Martins Peralva		Mediunidade e evolução	FEB	4	2	2
Meimei	Francisco Cândido Xavier	Pai nosso	FEB	3	2	1
Meimei	Francisco Cândido Xavier	Pai nosso	FEB	3	3	1
Meimei	Francisco Cândido Xavier	Pai nosso	FEB	8	2	1
Pedro Franco Barbosa		Espiritismo básico	FEB	1	2	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Pedro Franco Barbosa		Espiritismo básico	FEB	1	3	3
Pedro Franco Barbosa		Espiritismo básico	FEB	2	1	1
Pedro Franco Barbosa		Espiritismo básico	FEB	2	4	7
Ramiro Gama		Lindos casos de Chico Xavier	LAKE	4	2	1
René Rémond		Século XIX, O	Cultrix	1	1	1
Richard Simonetti		Espiritismo: uma nova era	FEB	10	4	4
Richard Simonetti		Voz do monte, A	FEB	13	4	2
Rodolfo Calligaris		Leis morais, As	FEB	9	1	1
Rodolfo Calligaris		Leis morais, As	FEB	10	1	2
Rodolfo Calligaris		Leis morais, As	FEB	10	2	1
Rodolfo Calligaris		Leis morais, As	FEB	10	3	2
Rodolfo Calligaris		Leis morais, As	FEB	12	2	1
Rodolfo Calligaris		Leis morais, As	FEB	12	4	2
Rodolfo Calligaris		Leis morais, As	FEB	13	1	1
Rodolfo Calligaris		Leis morais, As	FEB	13	2	1
Rodolfo Calligaris		Leis morais, As	FEB	15	2	1

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Rodolfo Calligaris		Leis morais, As	FEB	16	1	1
Rodolfo Calligaris		Parábolas evangélicas	FEB	17	3	3
Ruth Guimarães		Dicionário da mitologia grega	Cultrix	8	2	1
Suely Caldas Schubert		Obsessão/ desobsessão	FEB	6	2	6
Suely Caldas Schubert		Obsessão/ desobsessão	FEB	6	4	2
Vinícius		Nas pegadas do Mestre	FEB	9	2	1
Walter Barcelos		Sexo e evolução	FEB	12	1	1
Walter Barcelos		Sexo e evolução	FEB	15	1	4
Walter Barcelos		Sexo e evolução	FEB	15	3	2
Zalmino Zimmermann		Perispírito	CEAK	4	1	1
Zalmino Zimmermann		Perispírito	CEAK	2	2	6
Zêus Waltuil		Mesas girantes e o espiritismo, As	FEB	2	1	2
Zêus Waltuil		Mesas girantes e o espiritismo, As	FEB	2	2	3
Zêus Waltuil e Francisco Thiesen		Allan Kardec – v. 2	FEB	2	1	3

Autor	Médium	Título	Editora	Mod.	Rot.	Ocorrências
Zêus Wantuil e Francisco Thiesen		Allan Kardec – v. 1	FEB	2	2	12
Zêus Wantuil e Francisco Thiesen		Allan Kardec – v. 3	FEB	2	4	3
Zêus Wantuil e Francisco Thiesen		Allan Kardec – v. 2	FEB	3	2	4

ANEXO A – O ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA NOS SEUS 35 ANOS⁷⁸

Desde a Campanha “Comece pelo Começo”, lançada pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE), em 1975, e o recebimento da mensagem de Angel Aguarod, em 1976, indicativa da necessidade de um estudo sistemático, passando pela elaboração e lançamento da “Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita”, em 1983, até os nossos dias, a conscientização quanto à importância do estudo regular do Espiritismo nas casas espíritas tem se ampliado sempre.

Os resultados alcançados ao longo do tempo evidenciam que a filosofia do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) reflete a proposta do Espiritismo de transformação moral dos indivíduos a partir da fé raciocinada. No conceito espírita, fé significa mais do que simples crença, pois resgata o conceito que Jesus e seus primeiros seguidores utilizavam. Nessa proposta renovadora, fé é sinônimo de fidelidade, sintonia, respeito e observância da Lei Divina, que está inscrita na consciência de cada ser. É vontade ativa, porque demanda o conhecimento dessa Lei e de sua aplicação nas relações com o próximo, para que o indivíduo sinta justificada a sua existência. Essa filosofia, no ESDE, se traduz em ações de acolhimento, consolo, esclarecimento, orientação, cooperação, trabalho coletivo e de divulgação pelo exemplo, com a proposta de participação de todos para o desenvolvimento intelecto-moral dos seres humanos. São ações que resultam na humanização das relações entre as pessoas.

O trabalho do ESDE fundamenta-se, pois, nas palavras de Jesus: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. No entanto, o ESDE é profundamente relacional, exigindo, em sua própria dinâmica, a interação entre as pessoas. Portanto, cabe aos responsáveis pelas atividades do ESDE nas instituições espíritas estar atentos à definição de Emmanuel: “A fraternidade pura é o mais sublime dos sistemas de relações entre as almas”.⁷⁹ Sendo o estudo regular e sistematizado do Espiritismo o seu objeto,

78 Título ajustado de 30 para 35 anos, mas mantido o mesmo conteúdo por sua atualidade.

79 XAVIER, Francisco C. *Nosso lar*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 141 – *Amor fraternal*.

o ESDE busca estimular o aprendizado e a vivência do Espiritismo de forma contínua, tendo como base as obras codificadas por Allan Kardec e o Evangelho de Jesus.

O ESDE propõe, assim, à coletividade, a todos os participantes – estudantes, coordenadores, facilitadores ou colaboradores nas atividades de apoio – estudar e vivenciar o Espiritismo de forma regular e contínua, atendendo à moral cristã e aos aspectos evolutivos da ciência e da filosofia.

Desde o começo, destacou-se que o ESDE não concorre com as demais atividades da Instituição Espírita, pois há outras formas de estudo que atendem necessidades diferenciadas, como as atividades da infância e da juventude, o estudo e a prática da mediunidade, as palestras públicas, as ações de acolhimento e apoio material e moral da Área de Assistência e Promoção Social, o acolhimento espiritual etc. Realmente, o ESDE, quando bem aplicado e direcionado ao objetivo de promover a integração do indivíduo, atua como instrumento de identificação e de preparação de trabalhadores para todas as áreas da Casa Espírita.

A Federação Espírita Brasileira (FEB), ademais, ao oferecer os programas do ESDE, não tem a pretensão de que sejam os únicos recursos de aprendizagem a serem utilizados no Movimento Espírita, mas apoia outras formas de estudo do Espiritismo, desde que guardem coerência com os postulados da Codificação. Defende, no entanto, que todo estudo sistematizado precisa estar norteado por metodologia que garanta a definição do que se pretende alcançar (objetivos) e a sugestão de possíveis caminhos para o oferecimento da oportunidade do estudo do conteúdo espírita, evitando transformar a reunião em palestra ou, ainda, em perda de tempo com a discussão de quaisquer assuntos ao sabor da “inspiração”, sem a garantia de que os participantes, em certo período de tempo, adquiram o conhecimento básico dos princípios e da proposta de renovação individual e coletiva, norteadores da filosofia espírita.

O ESDE oferece aos interessados a oportunidade do estudo conjunto, tornando-os capacitados a buscar por si mesmos, por meio da pesquisa individual, os parâmetros norteadores do seu processo evolutivo, aproveitando a oportunidade da reencarnação para realizar, agora, o que vem adiando, muitas vezes por séculos e até milênios, e que passa necessariamente pelo conhecimento e pelo exercício da fraternidade e da caridade em sua mais ampla expressão. O ESDE, portanto, é estudo que convida à prática da vivência cristã.

É um desafio imenso, que exige a criação e manutenção de ambiente propício à interação, por meio da qual cada um tenha a oportunidade de identificar os elementos que o auxiliem no autoconhecimento e na compreensão do próximo, todos sempre conscientes do propósito da autossuperação e da importância do apoio mútuo.

EQUIPE DO ESDE

(Orientação para o estudo sistematizado da doutrina espírita)

ANEXO B – COMO ORGANIZAR UMA SALA DE CONSULTA BIBLIOGRÁFICA E APOIO

A Instituição poderá montar uma sala de leitura para atender a toda a Área de estudo, envolvendo o DIJ, ESDE, obras básicas etc. No documento abaixo, onde se lê “biblioteca”, pode-se entender “sala de leitura” ou “espaço de leitura e pesquisa”, caso seja decidido pela não formação de uma biblioteca que exige a presença de bibliotecário responsável. (Veja-se a bibliografia utilizada pelo ESDE/FEB no **Apêndice K**).

Biblioteca espírita: organizar para quê?⁸⁰

A Instituição Espírita que você frequenta tem biblioteca?

Se a resposta for “sim”, excelente. Leia este artigo e receba algumas sugestões de como dinamizá-la.

Caso a resposta seja “não”, não deixe de ler as linhas abaixo para saber como organizar e implantar uma biblioteca em sua Casa Espírita.

A primeira recomendação é: não faça o trabalho sozinho. Forme uma equipe de trabalho interessada no assunto. Procure ajuda entre os integrantes da Juventude e do Estudo Sistematizado.

1. Composição do acervo

Acervo é o conjunto de documentos que constituem uma biblioteca. Os documentos mais comuns de uma biblioteca são os livros, folhetos/opúsculos e os periódicos.

O *livro* é um conjunto de folhas impressas e reunidas em volume encadernado ou em brochura.

80 CAMPETTI SOBRINHO, Geraldo. *Biblioteca espírita: princípios e técnicas de organização e funcionamento*. 2. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013.

Folheto é uma publicação não periódica de poucas páginas (no máximo 48, excluídas as capas).

Periódico é uma publicação editada em série contínua, sob um mesmo título, a intervalos regulares ou irregulares, por tempo indeterminado, numerada ou datada consecutivamente. Os periódicos mais comuns são os jornais e as revistas.

2. Seleção

Por se tratar de uma biblioteca espírita, os documentos que farão parte de seu acervo deverão ser previamente selecionados com base em alguns critérios. A título de sugestão, recomendamos que as obras:

- » Fundamentem-se nos princípios básicos da Doutrina Espírita;
- » Sejam mediúnicas ou escritas por estudiosos do Espiritismo;
- » Abordem isolada ou simultaneamente os aspectos científico, filosófico e religioso da Doutrina;
- » Propiciem o conhecimento da realidade espiritual;
- » Apresentem esclarecimentos à luz do Espiritismo sobre variados assuntos que preocupam o homem;
- » Despertem nos leitores o interesse pela reforma íntima;
- » Registrem a história do Movimento Espírita no Brasil e no mundo. A seleção não objetiva estabelecer uma censura, mas adequar os documentos à especialidade do acervo e às necessidades dos leitores/usuários.

3. Aquisição

Para adquirir documentos bibliográficos, três procedimentos são, geralmente, utilizados: compra, doação e permuta.

É importante que a biblioteca mantenha um catálogo atualizado com os dados e as instituições que comercializam livros e periódicos, como editoras, livrarias e distribuidoras, para contato e recebimento de materiais de divulgação sobre os títulos existentes e os novos lançamentos no mercado.

3.1 Compra

A compra restringir-se-á aos livros selecionados para composição do acervo.

É imprescindível que o trabalho seja desenvolvido com o aval da diretoria da Instituição, pois assim, além de estar integrado às demais atividades, contará com o apoio do presidente e demais diretores da Casa Espírita.

Por isso, se houver alguma verba para dar o primeiro passo, ela deverá ser bem empregada. Os distribuidores e algumas livrarias fazem descontos de até 30% sobre o valor de venda, o que diminui os custos e facilita a aquisição do material de interesse.

Procure adquirir alguns exemplares (de dois a três, conforme a demanda) dos livros que poderão ser mais procurados pelos usuários.

Os livros e folhetos adquiridos deverão ser conferidos com a nota fiscal de compra, sendo necessária uma rápida avaliação do estado geral da obra em termos da qualidade de impressão e acabamento. Obras danificadas devem ser trocadas pelo vendedor.

A aquisição de periódicos por compra é realizada mediante assinatura do título do periódico por determinado período. O usual é que a assinatura seja efetuada pelo prazo de um ano.

3.2 Doação

A doação é a forma de aquisição mais fácil e que melhor resultado pode apresentar em curto prazo. Portanto, mãos à obra. Se você vai organizar uma biblioteca, promova campanhas de doação entre os frequentadores/colaboradores da Instituição, seja de livros e periódicos novos ou já usados. Um contato com outras instituições pode ensinar a aquisição de documentos por doação. Porém, não se esqueça: os documentos doados só serão incorporados ao acervo da biblioteca após prévia seleção.

No processo de doação, pode-se receber muita coisa boa, mas também pode ocorrer – o que é bem provável – de se receberem livros e periódicos que não interessam ao acervo.

3.3 Permuta

A permuta é a troca de documentos em duplicata entre uma Instituição e outra. Esse procedimento ocorre com frequência entre bibliotecas já estruturadas de instituições não espíritas. Relacionam-se em lista de duplicatas os documentos que não são de interesse para a instituição e, por um sistema de mala direta, ou

algo similar, encaminha-se a lista a outras instituições, que poderão requisitar, dentre os relacionados, os documentos de seu interesse. É uma saudável forma de enriquecimento dos acervos, à medida que as instituições conseguem organizar suas bibliotecas e estabelecer intercâmbio entre si.

4. Organização

O que e como fazer para organizar os documentos de uma biblioteca?

A segunda recomendação é: não perca a calma antes de iniciar o trabalho, nem depois de iniciado.

4.1 Periódicos

Comece a organização pelos periódicos. Separe os periódicos (jornais e revistas, principalmente) dos livros e folhetos. Deixe estes últimos de lado e esqueça-os temporariamente.

Vamos, então, organizar os documentos passo a passo:

1º – Separe cada periódico por título;

2º – Ordene cada título cronologicamente (conforme a periodicidade: semanal, quinzenal, mensal, bimestral, trimestral, quadrimestral, semestral e anual) em ordem crescente;

3º – Carimbe cada fascículo com a identificação da biblioteca. Para isso, providencie um carimbo que contenha o nome da Instituição e a palavra biblioteca; Ex.: FEB – BIBLIOTECA.

4º – Registre os periódicos em ficha específica apropriada para o controle dos fascículos que a biblioteca já possui e dos outros que vão chegando com o tempo. Essa ficha deve conter os dados do periódico, como: título; nome, endereço e telefone da editora; periodicidade, forma de aquisição e espaços adequados para a anotação de cada fascículo.

5º – Arquive os periódicos nas estantes por título, sempre da esquerda para a direita, prateleira por prateleira, até passar para outra estante, quando necessário. Reserve um espaço de um título para outro, prevendo o provável crescimento do acervo. Caso necessário, utilize porta-revistas ou caixas bibliográficas e bibliocantos para armazenagem e apoio dos documentos.

Pronto! A organização dos periódicos está concluída, ou melhor, iniciada. Agora, é só mantê-la e estar atento aos novos lançamentos.

4.2 Livros

Os livros e folhetos são os documentos mais comuns de uma biblioteca, representando, assim, a maior parte de seu acervo.

Para organizar esses documentos, são necessários alguns passos que facilitam a execução do trabalho:

1º – Carimbo de identificação: carimbe com a identificação da biblioteca (mesmo carimbo já usado para os periódicos) o livro em seu corte – parte oposta à lombada – e em algumas páginas predeterminadas, como a primeira e a última, além do rosto.

2º – Registro: registre cada exemplar por meio da fixação de carimbo apropriado no verso da folha de rosto. Os números devem ser anotados em ordem crescente em cada ano. Em novo ano, reinicia-se a numeração. Outra opção é prosseguir com a numeração indefinidamente.

Ex.:

FEB/DIJ

BIBLIOTECA

Número:

Data: ____/____/____

O registro, também conhecido como tombamento, assegura o livro como propriedade da biblioteca, conferindo individualidade a cada exemplar. Para facilitar o seu entendimento, imagine que você estivesse fazendo o levantamento patrimonial de uma Instituição. A ideia é a mesma, pois o livro se torna patrimônio da Instituição Espírita. Mais ou menos assim: este livro pertence à biblioteca. Entendeu?

A terceira recomendação é: se possível, conte com a ajuda de um bibliotecário ou de um auxiliar de biblioteca. Caso contrário, conte com você mesmo. Não desista.

3º – Classificação: considerando a variedade de assuntos abordados na extensa literatura espírita, que já ultrapassa dois mil títulos, optamos por fazer uma classificação decimal distinta das tradicionais Classificação Decimal de Dewey e Classificação Decimal Universal, que não atendem às especificidades da literatura espírita.

Desenvolvemos, assim, em colaboração com especialistas nas áreas de Ciência da Informação e de Informática, a Classificação Decimal Espírita (CDE), que obedece aos critérios: assunto (arte, biografia, ciência, educação, filosofia, história e religião) e tipologia (conto/ crônica, mensagem, poema, romance, referência, obras de Kardec, Série André Luiz, infantil e outros idiomas).

A estrutura da CDE é composta pelos elementos:

- » Código numérico;
- » Iniciais de autor e título;
- » Ano (quando necessário para diferenciação);
- » Número do volume (quando for o caso); e
- » Número do exemplar.

Cada elemento acima enumerado tem uma função específica na classificação de um livro e deve ser registrado na sequência apresentada. Vale lembrar que os periódicos não serão classificados por assunto, mas apenas ordenados alfabeticamente por seus títulos. O código numérico é constituído de seis dígitos, separados, a cada dois, por ponto. Ex.: 00.00.00.

As iniciais de autor e título são letras indicativas do nome do autor (duas letras em caixa alta; ex.: AK, para Allan Kardec) e do título do documento (duas letras em caixa baixa das palavras mais significativas do título; ex.: le, para *O livro dos espíritos*).

O ano só constará da classificação para documentos como relatórios, regimentos, regulamentos e estatutos referentes aos trabalhos de uma Instituição, pois, nesses casos, ele será o único elemento diferenciador. Ex.: 1998.

O número do volume será exclusivo para as publicações em mais de um volume. Ex.: v. 1, v. 2, v. 3 etc.

O número do exemplar será indicado para todos os livros e folhetos, independentemente da quantidade de exemplares que a biblioteca possua de determinado título. Ex.: e. 1, e. 2, e. 3 etc.

Vamos conhecer, então, a CDE, cujas classes estão desenvolvidas no livro *Biblioteca espírita*:

00.00.00 GENERALIDADE

10.00.00 FILOSOFIA

20.00.00 RELIGIÃO

30.00.00 CIÊNCIA

40.00.00 EVENTO

50.00.00 MOVIMENTO ESPÍRITA

60.00.00 EDUCAÇÃO

70.00.00 ARTE. COMUNICAÇÃO

80.00.00 LITERATURA

90.00.00 HISTÓRIA. BIOGRAFIA

4º – Catalogação: catalogar um livro ou folheto é fazer a anotação de alguns dados importantes para a descrição física do documento, tais como nome do autor, título da obra, subtítulo (se houver), nome do autor espiritual (para as obras mediúnicas), número da edição, local de publicação, editora, ano de publicação, número de páginas e assunto geral extraído da CDE.

Abaixo, citamos dois exemplos de fichas catalográficas para facilitar a visualização de como elas devem ser preparadas:

Ex.: 1: Obra não mediúnica

30.00.00 EK ge

Kühl, Eurípedes. Genética e espiritismo. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997. 158p.
CIÊNCIA

Ex.: 2: Obra mediúnica

1.2 Franco, Divaldo P. *Trilhas da libertação*. Pelo Espírito

Manoel P. de Miranda. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. 328p. ROMANCE

A catalogação possibilita a organização dos catálogos da biblioteca para o acesso às informações relativas ao autor (ficha principal), ao autor espiritual, ao título da obra e ao assunto (fichas secundárias, simples desdobramentos das fichas principais). Para cada tipo de catálogo, é conveniente a preparação de um fichário específico, que deverá ser ordenado alfabeticamente.

5º – Etiquetagem: antes de arquivarmos o livro na estante, é necessário etiquetá-lo, isto é, colar na parte inferior da lombada uma etiqueta, de preferência autoadesiva, com a classificação. Ex.: 00.06.01 AK le e. 1

Essa etiqueta representa o endereço do documento na estante, possibilitando a sua localização e reposição, após o uso, no devido lugar.

6º – Arquivamento: os livros e folhetos serão arquivados nas estantes de acordo com a ordem numérica das classes, observando-se a sequência estabelecida na classificação.

Aqui também é conveniente reservar um espaço em cada prateleira, a fim de se prever a possível ampliação do acervo.

5. Consulta, empréstimo e divulgação

O trabalho de organização de uma biblioteca é realizado com vistas à utilização de seu acervo. Não há sentido algum em manter os documentos impecavelmente arrumados se eles não têm utilidade.

A razão da existência de uma biblioteca é oferecer apoio às atividades que são desenvolvidas na Instituição Espírita, como evangelização infantojuvenil, estudo sistematizado, estudo do Esperanto, estudo e educação da mediunidade, pesquisas ou mesmo a simples leitura de um livro por prazer.

Uma pessoa procura a biblioteca pela necessidade de encontrar alguma informação de seu interesse, seja para consultar um documento no local ou levá-lo emprestado.

Em ambos os casos, a biblioteca precisa dispor dos recursos necessários para o bom atendimento ao usuário: pessoas habilitadas, um bom acervo, espaço físico e mobiliário adequados, serviços e produtos satisfatórios.

Não se consegue, de imediato, atingir o nível ideal para o trabalho de uma biblioteca. É preciso ter paciência, perseverança e preparação para o desenvolvimento das atividades.

Os usuários utilizarão o acervo da biblioteca *in loco* ou levarão emprestado(s) o(s) documento(s) de interesse. No caso do empréstimo, deve-se cadastrar o usuário, a fim de habilitá-lo ao uso dos serviços que a biblioteca oferece.

Um regulamento estabelecerá o horário de funcionamento da biblioteca, bem como as normas para acesso e uso do acervo, incluindo o empréstimo.

A literatura moderna no campo da Ciência da Informação enfatiza a questão da biblioteca sem paredes, da biblioteca virtual, da biblioteca sem papel. Essa área está passando por uma fase de transição, como a própria sociedade e as diversas profissões que precisam adaptar-se às rápidas mudanças ocorridas, principalmente, em decorrência dos avanços científicos e tecnológicos, que têm provocado uma verdadeira revolução nos costumes humanos.

A biblioteca não pode e não deve, até como condição de sua sobrevivência, permanecer fechada em seu reduto, isolada dos demais setores da Instituição. Ela necessita “sair de seu próprio ambiente”, indo ao encontro das necessidades dos usuários, e não ficar à espera de que o consulente venha procurar a biblioteca.

Para isso, há duas formas de atuação relacionadas aos serviços e produtos que a biblioteca pode oferecer.

Quanto aos serviços, promoção de atividades de extensão (desenvolvidas pela biblioteca fora de sua sede), tais como a utilização de caixa-estante e carro-biblioteca, modalidades de biblioteca ambulante.

Quanto aos produtos, há que se preocupar com a elaboração de instrumentos de divulgação do acervo, tais como: novas aquisições, leitura selecionada e sumários correntes.

6. Informatização

Todo o trabalho de organização anteriormente descrito pode ser realizado utilizando-se os modernos recursos da informática. Aliás, a informatização tem exercido grande insurgência no funcionamento das bibliotecas e nos serviços de informação.

Os principais benefícios da introdução dos computadores nas bibliotecas têm sido a padronização, o aumento da ciência, a cooperação entre instituições, a prestação de melhores serviços e apresentação de produtos de boa qualidade.

Os serviços de empréstimo, com o controle da circulação dos livros e periódicos, podem ser executados por sistemas adequados.

O registro e a indexação dos documentos em bases de dados informatizados facilitam a recuperação de informações.

O funcionamento em rede (intranet ou internet) é um dos meios para acesso e recuperação de informações que mais tem crescido atualmente.

As instituições espíritas, de um modo geral, não podem ficar à margem desse processo irreversível de informatização de produtos e serviços. E, naturalmente, pelo fato de ser uma área que trabalha com a informação, a biblioteca precisa estar inserida nesse contexto.

7. Conclusão

Uma biblioteca bem organizada pode prestar relevantes serviços à Instituição Espírita. Dentre os benefícios, destacamos a divulgação do Espiritismo, a formação do hábito de leitura em crianças e jovens e a promoção da reforma íntima pelo conhecimento da Doutrina.

Informações mais detalhadas sobre os assuntos aqui abordados de forma sumária podem ser encontradas na obra citada anteriormente. Porém, esperamos que a pergunta formulada no subtítulo desta seção tenha sido respondida. A pessoa mais indicada para fazer essa avaliação é você, amigo leitor.

ANEXO C – EXEMPLO DE TERMO DE TRABALHO VOLUNTÁRIO

TERMO DE ADESÃO

VOLUNTARIADO		
Nome:		
RG:	CPF:	
Data nasc.:	Naturalidade:	Nacionalidade:
Estado civil:	Profissão:	Telefone:
Endereço:		
Bairro:	Cidade/UF:	CEP:
A atividade que escolhi como voluntário (a) é a de _____, com duração de ____ / ____ / ____ até ____ / ____ / ____, de _____ às _____ h. ou com duração de ____ / ____ / ____ até ____ / ____ / ____, todas as _____ (dia da semana) de _____ às _____ h.		

ENTIDADE		
Denominação:		
CNPJ:	Inscr. Mun. e/ou Est.:	
Representante legal:	RG:	
Endereço:		
Bairro:	Cidade/UF:	CEP:
Área de atuação:		

Pelo presente Termo de Adesão, decido espontaneamente realizar atividade voluntária nesta organização, ciente da Lei nº 9.608, de 18/02/1998, que declara a atividade como não remunerada, sem vínculo empregatício e sem quaisquer obrigações de natureza trabalhista, previdenciária ou afim. (Local), ____ de _____ de ____. Voluntário(a): _____ Entidade: _____ 1ª Testemunha: _____ 2ª Testemunha: _____	
--	--



Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Edna Maria Fabro
Evandro Noleto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Revisão:

Elizabete de Jesus Moreira
Mônica dos Santos da Silva

Capa:

Thiago Pereira Campos

Foto da Capa

www.shutterstock.com | qoppi

Projeto Gráfico e Diagramação:

Rones José Silvano de Lima – www.bookebooks.com.br

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro